

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

RANIELLE CAVALCANTE DE MACEDO

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESPAÇOS: EXPERIÊNCIAS DOS EX-
COMBATENTES DE PARELHAS-RN NA DEFESA DO LITORAL
BRASILEIRO DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

**Natal-RN
2009**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESPAÇOS: EXPERIÊNCIAS DOS EX-
COMBATENTES DE PARELHAS-RN NA DEFESA DO LITORAL
BRASILEIRO DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Ranielle Cavalcante de Macedo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria da Conceição Fraga

Natal-RN
2009

Aos meus pais, Cleodom (in memoriam) e Maria José, pelo amor, sacrifício e ensinamentos.

À minha noiva, Gleysiana, que sempre esteve ao meu lado nessa grande jornada.

A todos os ex-combatentes de Parelhas, presentes e ausentes, pelo sacrifício na Guerra e pelas inefáveis contribuições à minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Ao meu *Deus*, pai misericordioso, pela força que me deu nos momentos mais difíceis dessa grande jornada acadêmica e pelos anjos que colocou em meu caminho.

A um desses anjos, a minha orientadora *Maria da Conceição Fraga*, exemplo de postura ética, solidariedade e honestidade, por todas as inefáveis contribuições a minha vida universitária, pela amizade sincera dispensada e por me ensinar que quanto maior forem os obstáculos, mais fortes temos que ser.

Aos professores *Rubenilson Brazão Teixeira* e *Margarida Maria Dias de Oliveira*, por participarem da minha banca de qualificação contribuindo com dicas preciosas para confecção desta pesquisa.

Aos colegas da minha turma do mestrado: *Alenuska, Tiago Torres, Thiago Medeiros, Yuma, Enzo, João Carlos, Neto, Mariano, Harley* e, em especial, minha querida amiga *Luciana*.

Aos queridos amigos, mestres em história, *Helder, Clarice, Alúisia e Adriana* aos quais serei eternamente grato pelo incentivo e importantíssimas contribuições a esta pesquisa.

Aos secretários do mestrado, *Cétura e Otávio*, pelo profissionalismo e atenção que me dedicaram.

A todos os professores do Departamento de História da UFRN por todo conhecimento transmitido ao longo desses anos.

Aos ex-combatentes de Parelhas que gentilmente me receberam em seus lares para coleta de depoimentos, em especial a *José Matias da Silva, Miguel Soares de Azevedo, Norberto Gomes da Silva, Ovídio Alves Diniz, Pedro Silvino da Silva e Severino Nicolau da Silva (in memoriam)*.

Aos grandes amigos da Residência Universitária de Pós-Graduação da UFRN, onde morei no primeiro semestre do mestrado, em especial a *Alcides*, *Eves* e *Ednara* pela excelente acolhida que me deram e pela compartilha dos mesmos desafios e angústias.

Jamais os esquecerei.

A minha mãe, *Maria José*, por ter me acompanhado nas visitas aos ex-combatentes e por todo o apoio e incentivo dispensados durante minha vida acadêmica.

A minha noiva, *Gleysiana*, meu porto seguro, companheira de todas as horas que estive pacientemente ao meu lado nessa jornada compartilhando das minhas renúncias, incertezas e conquistas.

Agradeço em especial aos meus sogros, *Francisco* e *Genilda*, pelo apoio moral e material que me deram nos primeiros e mais difíceis dias do mestrado quando estive prestes a desistir e voltar para Parelhas, pois, desempregado, não tinha condições de me manter em Natal. A vocês meu eterno agradecimento.

À história seca, fria, impassível,
prefiro a história apaixonada. Incliná-me-ia
mesmo a considerá-la mais verdadeira.

Georges Duby

MACEDO, Ranielle Cavalcante de. **História, memória e espaços: experiências dos ex-combatentes de Parelhas-RN na defesa do litoral brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2009.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as lembranças dos ex-combatentes de Parelhas-RN, especialmente dos componentes da Força de Vigilância e Segurança do Litoral - FVSL, protagonistas da participação brasileira no cenário da Segunda Guerra Mundial. Ao longo deste buscamos compreender em que ambiente sócio-geográfico viviam esses homens antes da Guerra e quais foram as consequências de uma brusca mudança de espaço em virtude da convocação para as Forças Armadas brasileiras naquele contexto histórico. A defesa do litoral brasileiro durante a Guerra não foi tarefa tão simples, tendo em vista a precariedade logística das Forças Armadas, os ataques de submarinos do Eixo que mataram centenas de civis e militares brasileiros e a rede de espionagem montada pela Alemanha no Brasil. Partindo da noção de memória coletiva e estranhamento em Maurice Halbwachs, usaremos a história oral como metodologia principal, com o fim de reconstruir essas “memórias subterrâneas” que também nos possibilitarão perceber a visão que os próprios protagonistas têm do evento, além da utilização de documentos, fotos, mapas e toda espécie de fontes que nos possibilitem reconstruir o cenário de Parelhas no início da Guerra e a trajetória de vida de seus veteranos.

Palavras-chave: memória, espaço, estranhamento, Segunda Guerra Mundial, ex-combatentes.

MACEDO, Ranielle Cavalcante de. **História, memória e espaços: experiências dos ex-combatentes de Parelhas-RN na defesa do litoral brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial.** Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2009.

ABSTRACT

The present essay has how I aim to analyse the memories of the ex-combatants of Parelhas-RN, specially of the components of the Força de Vigilância e Segurança do Litoral - FVSL, protagonists of the Brazilian participation in the scenery of the Second World war. Along this we looked to understand in which surrounding geographical-partner these men were living before the War and what were the consequences of a brusque change of space owing to the convocation for the Armed Brazilian Strength in that historical context. The defense of the Brazilian coast during the War was not a so simple task, I have in mind the precariedade logistics of the Armed Strength, the attacks of submarines of the Axle that killed hundreds of civilians and Brazilian soldiers and the net of espionage mounted by Germany in Brazil. Leaving from the notion of collective memory and estrangement in Maurice Halbwachs, we will use the oral history like principal methodology, with the end of rescue these “underground memories” what also will make possible us the vision realizes that the protagonists themselves have of the event, besides the use of documents, photos, maps and any sort of fountains that make possible us to rebuild the scenery of Parelhas in the beginning of the War and the trajectory of life of his veterans.

Key words: memory, space, estrangement, Second World War, ex-combatants.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1	
O Brasil e a Segunda Guerra Mundial.....	20
1.1. Guerras, espaços e Totalitarismo: o cenário internacional.....	21
1.2. Roosevelt e Hitler disputam o Brasil.....	33
1.3. Agressões e protestos: o povo pede a Guerra.....	44
CAPÍTULO 2	
A vida pacata nos anos 1940: recordações do espaço sertanejo.....	56
2.1. Parelhas 1940: espaço e sociedade.....	57
2.2. Notícias da Guerra.....	69
2.3. O impacto da convocação.....	76
CAPÍTULO 3	
“Guerra sem guerra”: a nova vida militar na defesa do litoral brasileiro.....	86
3.1. Mudança de espaço e estranhamento.....	87
3.2. Lembranças da caserna.....	96
3.3. O fim da Guerra, a desmobilização e a volta para casa.....	106
CAPÍTULO 4	
Memória e espaço.....	114
4.1. Memória oficial x memórias subterrâneas: questões historiográficas..	115
4.2. Lugares de memória: onde mora a guerra.....	127
4.3. Acervos, esquecimento e heroísmo.....	134
ANEXOS	

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Grupo de matutos	61
FIGURA 2 – Grupo escolar Barão do Rio Branco.....	63
FIGURA 3 – Prédios e lugares de Parelhas na década de 1940.....	66
FIGURA 4 – O cruzador Bahia.....	79
FIGURA 5 – Propaganda governamental: soldados da FEB em ação.....	84
FIGURA 6 – Praça do Ex-combatente em Parelhas.....	132

Introdução

“Aliás, a Guerra não é heróica. Não é como em livros, ou em filmes. Não há bandeiras, nem tambores, nem cornetas com toques marciais, nem tampouco heróis condecorados, que voltam para casa e beijam a noiva. Ninguém sente vontade de ser herói, e quando pratica qualquer ato de bravura, fá-lo quase inconscientemente. O que há na Guerra é sujeira, lama, frio, fome, cansaço de noites a fio sem dormir, medo da morte, sofrimento e monotonia, esta terrível monotonia de todas as Guerras. A monotonia de cavar um ‘fox-hole’ e ficar escutando aqueles ruídos surdos, ouvindo aqueles estrondos que não param nunca.”

Joaquim Xavier da Silveira

A guerra, fenômeno sócio-político, sempre esteve presente na vida humana desde os tempos mais remotos da história. Provavelmente todos os povos e culturas em todos os períodos da história tiveram que enfrentar esse drama em diversas proporções. Muitas gerações passaram pelo planeta vivendo em constante estado de guerra, exemplo disso podemos citar as décadas e séculos de expansão territorial dos grandes impérios da Antiguidade, como o chinês, o egípcio, o macedônico, o persa, o romano e tantos outros que passaram longo período em conflito armado pelo domínio de espaços essenciais a sua existência e prosperidade. Desde os primórdios da humanidade o espaço pode ser apontado como cerne da grande maioria dos confrontos. A fome de territórios serviu de incentivo para as grandes conquistas tanto do Império Romano, há mais de 2000 anos atrás, quanto da Alemanha Nazista, há pouco mais de 60 anos. Hoje, apesar da “modernidade” e “civilização” dos povos, guerras continuam sendo travadas em diversas partes do mundo. Até mesmo o país mais rico e desenvolvido do mundo, os Estados Unidos, muitas vezes não encontra outra saída para seus conflitos diplomáticos senão a guerra contra oponentes distantes geograficamente. E esse foi um dos grandes legados dela: a incrível diminuição dos espaços terrestres pela tecnologia das armas e dos meios de transporte. Desde a Primeira Guerra Mundial, com o surgimento da chamada “guerra total” e a utilização do avião em combate, as distâncias vão sendo cada vez mais encurtadas e vencidas pelo uso de uma tecnologia em

constante evolução. Mísseis cada vez mais rápidos podem cruzar um oceano e fronteiras atingindo seu alvo com tamanha precisão sem que o inimigo nem sequer tenha tempo de reagir. A guerra é moderna e primitiva ao mesmo tempo.

Este trabalho terá como base a maior de todas as guerras que se tem notícia: a Segunda Guerra Mundial. De tantas travadas ao longo da história, nenhuma matou tanto, envolveu maior quantidade de material logístico, de nações e de pessoas, e foi tão bem documentada quanto a Grande Guerra da primeira metade dos anos 40. Seus números impressionam até hoje. Seu alcance histórico foi tão extenso que até hoje, mais de 60 anos depois, ela está presente nas vidas e nas memórias de milhões de pessoas que sentiram, direta ou indiretamente, os seus efeitos devastadores. Mesmo no Brasil, ou na cidade em que vivemos, existem pessoas que participaram desse grandioso evento ou tiveram suas vidas afetadas por ele. Suas batalhas são constantemente retratadas pelo cinema em filmes campeões de bilheteria; notícias ligadas a ela ainda são veiculadas não raramente; seus historiadores continuam a trazer a tona fatos inéditos a cada ano; seus protagonistas a nos revelar a guerra *in loco*, a guerra por dentro, nos mínimos detalhes e perspectivas. Em suma, a Segunda Guerra ainda desperta a curiosidade de muitas pessoas ao redor do mundo. Ainda é um fato contemporâneo. Muitas de suas feridas ainda não cicatrizaram.

Desde criança estudamos na escola a Segunda Guerra Mundial. Para a maioria de nós, uma guerra distante tanto cronológica como geograficamente, que nada tem a ver conosco, o que não a torna muito interessante para os alunos. O que não é perceptível pelos estudantes e pela população leiga em geral é que esse evento histórico está mais perto de nós do que imaginamos, através de muitos protagonistas que estão a nossa volta e que passam despercebidos em nosso dia-a-dia. O embrião deste trabalho está na pequena cidade de Parelhas, no interior do Rio Grande do Norte, mais precisamente na Rua Antônio José de Lima, quando um menino fascinado por histórias de grandes aventuras que não perdia nenhum episódio das séries de TV *Combate no Vietnã* e *A odisséia de Custeau* descobriu um fato que mudaria para sempre o seu jeito de estudar história: seu vizinho, um senhor reservado e de poucas palavras, era veterano da Segunda Guerra Mundial e havia lutado na Itália contra os nazistas, na mesma guerra distante e contra os mesmos soldados mostrados pela professora de história através de um livro didático sem graça e um quadro a giz empoeirado. Instantaneamente aquela história de fotos preto e branco e de leituras enfadonhas ganhou cores e vida, mais que isso, ganhou familiaridade, passou a ser uma história mais próxima e que tinha a ver

com sua vida. Em consequência dessa constatação, outras figuras foram surgindo a sua volta. Dezenas de personagens daquela guerra, antes distante, foram aparecendo aos poucos juntamente com suas histórias e seus *lugares de memória*,¹ despertando insaciável curiosidade naquele menino que cada vez mais queria conhecer e conversar com aqueles senhores, e ao mesmo tempo entender como era possível que as pessoas da cidade não sabiam daquelas histórias nem do valor histórico que aqueles “homens do povo” tinham.

Aquele menino é o autor deste trabalho. Passados tantos anos daquela incrível descoberta, a curiosidade continua intensa e o desleixo da população de Parelhas e do Brasil com essa importante página de sua história também. Apesar da enxurrada de livros e pesquisas sobre a Segunda Guerra Mundial, após o fim do conflito até os dias atuais, poucos autores trabalharam a história do Brasil em tal evento, muito menos a participação de seus soldados tendo como base seus depoimentos orais. A prova disso está em muitas salas de aula espalhadas pelo país onde os alunos sequer sabem que o Brasil participou de uma guerra. O próprio autor deste trabalho durante toda sua vida estudantil nunca estudou a participação brasileira na Segunda Guerra, nem por uma aula sequer, apesar de sua cidade natal ter fornecido 99 jovens às Forças Armadas brasileiras em 1942.² O historiador Francisco César Ferraz nos traz possíveis motivos para tal desvalorização desse tipo de historiografia, especialmente no meio acadêmico brasileiro, afirmando que:

“A discussão sobre os motivos do desprezo da historiografia brasileira a respeito de temas militares como a história da Força Expedicionária Brasileira proporcionaria outra tese. Sumariamente, podem-se elencar algumas possíveis razões: a) certas resistências provenientes de leituras apressadas da historiografia francesa dos *Annales* e do marxismo (pois seus ‘pais fundadores’ nunca desprezaram o potencial historiográfico das guerras); b) confusão, comum na comunidade das Ciências Humanas, entre compreender o estatuto histórico das guerras e aceitá-las/desejá-las; c) a dificuldade de muitos historiadores profissionais em aceitar as pesquisas realizadas por historiadores militares de carreira. Ainda há, no Brasil, uma grande ignorância sobre questões específicas a essa área de

¹ Para Pierra Nora “lugares de memórias” são espaços não necessariamente físicos ou materiais, que visam preservar a memória em modo histórico. Assim, desde arquivos, museus, memoriais, monumentos e centros históricos, até símbolos, cerimônias, rituais, comemorações e canções constituem-se lugares de memória. Todos os ex-combatentes que conhecemos possuem esses lugares em suas casas. In: NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, n.10, dez 1993, p.07-28.

² Os nomes de todos os convocados de Parelhas estão em uma placa de bronze na “praça do ex-combatente” na referida cidade.

conhecimento e, sobretudo, um preconceito arraigado na comunidade de historiadores, de origens predominantemente políticas. A ‘tradição’ de intervenção militar na política brasileira, coroada com as péssimas relações entre o mundo universitário e o regime militar de 1964, afastou os historiadores, em geral à esquerda do espectro político, dos estudos da história militar brasileira.”³.

Ferraz e outros autores fazem parte de um pequeno grupo de pesquisadores que se debruçaram sobre o estudo da participação de 25.334 jovens na Força Expedicionária Brasileira – FEB. São escassos trabalhos que trazem depoimentos de soldados brasileiros que estiveram diretamente envolvidos no *front* europeu lutando na Itália, os chamados “veteranos da FEB”. Essa é uma categoria de ex-combatente definida pelos autores que estudam o assunto e pelos próprios personagens. A partir da década de 1960 a política brasileira de amparo ao ex-combatente começou a conceder uma série de benefícios a determinados grupos que não participaram diretamente do conflito no *front* europeu, como os marinheiros da marinha mercante e os militares que ficaram defendendo o litoral do país. O que aconteceu na verdade foi uma expansão do termo “ex-combatente” que passou a agregar não só os veteranos da FEB, mas os outros dois grupos citados acima que também haviam participado das operações de guerra do Brasil na década de 1940, mesmo que “indiretamente”. Ora, se pouco se sabe sobre a experiência das duas primeiras categorias de ex-combatentes, os veteranos da FEB e os marinheiros mercantes, através de trabalhos acadêmicos ou obras memorialísticas independentes; praticamente nada sabemos, até a presente data, sobre a terceira, os militares que guarneceram o litoral brasileiro nos anos de guerra e que são objeto deste estudo; litoral esse palco de várias agressões nazistas e campo de atuação de seus espiões e sabotadores, como veremos adiante.

Compreender em que ambiente sócio-geográfico viviam esses homens antes da Guerra e quais as conseqüências de uma brusca mudança de espaço em virtude da convocação para as Forças Armadas brasileiras naquele contexto histórico, como base em seus próprios relatos, constitui-se no objetivo central desta dissertação. Se a participação brasileira no conflito é marcada pelo esquecimento generalizado de historiadores e da maioria da população, o que aconteceu com os soldados que defenderam o país constitui-se um verdadeiro mistério. Quem eram esses jovens? Que

³ FERRAZ, Francisco César. **A guerra que não acabou: veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Tese de doutorado em História Social. USP. 2003. p. 3.

reação tiveram juntamente com suas famílias à convocação para a Guerra? Como se adaptaram a tão brusca mudança de espaço? Como era sua rotina na caserna, seus temores e expectativas? Como se deu sua desmobilização ao final da Guerra? O que mudou em suas vidas? Quais foram os principais problemas enfrentados? Como se deu seu processo de esquecimento e marginalização pela sociedade? Estas são algumas das questões que esta pesquisa tenta responder. Sua importância também se deve ao fato de que trabalhamos com um tipo de fonte cada vez mais escassa para a historiografia, tendo em vista que esses senhores se encontram em idade avançada, acima dos 85 anos.

Devemos ressaltar que nosso projeto de pesquisa inicial seria a continuação da monografia de graduação de uma forma mais aprofundada, trabalhando sobre experiências dos veteranos da FEB na Segunda Guerra. Tudo mudou numa tarde de outubro de 2006 quando nossa orientadora nos lançou uma questão desafiadora: “*Por que você não trabalha com os que não foram para a Itália?*”. Imediatamente nos veio à mente que essa categoria de ex-combatente não tinha nada de importante para mostrar, tendo em vista que “nada fizeram na Guerra”. Lerdo engano. Aquela pergunta se fixou em nossa mente por muitos dias e logo algumas questões despertaram nossa curiosidade. O que eles ficaram fazendo no Litoral? Por que não foram para a Itália? Por que nada se sabe sobre suas experiências? Por que são tratados de forma pejorativa pelos demais ex-combatentes e pela população de Parelhas? ⁴. Tendo em vista que o litoral brasileiro fora atacado por submarinos nazistas e era alvo de agentes do Eixo, era importante sim ocupá-lo e defendê-lo, ou não era um espaço estratégico para os beligerantes? Se não era, por que os governos alemão e norte-americano disputaram tão avidamente o apoio brasileiro na Guerra? Outra questão de suma importância para a mudança de rumo de nosso projeto foi o grande número de convocados numa pequena cidade do sertão potiguar, os já citados 99 jovens. Há alguns anos ouvimos de um membro da Associação dos Ex-combatentes do Brasil – AECB – que Parelhas havia sido a cidade brasileira que mais teve convocados para a Guerra, proporcionalmente à sua população. Alguns indícios nos levam a crer em tal possibilidade, como uma homenagem organizada pela direção nacional da AECB na cidade em 2001, mais

⁴ Comumente os ex-combatentes praieiros são chamados pelos veteranos da FEB de “caga-praia”. Dentre a população leiga de Parelhas por várias vezes ouvimos comentários de que são sujeitos sortudos, pois não foram à guerra, não fizeram absolutamente nada e hoje ganham dinheiro às custas da nação. Também são vítimas de brincadeiras de mau gosto tendo em vista que alguns viúvos ou divorciados casaram com moças muito novas, para quem deixarão seus proventos após a morte.

precisamente na Praça do Ex-combatente. Se esse fato é verdadeiro ou não, procuraremos responder ao longo deste trabalho.

Antes de prosseguirmos precisamos deixar claro que apesar do objeto principal de análise desta pesquisa ser os ex-combatentes da praia, principalmente por constituírem-se numa categoria mais carente de estudos, utilizaremos também relatos e experiências de veteranos parelhenses da FEB por entendermos que os mesmos podem nos dar importantes contribuições acerca do espaço sócio-geográfico da cidade no período estudado e por terem compartilhado de muitas experiências comuns aos seus colegas da praia.

Esta pesquisa foi dividida em quatro capítulos com três sub-itens cada, de forma a ampliar um leque de abordagens sobre o tema. No primeiro capítulo, “O Brasil e a Segunda Guerra Mundial”, procuramos de início traçar um panorama geral do evento, seus antecedentes, personagens principais e o início de um dos conflitos de maior dimensão da história da humanidade. Também procuramos mostrar o delicado tabuleiro de xadrez da diplomacia internacional, especialmente referente ao Brasil, país cujo apoio foi disputado pelos Estados Unidos de um lado, e por Itália e Alemanha de outro, como nos mostram fontes documentais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC/FGV; a “Guerra-secreta” travada em solo brasileiro entre a espionagem nazista e a contra-espionagem anglo-americana, e as relações político-econômicas entre o Brasil e esses três países antes e durante o conflito mundial. Para fechar esse primeiro capítulo trataremos das manifestações e pressões populares que levaram o país a declarar guerra ao Eixo, após o afundamento de dezenas de seus navios mercantes e a conseqüente perda de centenas de vidas no mar. A vontade popular teria sido decisiva para a entrada formal do país no conflito, ou tal atitude teria sido tomada mediante a passividade da população?

No segundo capítulo, “A vida pacata nos anos 40: recordações do espaço sertanejo”, tentaremos remontar o espaço de Parelhas e do sertão potiguar no início da década de 1940 tendo como base as principais lembranças dos ex-combatentes entrevistados, fotos da época coletadas em arquivos da cidade, dados do censo 1940, documentos da administração municipal da época, constantes no arquivo público da cidade, dentre outros. Faz-se necessário trabalhar o contraste entre a modernidade dos anos 1940, especialmente decorrente das inovações trazidas pela Guerra, e o atraso do sertão brasileiro, carente em vários aspectos da vida em sociedade. Também nos interessa perceber qual o impacto da Guerra na cidade e na região. Para isso tentaremos

captar, através dos depoimentos e demais fontes, que notícias da Guerra chegavam à cidade; até que ponto a população estava informada sobre o conflito e como o acompanharam antes e depois das convocações. Os pracinhas convocados e suas famílias tinham noção do que era a Guerra que iam participar? A historiadora Helena Oliveira, ao estudar Parelhas à época da Segunda Guerra Mundial conta que dentre os convocados:

“[...] alguns receberam a notícia com orgulho e outros entraram em pânico, o que praticamente também levou a cidade a ficar apavorada. Muitos deles, devido à precariedade dos meios de comunicação e transportes na época não sabiam nem onde ficava Natal. E o ‘reboiço na cidade era grande’.”⁵

No terceiro capítulo, “‘Guerra sem Guerra’: a nova vida militar na defesa do litoral brasileiro”, procuraremos mostrar como era esse “estranho espaço” ao qual chegaram nossos protagonistas e como sentiram essa mudança, o dia-a-dia de uma capital litorânea em clima de Guerra, as diferenças entre esse espaço moderno e agitado e o pacato sertão potiguar de onde vinham, onde ficaram e que função exerceram na época da caserna, como passaram a acompanhar as notícias do conflito, quais eram seus temores e expectativas e quais as lembranças mais marcantes de sua participação na Guerra. Vale ressaltar que os pracinhas parelhenses saíram desse espaço sertanejo rústico (muitos pela primeira vez na vida) para servir as Forças Armadas em grandes cidades do litoral brasileiro, ambientes esses impregnados pela “modernidade da Guerra”, numa clara mudança abrupta de espaços e de vida. Aqui tomaremos o termo “estranhamento” de Ana Fani Alessandri Carlos⁶, adequando-o ao nosso estudo. Os efeitos desse estranhamento pela mudança sócio-espacial serão abordados no decorrer dessas páginas. Ainda nesse capítulo estudaremos como ocorreu o processo de desmobilização desses homens das Forças Armadas brasileiras,⁷ como foram recebidos

⁵ OLIVEIRA, Helena Lucena de Almeida. **Batalhas da memória: os pracinhas parelhenses na Segunda Guerra Mundial**. Monografia de especialização em História do Nordeste. CERES/Caicó-RN, 2001. p. 24.

⁶ CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

⁷ Por experiência própria, tendo em vista que o autor deste trabalho foi militar da Força Aérea Brasileira, e pelos depoimentos colhidos de veteranos da FEB durante a monografia na graduação, percebemos o quanto o processo de desmobilização das Forças Armadas é difícil para um jovem de origem humilde que passou meses ou anos em tais instituições militares, ganhando um salário razoável pela primeira vez na vida e com perspectivas profissionais, voltar para casa dispensado e desempregado. A nova vida militar, com sua nova identidade, amigos, ambientes e perspectivas desaparece instantaneamente gerando sentimentos de frustração e perda.

em sua sociedade interiorana ao voltarem para casa, os principais problemas enfrentados, como o desemprego, e que profissões seguiram após o retorno a vida civil. Em suma, o caminho de volta, do litoral ao sertão. O que a experiência numa guerra mudou em suas vidas.

Geralmente nas dissertações é de costume dos autores começarem com um capítulo teórico e posteriormente desenvolverem os demais. Aqui nos atrevemos a deixar o capítulo teórico, “Memória e espaço”, para o final do trabalho e com isso englobarmos todas as experiências e descobertas da pesquisa num capítulo final conclusivo onde trabalharemos a relação entre espaço e memória na vida dos protagonistas, o que se constitui em nosso objeto de estudo. Buscaremos fazer uma análise de como foi construída uma memória oficial sobre a participação brasileira na Guerra por historiadores, jornalistas e oficiais de alta patente e como as memórias de simples soldados de origens humildes foram silenciadas e esquecidas ao longo dos anos. Também buscaremos trabalhar os lugares de memória dos ex-combatentes, como suas associações, monumentos físicos e simbólicos e, principalmente, seus lares, que representam espaços onde a memória de sua participação na Guerra está impregnada em dezenas e objetos e símbolos que remontam àquele período. Absolutamente todos os ex-combatentes que estudamos e conhecemos têm pequenos espaços, senão a casa inteira repleta de “lembranças da Guerra”, fazendo de seus lares, seus espaços individuais, pequenas “ilhas de memória” em meio ao esquecimento e falta de interesse da população por sua história. Para fechar esse capítulo e o trabalho, faremos uma reflexão sobre os acervos, físicos e orais, dos ex-combatentes brasileiros, tendo em vista seu rápido desaparecimento e a falta de interesse de familiares, governo e instituições culturais por tais objetos. Ironicamente o destino final de parte desse acervo deverão ser as instituições militares que durante anos relegaram essas “memórias subterrâneas” de dor, desprezo e sofrimento, em prol de uma memória oficial heroicizada.⁸

Como suporte teórico-metodológico da pesquisa será utilizado uma bibliografia que nos possibilite o melhor conhecimento de técnicas de história oral, bem como as melhores maneiras de se explorar a memória de pessoas idosas, especialmente octogenários com memórias traumatizadas, em certos casos. Exemplo disso podemos

⁸ “Memórias subterrâneas”, termo usado por Michel Pollak, diz respeito a memórias marginalizadas pela história oficial. São histórias e versões de grupos postos à margem de várias sociedades, como judeus, prostitutas, homossexuais, idosos e, em nosso caso, ex-combatentes. In. POLLAK, Michel. **“Memória, Esquecimento, Silêncio”**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, vol. 2 n. 3, 1989.

citar Ecléa Bosi (1998), “*Memória e Sociedade, lembranças de velhos*”; Maurice Halbwachs (1968), “*Memória Coletiva*”; Paul Thompson (1992), “*A voz do passado. História Oral*” e José Carlos Sebe Bom Meihy (1998), “*Manual de História Oral*”. Além dos depoimentos orais, como fontes importantes, exploraremos documentos primários relativos à Guerra, constantes principalmente no CPDOC/FGV e outros arquivos públicos e privados; acervos de fotos da época, principalmente o do fotógrafo parelhense Hugo Macedo, rico em fotos de Parelhas na década de 1940 que servirão para montarmos o espaço físico da cidade naquele período; além de demais fontes bibliográficas referentes à Guerra e seus veteranos.

Este trabalho terá uma delimitação estrita. Estudar um grupo social marginalizado pela historiografia e memória brasileira durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) inserido num pequeno espaço sertanejo é a nossa proposta. Restringiremos-nos a apenas esse aspecto do envolvimento brasileiro na Guerra, trazendo à tona um testemunho coletivo daqueles que participaram do evento, mas nunca tiveram suas histórias documentadas para conhecimento das gerações futuras. Pelo menos não conhecemos até a presente data trabalhos publicados que se dediquem exclusivamente aos ex-combatentes da praia, os chamados “praieiros”. Jovens que foram convocados para participar da maior catástrofe de que se tem notícia na história, a Segunda Guerra Mundial, deixando seus lares e famílias rumo ao desconhecido. Desses 99 parelhenses, pelo menos 1 nunca mais voltou. Lauro Virgílio do Nascimento morreu na misteriosa explosão do cruzador Bahia em maio de 1945. Hoje seu busto de bronze repousa numa praça da cidade, juntamente com os nomes dos demais 98 companheiros que partiram para a Itália em 1944 ou defenderam o território brasileiro. Apesar do singelo monumento temos certeza que a maioria de seus conterrâneos hoje desconhece a história daqueles que um dia protagonizaram uma importante página da história.

CAPÍTULO 1

O BRASIL E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

“O grande edifício da civilização no século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o Breve século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo como os canhões se calavam e as bombas não explodiam.”

Eric Hobsbawm

1.1. Guerras, espaços e Totalitarismo: o cenário internacional

Em 1º de setembro de 1939 a Alemanha nazista invadiu a Polônia. Durante muitos anos, considerou-se essa data como marco inicial da Segunda Guerra Mundial. Na verdade, suas origens são controversas. O historiador Eric Hobsbawm vê esse evento como um longo processo que se inicia em 28 de julho de 1914, quando a Áustria declarou guerra a Sérvia pelo assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro. Hobsbawm chega a unir as duas Guerras mundiais num único evento, uma longa guerra de 31 anos de duração que só terminou em 14 de agosto de 1945, com a rendição incondicional do Japão e o fim da Guerra no pacífico.⁹ De fato a maior parte dos livros de história inicia a Segunda Grande Guerra tratando de seus antecedentes históricos que remontam o fim do primeiro conflito mundial, com as pesadas imposições do Tratado de Versalhes aos vencidos, as conseqüentes crises sócio-econômicas geradas por esse documento e o sentimento de revanche do povo alemão, insuflado pelos líderes nazistas que chegaram ao poder em 30 de janeiro de 1933, comandados por Adolph Hitler, o chanceler alemão que arrastou seu país e o mundo para a maior catástrofe da história.

Após a Primeira Guerra Mundial o mapa geopolítico europeu sofreu drásticas transformações. Nações inteiras foram divididas e outras nasceram com um conglomerado de povos e culturas diferentes, dando margem a sérios conflitos internos e além fronteiras. Áustria e Hungria foram divididas; Sérvia, Eslovênia (ex-austriaca), Croácia (ex-húngara) e Montenegro deram origem à Iugoslávia; formou-se uma nova Tchecoslováquia; Itália e Polônia também se beneficiaram, aumentando seus

⁹ HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 30.

territórios... Como vimos, enquanto nações eram fragmentadas, outras nasciam e se estabeleciam sobre verdadeiros barris de pólvora prestes a explodir. Esses novos espaços europeus que não respeitavam culturas nem etnias tornaram-se fontes de constantes atritos e ressentimentos (como no caso da insatisfação alemã pela perda de territórios), tornando-se um dos fatores desencadeadores do segundo conflito mundial.

Para Hobsbawm:

“Não havia um único precedente histórico, assim como não havia lógica nas combinações iugoslavas e tchecoslovacas, meras construções de uma ideologia nacionalista que acreditava na força da etnicidade e na indesejabilidade de Estados-nação pequenos demais. [...] Como se podia esperar, esses casamentos sob mira de espingarda não se mostraram muito firmes. A propósito, com exceção das remanescentes Áustria e Hungria, privadas da maioria de suas minorias, os novos Estados sucessores, tirados da Rússia ou do Império Habsburgo, não eram menos multinacionais que seus antecessores.”¹⁰

Inconformado com as imposições do Tratado de Versalhes à Alemanha derrotada na Primeira Guerra Mundial, Hitler tinha como uma de suas principais argumentações a favor do expansionismo alemão a tese do espaço vital,¹¹ ou seja, o território alemão, estropiado em 1918, seria insuficiente para abrigar sua população e proporcionar-lhe dignas condições de vida. Sendo assim, precisava expandir-se, nem que para isso o país tivesse que pagar com o sacrifício de uma nova guerra.

Hitler e a Segunda Guerra Mundial são praticamente sinônimos na memória coletiva que se formou em várias partes do mundo e nos próprios livros de história. É difícil para qualquer pessoa, goste ou não de história, lembrar do evento sem ter a mente esse governante alemão ou vice-versa. Sua imagem austera, de atitudes e gestos bruscos, com olhar sério, forte e penetrante se espalhou pelo mundo carregada de significados pejorativos. A figura de Hitler instantaneamente nos remete ao ódio, a intolerância, à barbárie, à destruição e a outros sentimentos e atos esdrúxulos. De certa forma podemos observar que uma série de imagens e discursos, muitos deles preconceituosos, forjaram a imagem do ditador alemão ao longo das últimas seis

¹⁰ *Ibdi.*, p. 41.

¹¹ Hitler, baseado nas teses do geógrafo alemão Friedrich Ratzel, defendia em seus discursos que a raça ariana (geneticamente superior, segundo as teses nazistas) deveria ser unida num único espaço e assim fortalecida, por isso os territórios cujas populações fossem de origem ariana deveriam ser anexados à Alemanha.

décadas do pós-guerra. Em suma, Hitler e sua ideologia são figuras chaves para tentarmos entender as origens da Segunda Guerra Mundial.

O líder alemão nasceu em Braunau, na Áustria, a 20 de abril de 1889, filho de um funcionário alfandegário e sua prima, 23 anos mais nova. Em 1913 mudou-se para a Baviera, Alemanha. Com a eclosão da Guerra, em 1914, alistou-se como voluntário no 16º Regimento de Infantaria do Exército alemão, onde serviu como mensageiro. Durante o conflito foi condecorado com a Cruz de Ferro alemã, medalha dada aos militares que se destacavam por bravura. Em outubro de 1918, poucos dias antes do armistício, em novembro daquele ano, ficou cego e foi internado num hospital militar em Pasewalk, Alemanha. Acreditava-se que sua cegueira fora ocasionada por gases venenosos, mas o médico que o atendeu, o major Victor Kruckmann, concluiu que o mal decorria de uma perturbação nervosa em decorrência do estágio avançado da sífilis, doença que provavelmente contraíra em Viena, em 1910, de uma prostituta judia.¹²

Ao deixar o hospital, em 1919, Hitler se filiou ao Partido Trabalhista Alemão, em Munique. Naquele ano, com o fim da Guerra, a Alemanha mergulhou numa grande crise econômica decorrente, principalmente das severas imposições do Tratado de Versalhes.¹³ A inflação sem precedentes privou a população dos meios de pagamento e consumo, causando um colapso geral naquele país, pois para os vitoriosos “havia a necessidade de controlar a Alemanha, que afinal quase tinha derrotado sozinha toda a coalizão aliada. Por motivos óbvios, esse era, e continuou sendo desde então, a maior interesse da França.”¹⁴ De certa forma, as potencias vitoriosas queriam enfraquecer a Alemanha e com isso evitar uma futura retaliação por parte desta que levasse o mundo a um novo conflito mundial. Nada saiu como planejado. O caos político-econômico generalizado em que mergulhou a Alemanha serviu de plataforma para que o Partido Trabalhista Alemão, embrião do Partido Nazista, crescesse até assumir o controle do país em 1933, apoiado pela maioria da população que ansiava por mudanças e soluções para seus problemas.

¹² ABRAHAM, Bem. **Segunda Guerra Mundial: síntese**. São Paulo: Sherit Hapleita do Brasil, 1985, p. 14.

¹³ Dentre as principais punições do Tratado de Versalhes à Alemanha estavam a devolução dos territórios de Alsácia e Lorena à França, além de uma importante região ao leste da Polônia (o chamado corredor polonês); reajustes menores nas *fronteiras* alemãs; limitação a seu exército a apenas 100 mil homens, com uma marinha e aeronáutica limitadas; privação de suas colônias no ultramar; pagamento de pesadas multas aos países vitoriosos; dentre outras.

¹⁴ HOBSBAWM, op. cit., p. 39.

Em 1920, Adolf Hitler mudou o nome do Partido Trabalhista Alemão para Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nationalsozialistisches Deutsch Arbeiterpartei), cuja expressão “NAZI”, retirada da primeira palavra, generalizou-se como abreviatura do partido, daí surgindo o termo “NAZISTA”. Em 9 de novembro de 1921 Hitler chegou à presidência do partido com o patrocínio de grandes empresários da indústria bélica alemã que temiam o avanço do comunismo e queriam reativar suas fábricas. A partir daí o partido organizou grupos paramilitares que representariam seu braço armado na luta por espaço na política alemã. Esses grupos, SA e SS,¹⁵ eram tropas de choque bem adestradas que perturbavam comícios adversários e defendiam os interesses nazistas pelo uso da força bruta. Foram elas que estiveram à frente do “Putsch” (golpe) de 1923, quando Hitler tentou assumir o governo da Baviera e, conseqüentemente, conquistar Berlim. Essa empreitada fracassada o levou à condenação a cinco anos de prisão, dos quais cumpriu apenas nove meses, período no qual escreveu sua famosa obra *Mein Kampf* (Minha Luta), onde deixou claras suas idéias políticas e teorias raciais.¹⁶

Em 1928, o “Partido Nazista” voltou ao cenário político nacional ao disputar as eleições daquele ano à presidência alemã, obtendo 810 mil votos e conquistando 12 cadeiras. Quatro anos depois, em 1932, em novas eleições, Hitler, então candidato à presidência, recebeu 13,5 milhões de votos, contra 19 milhões do seu principal adversário, o marechal Paul Von Hindenburg, do Partido Nacionalista. Nessas eleições os nazistas conquistaram 230 cadeiras no Reichstag (Parlamento Alemão), evidenciando um vertiginoso crescimento político em apenas quatro anos, comandados por seu líder Adolf Hitler, que conciliava um poderoso dom de oratória com a intolerância e truculência de seus grupos paramilitares.¹⁷ Diante de sua ascendente influência política e com o apoio do então chanceler Franz Von Papen, Hitler, mesmo derrotado, foi convidado pelo presidente Hindenburg para ocupar o cargo de primeiro ministro da Alemanha ainda em 1932.

Na noite de 27 de fevereiro de 1933 um misterioso atentado serviria de pretexto decisivo para a instauração do um regime Totalitário nazista na Alemanha: o

¹⁵ Sturmabteilung (Tropas de Choque, ou SA) grupo paramilitar criado por Hitler em 1921, verdadeiro braço armado do Partido Nazista. Como não confiava plenamente nessa organização, Hitler criou a Schutzstaffel (Escudo de defesa, os SS) para a sua segurança particular. Mais tarde essa tropa de elite seria comandada por Heinrich Himmler, o principal executor de suas ordens, e se tornaria o principal instrumento inquisidor de Hitler contra os judeus.

¹⁶ ABRAHAM, op. cit., p. 11.

¹⁷ Ibid., p. 12.

incêndio do edifício do Reichstag, o parlamento alemão. Segundo artigo da revista História Viva, “no dia seguinte Hermann Goering, ministro do interior da Prússia, apresentava seu suspeito: um anarco-comunista polonês de 24 anos, o pedreiro Marinus van der LubbeHitler”.¹⁸ Segundo Goering ele havia sido “pego em flagrante”. As providências de Hitler não demoraram:

“No dia seguinte, sob o pretexto de uma ameaça de complô de esquerda, Hitler impunha ao presidente Hindenburg um decreto de emergência abolindo todas as liberdades fundamentais da República. Nos dias que se seguiram, milhares de adversários dos nazistas foram presos. A imprensa socialista e comunista foi proibida. A Gestapo e a tropa diferenciada SS tinham plenos poderes. O incêndio do Reichstag, de alguma forma, foi o ato fundador do III Reich, e escancarou as portas do poder para Hitler.”¹⁹

Esse episódio sem dúvida alguma fortaleceu a influência de Hitler e do partido nazista. Seus grupos paramilitares foram reforçados com o recrutamento de milhares de membros. A Gestapo, polícia secreta alemã (uma espécie de FBI norte-americana ou Polícia Federal brasileira) passou a exercer rigoroso controle sobre qualquer forma de oposição. A SS – Schutzstaffel (escudo de defesa) tornou-se uma poderosa arma para o partido nazista e com a ascensão desse à presidência, também teve rapidamente seu efetivo aumentado para garantir o fortalecimento do governo e combater, na maioria das vezes com o uso da força física, opositores e grupos minoritários que, pela ideologia do partido, teriam que ser eliminados, como ciganos, homossexuais, negros e, principalmente, judeus. Foi após o incêndio do Reichstag, que o regime totalitário foi estabelecido definitivamente na Alemanha, regido pela forte propaganda governamental, controle dos meios de comunicação, censura e forte repressão aos opositores e “criminosos”.²⁰ Nesse período, ainda em 1933, foi criado o primeiro campo de concentração naquele país, em Oranienburgo. Tais instalações deveriam abrigar primeiramente “os inimigos do Estado” e rapidamente foram se alastrando. Mais tarde, no decorrer da Guerra, esses campos receberiam uma leva de

¹⁸ FISCHLER, Herssh. **O estopim da escalada nazista: o incêndio do edifício do Reichstag, o parlamento alemão, foi um ardil usado por Adolf Hitler para fechar o regime e tomar o poder.** In: Revista História Viva. Edição 16, fevereiro de 2005. p. 18.

¹⁹ *Ibdi.*, p. 18.

²⁰ Curiosamente, assim como um “atentado comunista” serviu de pretexto para a instauração de um regime totalitário na Alemanha, o mesmo ocorreu no Brasil em proporções menores. Em 1937, o então presidente Getúlio Vargas usou a Intentona Comunista de 1935 o um suposto planejamento de golpe por parte dos comunistas brasileiros para implantar o regime do Estado Novo, onde medidas semelhantes as do Estado totalitário alemão foram tomadas, como a censura à imprensa e a repressão policial.

trabalhadores dos países conquistados, “mais de cinco milhões de trabalhadores escravos. A maioria procedia do Leste, mas os países do Oeste também pagaram o seu tributo. A França contribuiu com cerca de 875 mil, utilizados na indústria bélica de Hitler.”²¹ Assim sendo, os campos de concentração, mesmo antes da Guerra, tornaram-se um dos pilares do regime nazista, onde seus cativos trabalhavam “12 horas por dia, em troca de pagamento irrisório e de alimentação insuficiente”,²² isso quando não recebiam nenhum pagamento.

No que cerne ao reerguimento econômico do país, o novo governo investiu prioritariamente no parque industrial, sobretudo, na indústria bélica, gerando mais empregos e reequipando as forças armadas, ao mesmo tempo em que fortalecia a economia e reorganizava os órgãos da administração. Aliás, a eficiente administração do Estado totalitário era uma das marcas principais do regime nazista. A filósofa alemã Hannah Arendt em seu clássico livro “*As origens do Totalitarismo*” descreve a competente e bem montada rede administrativa na Alemanha entre os anos de 1933 e 1945; para ela “a relação entre as duas fontes da autoridade, entre o Estado e o partido, é a relação entre uma autoridade aparente e outra real, de modo que muitos descrevem a máquina governamental do regime totalitário como fachada importante, a esconder e disfarçar o poder do partido”.²³ De fato o partido nazista desde a chegada de Hitler a sua presidência em agosto de 1921 já se mostrava bem organizado, combinando uma eficiente e agressiva propaganda de seus ideais, como a supremacia da raça ariana sobre as demais, com o uso da intimidação, do medo e de ataques violentos a outros partidos políticos. Toda essa organização e experiência serviriam de base para a administração do país a partir de 1933.

Mas como será que os nazistas alcançaram tamanha influência sobre o país e seu povo a ponto de, em poucos anos, transformarem uma Alemanha arruinada sócio-economicamente numa das grandes potências econômico-militares da Europa? Para isso o apoio da população era fundamental e isso foi conseguido através da forte propaganda, da censura, da perseguição aos opositores e minorias e do investimento pesado na indústria bélica, gerando mais empregos. Esses foram os quatro pilares de sustentação do governo revolucionário alemão. Tal governo era realizado através de

²¹ ABRAHAM. op. cit. p. 53-54.

²² *Ibdi.*, p. 53

²³ ARENDT, Hannah. **As origens do Totalitarismo** – São Paulo. Companhia das Letras, 1989, p. 445.

uma intrincada rede de órgãos, muitos deles secretos, que se revezavam no comando do país.

“Tecnicamente falando, o movimento dentro do aparato de domínio Totalitário deriva a sua mobilidade do fato de que a liderança está continuamente transferindo o verdadeiro centro do poder, muitas vezes para outras organizações, mas sem dissolver e nem mesmo denunciar publicamente os grupos cuja autoridade foi eliminada [...] A multiplicação de órgãos era extremamente útil para a constante transferência do poder; além disso, quanto mais tempo um regime totalitário permanece no poder, maiores se tornam o número de órgãos [...]”²⁴.

Órgãos como a SA, a SS, o Serviço de Segurança e a Gestapo se revezaram no poder constantemente durante o governo nazista, formando um verdadeiro escudo de proteção ao partido e seu comandante maior, Adolf Hitler. Da mesma forma um político poderoso ou comandante desses órgãos, do dia para a noite, poderia ser rebaixado aos postos mais subalternos. De certa maneira, essa montanha russa do poder contribuía decisivamente para aumentar o controle e facilitar o governo, gerando obediência cega ao partido e ao Führer, o desempenho competente das funções por parte dos funcionários do governo e, principalmente, a confusão em meio à população alemã que não sabia ao certo que órgão exercia supremacia sobre o país, ou a quem recorrer; anulando também possíveis ataques dos opositores já que um órgão ou comandante agredido ou fracassado poderia rapidamente ser substituído por outro.

O intenso uso da propaganda também merece destaque no entendimento de um regime totalitário. Segundo Arendt, “[...] em 1933, foi fundado em Munique um instituto para o estudo da questão judaica. Partindo da premissa de que a questão judaica houvesse determinado a evolução de toda a história da Alemanha”²⁵. Nesses institutos pseudocientíficos eram forjadas teses eugenistas e historiográficas que reforçavam as teorias nazistas sobre aquele povo, atribuindo-lhe estereótipos e culpabilidade por muitos dos problemas enfrentados pelos alemães no decorrer da história. Essas teses ganharam os departamentos universitários e os livros didáticos alemães gerando uma “história oficial” e preconceituosa contra os judeus. Tal propaganda pejorativa ganhava também os meios de comunicação e, principalmente, estava presente nos discursos inflamados dos líderes do governo que seduziam a população e conquistavam seu apoio

²⁴ Ibid., p.450 – 451.

²⁵ Ibid., p. 452.

ou mesmo sua complacência diante de tais idéias e atitudes. Mas a propaganda oficial não era voltada somente para a perseguição às minorias étnicas ou opositores. Também era usada para justificar a política governamental por meio de um nacionalismo extremado. O governo nazista explorou ao máximo a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial e as humilhantes sanções impostas pelo Tratado de Versalhes para despertar na população um sentimento de obediência cega à nação e aos seus líderes, como nos mostrou Hannah Arendt, o Partido Nazista passou a controlar o Estado, ou seja, obediência ao Estado seria, implicitamente, obediência ao partido nazista que o controlava.

Conquistado o apoio ou a complacência da população, Hitler passou a por em prática sua política de expansão territorial e econômica para a Alemanha, “anular o Tratado de Versalhes, por várias vezes infringido, tornara-se uma obsessão para Hitler.”

²⁶ Essas infrações ao Tratado foram feitas gradualmente, iniciadas com pequenas medidas, como a ocupação da Renânia, área desmilitarizada, em 1936. Essa medida e outras que viriam contariam com a complacência das demais potências européias, principalmente a Inglaterra, que queria conquistar o apoio alemão numa possível luta contra a Rússia comunista e não queria se envolver numa outra guerra contra a Alemanha, mas “no entanto, se um lado claramente não queria a Guerra, e fez tudo possível para evitá-la, o outro a glorificava e, no caso de Hitler, sem dúvida a desejava ativamente...”. ²⁷ Isso está comprovado na intensa produção bélica alemã após 1933 e nos discursos oficiais inflamados de seus governantes contra os vencedores-opressores da Guerra anterior. De fato, a Alemanha preparava-se para uma guerra, não uma guerra mundial imediata, nas proporções que alcançara a partir de 1939 e contra potências muito mais poderosas como os Estados Unidos e a União Soviética, mas pelo menos de “reconquista de seu espaço vital”, como assim apregoavam seus líderes. Segundo Hobsbawm:

“A Alemanha (e depois o Japão) precisava de uma guerra ofensiva rápida pelos mesmos motivos que a tinham feito necessárias em 1918. Os recursos conjuntos dos inimigos potenciais, de cada um deles, uma vez unidos e coordenados eram esmagadoramente maiores que os seus.” ²⁸.

²⁶ SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial** – Natal (RN): EDUFRN, 2001, p. 57.

²⁷ HOBBSAWM., op. cit. p 45.

²⁸ Ibid., p. 45.

O tipo de guerra que Hitler queria ainda é desconhecido, principalmente pela ausência de fontes sobre seus planos futuros, mas, com toda certeza, se fosse uma guerra mundial de conquista ou expansão de seus territórios, essa seria planejada em longo prazo, com o fortalecimento permanente do regime de governo. Hannah Arendt nos mostra que só existiram dois governos plenamente totalitários durante o século XX: a Alemanha nazista de Hitler e a União Soviética comunista de Stálin. Em suas palavras, “a forma de governo que os dois movimentos tomaram – ou melhor, que resultou quase que automaticamente da sua dupla pretensão de domínio total e governo mundial – é mais bem definida pelo slogan de Trotski de ‘revolução permanente’”.²⁹ Segundo Arendt, os regimes totalitários tinham que governar em permanente revolução, ou seja, os órgãos que exerciam poder no país teriam que passar por um revezamento, o que de fato acontecia na Alemanha, como exposto anteriormente. Além do mais o foco ideológico também deveria variar. Evidentemente, os judeus não eram os únicos citados com preconceito nos discursos nazistas, mas também outros grupos minoritários como comunistas, homossexuais e negros.

De fato, se inicialmente Hitler pretendia uma guerra rápida, o que era mais lógico e racional para a Alemanha, no decorrer do conflito constatamos que suas ambições de domínio mundial foram antecipadas ainda em 1940, quando da invasão dos Países Baixos e dos Balcãs. Se levarmos em conta a expansão do Partido Nazista por dezenas de outros países,³⁰ a invasão do norte da África, tentando galgar os ricos campos petrolíferos do Oriente Médio³¹, e o interesse do Reich pela América do Sul,³² podemos acreditar que vencida a Guerra na Europa, outros continentes e países seriam anexados ou pelo menos explorados pelo III Reich³³.

²⁹ ARENDT., op. cit. p. 439.

³⁰ A historiadora Ana Maria Dietrich estudou as ramificações do Partido Nazista em vários países principalmente no Brasil, uma das células mais atuantes do partido, em sua tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo em 2007. In: DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo tropical? O partido nazista no Brasil**. USP. São Paulo, 2007.

³¹ Eric Hobsbawm (op. cit., p 47) comenta o interesse de Hitler em conquistar um “vasto império territorial oriental, rico em recursos e trabalho escravo”, partindo da invasão da União Soviética em 1941.

³² O interesse de Hitler por países sul-americanos como Brasil e Argentina (esta declaradamente simpatizante do nazismo) foi estudado por autores como Ricardo Bonalume Neto, Sérgio Correa da Costa e a própria Ana Maria Dietrich e será abordado em capítulos posteriores.

³³ O nome *Terceiro Reich* designa o período histórico da existência da Alemanha Nazi. Vem na sequência do Sacro Império Romano-Germânico (dito o *I Reich*) e do Império Alemão (1871-1918) como o *II Reich*. Isto foi feito para sugerir um regresso glorioso da Alemanha anterior à República de Weimar instaurada em 1919, mas que nunca foi dissolvida oficialmente pelo novo regime. O partido Nazi procurou combinar símbolos tradicionais da Alemanha com seus próprio símbolos no intuito de reforçar a idéia de unidade entre os seus ideais e a Alemanha. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Terceiro_Reich

A fome de territórios da Alemanha começou, como vimos, ainda em 1936, com a reocupação da Renânia. Essa onda de intervenções em outros países que impregnou a década de 1930 foi deflagrada, principalmente, pelos três países que pouco depois se aliariam na Segunda Guerra Mundial. Ainda em 1931 o Japão invadiu a Manchúria; em 1935 foi a vez de a Itália invadir a Etiópia, e em 1936 Alemanha e Itália interferem juntas na Guerra Civil Espanhola, conflito interessante para Hitler, pois seria um ensaio para as futuras batalhas travadas na Europa. Em 13 de março de 1938 a Áustria foi anexada ao III Reich e em outubro do mesmo ano a rica região dos Sudetos, na Tchecoslováquia, também foi anexada à Alemanha com a desculpa de abrigar maioria alemã que lá era marginalizada. Até aqui as arbitrariedades de Hitler eram tratadas com complacência pelas demais potências européias, até por que Inglaterra e França temiam uma nova guerra e a União Soviética havia assinado um tratado de não-agressão com a Alemanha em 23 de agosto de 1939³⁴. Com isso podemos perceber como os espaços geopolíticos dessa primeira metade do século XX estavam em constante transformação, o que gerava sérios atritos entre povos e países, desencadeando as duas grandes guerras mundiais e tantas outras que se seguiram na segunda metade daquele século. Na verdade a própria invasão do território polonês pelas tropas alemãs em 1º de setembro de 1939 é tida por muitos como marco desencadeador da Segunda Guerra Mundial, pois foi esse ato que levou Inglaterra e França a não tolerarem mais as anexações alemãs e declararem guerra a esse país.

Aos poucos as potências européias iam tomando posições no novo conflito que se iniciara. De um lado as aliadas Inglaterra e França combateriam a Alemanha, a Itália e o Japão³⁵, que formariam a colisão conhecida como Eixo.

Três semanas após sua invasão a Polônia capitulou e foi dividida entre alemães e russos. O exército polonês, ainda adaptado aos moldes da Primeira Guerra, nada pode fazer diante das modernas e eficientes divisões da infantaria alemã. O novo tipo de Guerra implantado pelos alemães ganhou o nome de “Blitzkrieg” (Guerra relâmpago), tamanha a rapidez e eficiência dos ataques. A blitz alemã aliava um

³⁴ Segundo Bem Abrahan (op. cit., p 21) esse pacto continha cláusulas secretas que estabeleciam a divisão do território polonês entre Alemanha e Rússia, que de fato aconteceu em setembro de 1939. Com isso, Hitler ganharia tempo, deixando a Rússia satisfeita, para posteriormente atacá-la em busca de suas riquezas minerais, como de fato aconteceu em 1941.

³⁵ Em outubro de 1936 foi formado o Eixo Berlim-Roma durante a Guerra Civil Espanhola. Um acordo de cooperação político-militar. Um mês depois Alemanha e Japão firmam o Pacto Anti-Comintern, que tinha como objetivo a luta contra o bolchevismo. Itália e Espanha adeririam também a esse pacto. Três anos mais tarde Alemanha, Itália e Japão se aliariam formando o Eixo durante a Segunda Guerra Mundial.

devastador ataque aéreo sobre pontos vitais de defesa do inimigo e o posterior uso de potente infantaria por terra, com modernos tanques e armas de fogo.

As forças armadas impressionavam pela qualidade das armas, adestramento e disciplina dos soldados. Seu exército tornara-se mais numeroso, adestrado e equipado que os da Inglaterra e França. Sua Força Aérea, a “*Lutwaffe*” contava com modernos e variados aviões, além de exímios pilotos; sua poderosa marinha detinha navios grandes e bem equipados, a ponto de fazer frente à marinha inglesa, além dos modernos e inovadores submarinos alemães, os *Uboats*, capazes de cruzar oceanos, navegando várias semanas sem abastecimento e dotados de uma capacidade destrutiva impressionante.³⁶

Após a conquista da Polônia, Hitler tentou um acordo com Inglaterra e França, no qual desistiria de novas pretensões territoriais e diminuiria seus armamentos, mas tal acordo foi ignorado pelos Aliados, o que levou o estadista alemão a dar seqüência a suas conquistas. Além do *Pacto de Não-Agressão* assinado com a União Soviética em 1939, Stálin e Hitler fecharam vários acordos comerciais, dentre eles o fornecimento de petróleo pelos russos. Combustíveis e matérias-primas eram fundamentais para o bom funcionamento da indústria bélica alemã, e foi por isso que a Alemanha invadiu a Noruega e a Dinamarca em busca de suas reservas de minério de ferro em 9 de abril de 1940.

Aquele ano marcou uma série de invasões devastadoras por parte das tropas de Hitler. Em 10 de março, sem nenhum aviso ou justificativa, os alemães invadiram Luxemburgo, Holanda e Bélgica. Essa operação foi executada, pois com ela Hitler conseguiria penetrar no território da França pela fronteira belga e assim conquistar aquele país, cujas fronteiras com a Alemanha eram guardadas por fortificações sofisticadas, a chamada *Linha Margiot*. Como acontecera com a Polônia, cidades inteiras desses três países foram arrasadas pelas bombas alemãs. A França passou a sofrer constante ataque ao norte de seu território. Pela fronteira belga, as tropas nazistas invadiram o país, cruzando o rio Oise e conquistando a cidade de Reims. Aproveitando-se da fraqueza francesa, a Itália, até então neutra no conflito, declarou Guerra à França, invadindo seu território pelo sul. Na madrugada do dia 14 de junho de 1940 os alemães entraram em Paris. Às 9:45 h, foi hasteada a bandeira com a suástica no Arco do Triunfo. Começou então um pomposo desfile das tropas invasoras pelo Champs

³⁶ Cada um desses submarinos chegava a afundar dezenas de navios inimigos, fato ocorrido em especial nas águas do oceano Atlântico.

Elysées.³⁷ A França acabou sendo dividida numa zona ocupada e governada pelos alemães ao Norte e Oeste, e uma zona com um governo colaboracionista ao sul, cuja capital era Vichy.

Em setembro de 1940 a Itália invadiu a Grécia. Após poucos dias de batalha seus militares recuaram, expulsos para a fronteira com a Albânia pelas tropas gregas. De pronto Hitler enviou divisões de infantaria para os Bálcãs, em auxílio a Mussolini. Para tal intento, os alemães teriam que cruzar os territórios da Iugoslávia e Bulgária, o que foi conseguido através de promessas de benesses aos seus governantes. Em abril de 1941, tropas ítalo-germânicas ocuparam toda a península grega. Sendo assim, em maio de 1941, o continente europeu, com exceção da Rússia, Península Ibérica, Suíça, Suécia e Finlândia, estava em poder das forças do Eixo.³⁸ Mais do que nunca as fronteiras européias estavam em constante transformação, tornando seu espaço um caos sob a égide do Totalitarismo nazista.

³⁷ ABRAHAM, op. cit., p. 32.

³⁸ Ibid, p. 34.

1.2. Roosevelt e Hitler disputam o Brasil

A participação brasileira na Segunda Guerra Mundial não foi tão insignificante como muitos pensam. O Brasil não apenas se restringiu a colaborar cedendo bases militares no Nordeste aos norte-americanos ou enviando uma força expedicionária à Itália. Além disso, “havia duas coisas que poderiam interessar a um beligerante: matérias-primas, como a borracha e o ferro, produtos agrícolas como o café e o açúcar, e uma posição geográfica estratégica”.³⁹ Desde muito antes do conflito mundial o país mantinha fecundas relações diplomáticas e comerciais com os Estados Unidos e a Alemanha, sendo esses seus principais parceiros comerciais, portanto:

“[...] era evidente que o Brasil se encontrava na alça de mira da Alemanha, não apenas por seu importante papel no comércio internacional – no fim dos anos 30, éramos o maior supridor do Terceiro Reich em algodão, café e borracha – mas pela nossa posição estratégica nas rotas marítimas. Outro fator de especial significação: possuíamos uma comunidade germânica de quase um milhão de pessoas.”⁴⁰

Dados preliminares como esses nos mostram que, pelo menos, alguma importância no cenário internacional o Brasil possuía, e esse fato seria comprovado pelo constante assédio dos governos alemão e americano ao país antes e durante a Guerra. Documentos do Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC – mostram um interesse do governo alemão em, pelo menos, manter o Brasil neutro no conflito, como observado num relatório de investigação da Polícia Civil na embaixada alemã e nos “*círculos germânicos*” no qual deixa clara a opinião do governo alemão, através de sua embaixada no Rio de Janeiro, sobre sua “simpatia pela causa da estrita neutralidade, melhor linha de conduta para o país, pois é a única que se coaduna com seus interesses, teme-se que tal atitude venha a ser modificada por pressão dos E.E.U.U.”⁴¹

³⁹ BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra Mundial: brasileiros em combate, 1942-1945**. Rio de Janeiro - Expressão e Cultura, 1995, p. 30.

⁴⁰ COSTA, Sérgio Corrêa da. **Crônica de uma guerra secreta: nazismo na América: a conexão argentina**. – 2ª ed. – Rio de Janeiro. Record, 2005, p. 24.

⁴¹ Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, documento GVC 1940.05.31\2.

É certo que, apesar da aparente neutralidade, o governo brasileiro possuía várias características de um regime totalitário, a exemplo da Alemanha. Boa parte da imprensa era censurada, o Congresso Nacional foi fechado, os partidos políticos extintos, o presidente passou a acumular amplos poderes sobre o Estado, seus opositores foram perseguidos e presos, dentre outras atitudes. Além disso, o presidente Getúlio Vargas demonstrou empatia pelos regimes totalitários europeus em seu discurso abordado no encouraçado Minas Gerais em 11 de junho de 1940, na comemoração do aniversário da Batalha de Riachuelo, durante a Guerra do Paraguai. Suas palavras tiveram grande repercussão no Brasil e em várias capitais das Américas, especialmente por virem um dia após o discurso do presidente norte-americano, Franklin Roosevelt, na Universidade de Virgínia, em que deixou clara sua reprovação aos países do Eixo. Em suas palavras o presidente brasileiro “expunha pensamento político indefinido ora pregando idéias corporativistas e fascistas de participação dos trabalhadores na vida administrativa da nação, ora condenando os regimes liberais e democráticos, ora assumindo o papel de reformador”⁴². O certo é que Getúlio Vargas era um político astuto e muito provavelmente seu marcante discurso a bordo do Minas Gerais tenha sido uma provocação ao governo norte-americano ao qual o Brasil havia solicitado um empréstimo para a construção de uma usina siderúrgica.

“Paralelamente ao pedido desse empréstimo, Getúlio fez chegar a Washington a notícia da oferta da Krupp, poderoso grupo industrial alemão, para a construção da siderúrgica brasileira. A notícia publicada pelo *New York Times* levou ‘o Sub-Secretário, Sumner Welles a advertir ao *Federal Loan Administrator*, Jessé Jones: caso o Brasil aceitasse a liberal oferta alemã, estava assegurada a predominância da Alemanha na vida econômica e militar do país durante muitos anos. ”⁴³.

O sucesso da blitzkrieg alemã na Europa, com a queda de vários países a partir de 1940 preocupava o presidente dos Estados Unidos. Ainda em novembro de 1938 Roosevelt convocou uma reunião com seu ministério para discutir o

⁴² FALCÃO, João. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado** – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 34.

⁴³ DULLES, John W. F. **Getúlio Vargas – biografia política**, 2ª edição, Rio de Janeiro, Renes, 1967, pp. 222 e 224. In. FALCAO, ob. cit., p. 36.

expansionismo alemão.⁴⁴ Esse foi o primeiro passo dado pelo governo dos Estados Unidos para montar planos de defesa de seu território que incluíam também a defesa de pontos vitais do continente americano. Surgiram, assim, o *Rainbow One* (agosto de 1939) e o *Rainbow Four* (junho de 1940). O primeiro desses planos “era relativo à defesa nacional e incluía o Nordeste brasileiro no perímetro territorial defensivo dos Estados Unidos”⁴⁵, um verdadeiro jogo estratégico em que pequenos pontos do espaço sul-americano, como as capitais do nordeste brasileiro, ganharam uma grande dimensão no contexto internacional da Guerra, passando a ser cobiçadas pelos dois lados. Sendo assim, o litoral nordestino ganhou especial atenção tanto dos Estados Unidos, que por lá temia uma invasão do continente, como da Alemanha, que lá instalou seus espões, como veremos adiante. Quando a França caiu diante da Alemanha em junho de 1940, os norte-americanos passaram a temer que os alemães tivessem a chance de chegar ao continente sul-americano através de bases francesas nas Ilhas Canárias, Dakar e outras colônias africanas. Os quase um milhão de alemães e descendentes que viviam no sul do Brasil poderiam servir de base para essa pretensa investida nazista na América, logicamente quando a Alemanha tivesse ganhado a Guerra na Europa de maneira definitiva, o que era totalmente admissível em 1940.⁴⁶ Por isso, também, que os americanos ainda nos primeiros meses do conflito passaram a cobiçar as bases militares do Nordeste brasileiro que se tornaram valioso objeto de negociação nas mãos de Getúlio Vargas.

A Segunda Guerra Mundial foi literalmente a “*Guerra dos espaços*”, onde determinados pontos do mapa europeu e depois mundial eram extremamente valorizados e cobiçados pelos beligerantes. Desde o começo da Guerra os envolvidos procuraram conquistar territórios ricos em matérias-primas para sustentar suas indústrias bélicas. Foi assim com as ricas jazidas de ferro da Noruega, exploradas pela Alemanha, ou com os campos petrolíferos do Oriente Médio, cujo petróleo abasteceu os ingleses. Nessa Guerra era importante não só somar territórios estratégicos, mas também neutralizar a capacidade de produção e subsistência do inimigo através de ataques a suas cidades e redes de abastecimento. Nesse cenário global onde espaços e matérias-primas ganharam vital importância, o Brasil despertou o interesse dos dois

⁴⁴ COSTA, op. cit., p. 56.

⁴⁵ HILTON, Stanley E. **A guerra secreta de Hitler no Brasil: a espionagem alemã e a contra espionagem aliada no Brasil, 1938-1945**, p. 265-6.

⁴⁶ Artigo do *The New York Times* de 20 de maio de 1940 afirma que os alemães dispunham de um verdadeiro “cavalo-de-troia” na América do Sul: “Um exército de 100 mil homens que poderia ser formado no Brasil entre os colonos alemães, todos com treinamento militar”. In: COSTA, op. cit. p. 56.

blocos por possuir peças importantes no entroncado jogo da estratégia militar. Evidentemente o país não possuía uma importância fundamental para definir o destino da Guerra, mas suas riquezas naturais e posição estratégica não podiam passar despercebidas por Alemanha e Estados Unidos.

A intensa preocupação do governo norte-americano com o Brasil e seus inúmeros flertes com o governo brasileiro são tratados de forma exaustiva por alguns autores que serviram de base para esta pesquisa.⁴⁷ Além disso, vários documentos do arquivo Getúlio Vargas no CPDOC também explicitam a intensa negociação diplomática entre os dois países visando o apoio incondicional brasileiro à causa norte-americana.⁴⁸ No outro lado da balança, estava o governo de Adolf Hitler, a quem também interessava boas relações com o Brasil, se não seu apoio total, pelo menos uma posição de neutralidade no conflito, até pelo intenso comércio entre os dois países, cujo fim traria prejuízo para ambos.

Para fortalecer sua posição política no país, o governo alemão tentou conquistar a simpatia dos militares brasileiros, especialmente dos comandantes das Forças Armadas. “Compreensível a admiração que nutriam os nossos militares em geral pela eficiência, organização e feitos espetaculares das forças armadas do Terceiro Reich.”⁴⁹ Não só dos brasileiros, mas os militares alemães ganharam à admiração de colegas de outras nacionalidades, tanto é que na invasão da União Soviética, em 1941, as tropas alemãs contavam com soldados de vários países que a eles se juntaram. No Brasil duas figuras importantes no governo se destacaram pela simpatia a causa nazista: os generais Góes Monteiro e Eurico Dutra:

“[...] não disfarçavam a admiração pelo modelo autárquico e militarista adotado pelas nações nazi-fascistas. Góes Monteiro era, inclusive, assíduo freqüentador de recepções na embaixada alemã, chegando a ser condecorado por Karl Ritter, representante de Hitler no Brasil até o fim da década de 1930. Por essas e outras, ele foi acusado pelo seu equivalente americano, George Marshall, de fazer vista grossa diante das notórias atividades de espões nazistas que

⁴⁷ Autores como João Falcão, Sérgio Correa da Costa, Ricardo Bonalume Neto e Stanley Hilton, cujas obras já foram citadas anteriormente são ótimas fontes sobre a intensa relação entre os dois países durante a Segunda Guerra Mundial.

⁴⁸ Um exemplo desses documentos é a carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando que o governo norte-americano está preocupado com a propaganda nazista na América do Sul (GV c 1940.05.23).

⁴⁹ COSTA, Sérgio Correa da. ob. cit. p. 139.

agiam livremente no Brasil. [...] segundo Prestes (Luis Carlos Prestes), se gabavam de serem ‘os prussianos das Américas’”.⁵⁰

Se de um lado os alemães contavam com a simpatia dos militares brasileiros, de outro os norte-americanos possuíam total apoio e dedicação do chanceler brasileiro Oswaldo Aranha. Cada um defendia o seu lado aberta ou discretamente. Em carta enviada a Getúlio Vargas em 19 de julho de 1941, Eurico Gaspar Dutra mostra discordar da idéia dos Estados Unidos de ocupar, juntamente com o Brasil, o território da Guiana Holandesa, pois não existia ainda “qualquer ato que se pudesse sequer classificar de provocação por parte dos países do Eixo.”⁵¹ Se fontes como essas não mostram uma declarada defesa da causa nazi-fascista, pelo menos passam uma simpatia ou excesso de cautela quanto a determinadas decisões do Brasil que possam contrariar os interesses teuto-italianos. Do outro lado, Aranha era um fervoroso defensor dos planos norte-americanos, chegando a ocupar o cargo de embaixador do Brasil nos Estados Unidos, antes de ser convidado pelo próprio Vargas para o Ministério das Relações Exteriores. Era o principal interlocutor entre Washington e o Rio de Janeiro. Foi Aranha que se desculpou pelo discurso de Vargas a bordo do Minas Gerais ao embaixador norte-americano Jefferson Caffery, após repreender categoricamente o presidente brasileiro em carta ainda em junho de 1940.⁵² Também foi uma das mais atuantes figuras na III Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro, em 1942, quando a maioria dos países americanos rompeu relações com o Eixo. Segundo Roberto Sander, seu empenho era tão grande que a Gestapo chegou a planejar seu assassinato às vésperas da Conferência dos Chanceleres, mas graças às diligências realizadas pela polícia brasileira, o Federal Bureau of Investigation - FBI e o Serviço Secreto Inglês, 36 agentes secretos do Eixo foram presos no Rio, entre eles Franz Walter Jordan, o homem encarregado da missão que durante o julgamento confessou o intento.⁵³

A III Conferência dos Chanceleres no Rio foi convocada pelos Estados Unidos logo após o ataque japonês à base naval de Pearl Harbor, no Havaí, e realizada entre 15 e 28 de janeiro de 1942 no palácio Tiradentes. Esse evento contou com a expressiva participação do subsecretário de Estado norte-americano Sumner Welles, o

⁵⁰ SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas**. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p.26.

⁵¹ Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC, FGV, documento GV c 1941.07.19.

⁵² Arquivo Oswaldo Aranha, CPDOC, FGV, documento AO 40.01.04\2).

⁵³ SANDER, Roberto. op. cit. p. 25.

que dava a medida da importância da reunião e acabava de vez com as esperanças do III Reich de manter o Brasil pelo menos neutro no conflito. Ao seu término foram aprovadas resoluções que consolidavam o apoio dos países membros ao esforço de Guerra dos Estados Unidos; a colaboração destes com matérias primas indispensáveis à indústria bélica norte-americana e a eliminação de barreiras à livre circulação de capitais norte-americanos em seus territórios. A principal medida da Conferência foi à aprovação de uma resolução que recomendava aos países do continente americano o rompimento das relações diplomáticas e comerciais com os países do Eixo. Apenas Argentina⁵⁴ e Chile foram contrários à decisão dos demais.

“No encerramento da Conferência, a 28 de janeiro, o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Oswaldo Aranha, sendo o último orador a falar, tornou públicas duas históricas decisões: a do presidente da República do Brasil, em aceitar a recomendação daquela conferência dos chanceleres, rompendo as relações diplomáticas e comerciais com os países do Eixo; e a do acordo de paz entre o Peru e o Equador, que estavam em guerra há três anos”⁵⁵.

Vargas havia passado pouco mais de dois anos negociando com alemães e norte-americanos, os principais parceiros comerciais do Brasil, tentando de todas as formas as melhores vantagens econômicas para o país. Chegou uma hora em que a pressão de ambos os lados por uma tomada de decisão aumentou a ponto de não ser mais possível a indecisão, até mesmo pelo avanço da Guerra. O Brasil pendeu para o lado dos Estados Unidos, pois suas promessas foram mais sedutoras e concretas. Durante a reunião dos chanceleres, os norte-americanos prometeram reequipar as Forças Armadas brasileiras e acenaram com o financiamento da siderúrgica que o Brasil pedia. Ainda durante o evento, os embaixadores dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) pressionaram Aranha para não ceder às pretensões norte-americanas. Curt Pruefer, representante alemão, escreveu ao chanceler brasileiro em tom de ameaça: “A ruptura das relações diplomáticas entre Brasil e a Alemanha significaria o estado de beligerância latente, acarretando conseqüências que equivaleriam à eclosão da Guerra

⁵⁴ Em seu livro “**Crônica de uma guerra secreta**”, Sérgio Corrêa da Costa estuda as intensas relações políticas e econômicas do governo argentino de Juan Perón com a Alemanha Nazista. Segundo o autor, a Argentina constituía-se numa aliada dos nazistas e serviria de base para uma investida no continente sul-americano quando o nazismo se espalhasse pelo mundo após a conquista da Europa.

⁵⁵ FALCÃO, João. op. cit. p. 76.

efetiva entre os dois países.”.⁵⁶ Por outro lado, o Brasil passou a viver uma verdadeira “lua de mel” com os Estados Unidos. Nunca a relação entre os dois países havia sido tão próxima. De Washington, o embaixador Carlos Martins enviou telegrama à Vargas relatando o impacto da decisão brasileira nos jornais daquele país. Segundo esse o *The New York Times* afirmava que “O Brasil assume posição de liderança no rompimento com o Eixo.”⁵⁷ Ao chegar a Washington, Sumner Welles também enviou telegrama ao presidente brasileiro: “Envio a Vossa Excelência meus mais profundos agradecimentos por todas as inumeráveis gentilezas.”⁵⁸

Pelo que percebemos nas fontes, Brasil e Estados Unidos passaram a ter uma relação extremamente amistosa após a Conferência, até porque um precisava muito do outro. De um lado o Brasil dos investimentos financeiros norte-americanos, e do outro esses precisavam das matérias primas e principalmente das bases militares do nordeste brasileiro. Em um estudo comparativo entre Brasil e Estados Unidos a historiadora Lúcia Lippi Oliveira lembra que “foi nos anos 40 que teve lugar a marcante penetração cultural norte-americana, como resultado de uma ação política governamental dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial.”⁵⁹ Esse verdadeiro desbravamento do espaço sul-americano pelos norte-americanos se deu num período onde a conquista de apoio popular era fundamental para o sucesso na Guerra. Hitler sabia disso e usou como ninguém a propaganda do Estado totalitário para conseguir o apoio das massas. Roosevelt também assim o fez, dentro e fora de seu país, lançando mão de intensa investida cultural nos países latino-americanos visando seu apoio a causa americana. Para tal empreitada foram usados muitos artistas norte-americanos que no Brasil estiveram como “garotos propaganda” do governo Roosevelt. Uma das personalidades de destaque foi o cineasta Walt Disney que chegou às terras brasileiras com uma poderosa arma de conquista das massas: o cinema.

“Desde 1933, por iniciativa do democrata Franklin Roosevelt, os Estados Unidos mudaram sua forma de se relacionar com os países latino-americanos. Para resolver conflitos, em vez de canhões e fuzileiros, era utilizado o diálogo, a diplomacia. Com isso, acabou de se incrementar um intercâmbio também cultural. Nesta época,

⁵⁶ SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil vai à Guerra**. Manole, 2003. In. SANDER, op. cit. p. 38.

⁵⁷ Telegrama de Carlos Martins a Getúlio Vargas. Rolo 7, fotograma 0011 a 0012. CPDOC\FGV. In. SANDER., op. cit. p. 40.

⁵⁸ Telegrama de Sumner Welles a Getúlio Vargas, em 31 de janeiro de 1942. Rolo 7, fotograma 0011 a 0012. CPDOC\FGV. In. SANDER., op. cit. p. 40.

⁵⁹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos** – São Paulo. Humanitas. 2000, p. 19.

Carmem Miranda fazia sucesso nos Estados Unidos e artistas americanos, freqüentemente, visitavam o Brasil. Era uma forma também de combater a influência européia nos países da América Latina, principalmente num momento em que emergiam no Velho Continente, governos totalitários com políticas expansionistas, como as que empreendiam Alemanha e Itália.”⁶⁰.

A influencia norte-americana, política e cultural, no Brasil surtiu fecundos efeitos. Das muitas passeatas que se realizaram pelas principais capitais do Brasil, muitas protestavam contra os países do Eixo e homenageavam os Aliados, principalmente os Estados Unidos. “Para 4 de julho, no Rio de Janeiro, a UNE preparou uma grande passeata [...] que seria, também, uma homenagem aos Estados Unidos pela data magna de seu povo, o Independence Day.”⁶¹. Além das manifestações públicas de apreço aos norte-americanos, produtos daquele país começaram a ser cada vez mais consumidos entre os brasileiros, como chicletes, cigarros e alimentos enlatados, além da explosão do cinema e músicas de seus artistas. Nas cidades litorâneas que abrigaram bases norte-americanas, seus militares eram tratados com muita cortesia, apesar de poucos incidentes.⁶².

A “invasão” norte americana não se deu apenas no meio cultural, mas no político, como dito, e especialmente no policial. Antes mesmo do rompimento das relações diplomáticas com os países do Eixo o Brasil foi advertido em 1940 pelo Estado Maior do Exército Americano sobre “o perigo de subversão da ordem partida de cidadãos estrangeiros, isto é, alemães, italianos, japoneses e de simpatizantes do Eixo.”⁶³. Na Guerra pela conquista do apoio brasileiro, seja do Estado ou do povo, os Estados Unidos tinham conhecimento da posição do ministro da guerra, general Eurico Dutra, e do chefe do Estado-Maior do Exército, general Góes Monteiro, ambos simpatizantes do Totalitarismo alemão. Além do mais, agentes do FBI em missões no Brasil sabiam do crescimento do partido nazista brasileiro, o maior fora da Alemanha,⁶⁴ e, principalmente, da livre ação de espões alemães em solo brasileiro que contavam com a complacência das autoridades policiais brasileiras.

⁶⁰ SANDER, op. cit., p. 32.

⁶¹ FALCÃO, op. cit., p. 92-93.

⁶² A historiadora Flávia de Sá Pedreira fez excelente pesquisa sobre a relação entre norte-americanos e brasileiros durante a Segunda Guerra em Natal-RN, publicada em seu livro **Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal – 1920-1945**. EDUFRN, 2005.

⁶³ FALCÃO, op. cit., p. 43.

⁶⁴ Segundo a historiadora Ana Maria Dietrich (op. cit. p. 8), o partido nazista brasileiro tinha 2.900 membros distribuídos por 17 Estados brasileiros, sendo estruturado de acordo com regras e diretrizes do modelo organizacional do II Reich.

Desde a década de 1930 a única conexão aérea entre a América do Sul e a Europa era feita pela LATI (Linhas Aéreas Transcontinental Italiana). Esta empresa era responsável pela “maior falha no bloqueio econômico britânico”⁶⁵ implantado nos anos iniciais da Guerra, pois transportava material de propaganda, matéria prima para a indústria bélica alemã, funcionários do Eixo e espões daqueles países. Tanto a LATI como a companhia aérea Condor da Alemanha também eram importantes por passarem informações sobre o deslocamento de navios aliados, especialmente nas costas sul-americanas, e ajudar os do Eixo a furar o bloqueio britânico.⁶⁶

Contribuiu também com valiosíssimas informações ao Eixo sobre o movimento de navios aliados em portos brasileiros uma rede de espões nazistas, alguns deles ligados diretamente ao próprio Hitler, dando-nos a dimensão da importância de informações sobre o Brasil no contexto internacional da Guerra. No solo brasileiro foi travada uma verdadeira “Guerra secreta” entre as maiores redes de espionagem do mundo: de um lado o Abwehr (serviço de espionagem alemã), do outro o FBI norte-americano e o Serviço Secreto britânico, responsáveis pela não menos eficiente contra-espionagem aliada.

Hitler enviou para o Brasil alguns de seus melhores homens na área da espionagem, dentre eles o mais graduado na hierarquia da espionagem nazista, Albrecht Gustav Engels, engenheiro da Siemens, codinome “Alfredo”. Este operava um possante transmissor de rádio, cujo codinome era “Bolívar”, por meio do qual transmitia importantes informações sobre o Brasil e a América Latina para Berlim.⁶⁷ Alfredo naturalizou-se brasileiro ainda em 1934, passando a trabalhar no Rio de Janeiro como representante da Siemens. Pouco antes de irromper o conflito mundial estava de férias na Europa, onde foi recrutado pelos nazistas, passando a exercer sua função de espião com grande competência, enviando informações sobre a produção industrial e militar dos Estados Unidos, seu comércio com a América Latina e o movimento de navios aliados nos portos brasileiros. Com a entrada dos Estados Unidos na Guerra e o desmantelamento da rede de espões nazistas naquele país, a rede de Alfredo passou a ser mais cobrada pelo Abwehr, que pedia informações sobre a atuação norte-americana no Nordeste, como comprimento das pistas de aeroportos, instalações militares,

⁶⁵ FALCÃO, op. cit. p. 44.

⁶⁶ Alguns autores brasileiros que estudam o Brasil na Segunda Guerra Mundial comentam o caso de colaboração da LATI com o Eixo. São exemplos disso Roberto Sander (op. cit. p. 107), João Falcão (op. cit. p. 44) e Sérgio Costa (op. cit. p. 86).

⁶⁷ COSTA, op. cit. p. 91.

números dos contingentes, fontes de abastecimento de combustíveis, dentre outros dados.

Uma rede de espionagem como a de Alfredo geralmente contava com uma gama de profissionais que a faziam funcionar com eficiência, com técnicos em eletrônica, engenheiros, pilotos, militares e informantes que lhe possibilitava agir com maestria e sem ser incomodados pelas autoridades policiais brasileiras, pelo menos nos meses iniciais da Guerra. Sua célula era a principal atuando no país, embora existissem outras menores, como a do seu compatriota Friedrich Kempter, residente em Recife, casado com uma pernambucana e grande informante do movimento de navios nos portos do nordeste. “Dentre suas maiores proezas estão conseguir informar ao Abwehr a espessura das redes de proteção contra torpedos que os ingleses instalavam em seus navios e, ainda mais importante, obteve as tabelas da maré do litoral inglês.”⁶⁸ – de valor inestimável numa invasão a Grã-Bretanha por mar.

Outro espião nazista de destaque entre os historiadores pesquisados foi o Dr. Josef Jacob Johannes Starziczny. Doutor em engenharia eletrônica descobriu que os impulsos de rádio fluíam muito mais facilmente na direção norte-sul que na leste-oeste, através do Atlântico. A solução foi à instalação de postos de baixa energia nos Estados Unidos que enviariam importantes informações às estações de alta potência na América do Sul, para retransmissão à Alemanha. Para SANDER (2007, p. 99), Starziczny:

“Trabalhava com tamanha dedicação e eficiência que, entre 1941 e 1942, chegou a transmitir para a Alemanha, segundo inquérito instaurado pela Delegacia da Ordem Política e Social e encaminhado ao Tribunal de Segurança Nacional, 450 mensagens, no qual informava sobre o tráfego marítimo brasileiro e dos Aliados. É possível que tenha passado a submarinos nazistas algumas rotas de navios brasileiros afundados.”

A brilhante carreira de Starziczny no Brasil só terminou graças à atuação de um delegado do DOPS paulista, Elpídio Reali, que investigava a atuação de espiões nazistas no Brasil. Depois de meses de investigação Reali chegou à casa de Starziczny em 15 de março de 1942, lá encontrando “máquinas fotográficas equipadas com teleobjetivas, radioreceptores e registros de entradas e saídas de navios do porto do Rio, que continham suas rotas e características das embarcações.”⁶⁹ A partir dessa

⁶⁸ HILTON, op. cit., p. 102-102.

⁶⁹ Idem, p. 102.

descoberta outros 128 acusados de espionagem foram detidos no Brasil, o que nos dá uma idéia da extensão da rede espiã nazista no país. Mas isso não impediu que outros espiões continuassem a agir isoladamente ou em pequenas células passando informações valiosas ao governo alemão. Muito provavelmente a ação de tais agentes explique a eficiência dos torpedeamentos de navios brasileiros por submarinos alemães que, surpreendentemente, descobriam suas rotas e causavam grandes prejuízos ao comércio marítimo brasileiro e norte-americano. Um exemplo da eficiência dessas informações pelos espiões pode ser verificado através da descoberta por Reali de um registro na casa de Starziczny contendo a trajetória do navio cruzeiro Queen Mary pela América do Sul e sua rota rumo a Austrália, levando a bordo 8 mil soldados canadenses. A embaixada dos Estados Unidos no Brasil foi avisada do fato e conseguiu contatar a Marinha norte-americana que conseguiu mudar a rota do navio, antes que fosse torpedeado por submarinos nazistas. O Reich ainda chegou a comemorar o afundamento em notícia transmitida pela rádio Berlim, mas dias depois o navio chegou incólume à Austrália. Por essa ação, o delegado Elpídio Reali recebeu uma carta de congratulações do diretor do FBI, J. Edgar Hoover. Mais tarde o comandante do Queen Mary o presenteou com uma caixa de charutos.⁷⁰

São inúmeros os nomes e ações de espiões nazistas no continente americano, especialmente no Brasil. O que tentamos mostrar neste sub-item foi que o país não ficou tão a margem do conflito mundial como muitos pensam, até porque ocupava uma posição geográfica, econômica e política estratégica no contexto da década de 1940. A prova disso foi o constante assédio sofrido tanto de países do Eixo como dos Aliados antes e durante a Guerra. No próximo sub-item procuraremos mostrar quais as conseqüências da ruptura das relações diplomáticas com o Eixo, como a população brasileira, de um modo geral, reagiu a tudo isso e qual a influencia que teve na entrada do Brasil efetivamente na Guerra ao lado dos Aliados.

⁷⁰ **Às margens do Sena.** Reali Júnior. Depoimento a Gianni Carta. Ediouro, 2007. In. SANDER, op. cit. p. 103.

1.3. Agressões e protestos: o povo pede a Guerra

A III Conferência dos Chanceleres realizada no Rio de Janeiro foi um marco na história da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Após seu término, no dia 28 de janeiro de 1942, o Brasil fincou posição no conflito ao lado dos Estados Unidos, passando a por em prática um acordo político-militar em que colaboraria com o esforço de guerra norte-americano. Cedendo bases aéreas no Nordeste, que eram de fundamental importância por possibilitarem o envio de material bélico e de tropas para auxílio aos Aliados na África e no Oriente Médio, o Brasil também abriria seus portos e estaleiros a navios aliados, produzindo e exportando matérias-primas para a indústria bélica norte-americana, especialmente a borracha dos seringais amazônicos.

A instalação de tropas e equipamentos norte-americanos no Nordeste não foi tão fácil, pelo contrário, foi uma operação diplomática muito delicada. Como visto anteriormente os militares brasileiros, de uma forma geral, nutriam grande simpatia pelo Eixo e admiração pelas façanhas de seus colegas alemães na Guerra. A prova desse esforço foi a carta enviada em meados de 1941 por Jefferson Caffery, embaixador dos Estados Unidos no Brasil, ao secretário de Estado daquele país, Cordell Hull com sugestões para convencer as autoridades militares brasileiras sobre a ida de tropas norte-americanas para Natal.

“Como observei antes, só há um meio possível de persuadir as autoridades militares brasileiras a nos concederem permissão para enviar nossos oficiais e tropas para a área de Natal, e este é – sob o disfarce de ensinar-lhes o funcionamento das armas que lhe fornecemos, possivelmente, por exemplo, um centro de instrução poderia ser estabelecido perto de Natal com equipamentos dos Estados Unidos, conveniências, facilidades de treinamento, etc.”.⁷¹

Antes mesmo da instalação oficial dos norte-americanos no Nordeste o governo brasileiro já havia concedido a estes alguns privilégios ainda em 1941, como a permissão para a Força do Atlântico Sul, comandada pelo almirante Jonas Ingran, de utilizar os portos de Recife e Salvador, além de que uma esquadrilha da Marinha dos Estados Unidos desempenhasse operações de patrulha na costa do nordeste brasileiro. Com o aumento da participação dos Estados Unidos na Guerra, o governo daquele país

⁷¹ Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC, FGV, documento GV c 1941-06-00.

conseguiu autorização do Brasil para usar suas bases aéreas em capitais como Natal, Recife e Belém; com isso, Roosevelt solicitou à Vargas autorização para mandar técnicos civis às referidas capitais para cuidar da manutenção dos aviões que partiriam do Brasil rumo à África. Só que, ao invés de técnicos civis, desembarcam nas bases aéreas do Nordeste fuzileiros navais armados. Esse fato criou um delicado problema diplomático entre os dois países, insuflado pelos generais Góes Monteiro e Eurico Dutra. Este último escreveu de próprio punho uma carta ao presidente Vargas enfatizando a preocupação latente dos dois militares com as atitudes norte-americanas em relação ao Brasil e, principalmente, com a carência de material bélico das Forças Armadas brasileiras.⁷²

Em relação à carência de recursos das Forças Armadas Brasileiras os militares tinham razão. Já fazia dois anos que o Brasil solicitava insistentemente aos Estados Unidos armas para defesa de seu território, sem obter respostas concretas. Como bom estrategista que era, Vargas usou o incidente diplomático nas bases do Nordeste para exigir do presidente Roosevelt o equipamento de que o Brasil necessitava. Imediatamente convocou uma reunião com Sumner Welles cobrando uma atitude dos Estados Unidos, pois o Brasil não poderia ser tratado como “um pequeno país centro-americano, que se satisfizesse com o envio de tropas americanas para seu território”,⁷³ mas, como um aliado que precisava ser armado para a defesa de espaços que eram vitais tanto para o Brasil como para os Estados Unidos. Sabendo por Welles da insatisfação brasileira, imediatamente o presidente Roosevelt respondeu:

“Diga ao presidente Vargas que compreendo perfeitamente e avalio a necessidade do material e posso assegurar que as remessas começarão imediatamente. Ele compreenderá quando afirma que existe falta de alguns poucos materiais que não ousou mencionar pelo telégrafo, mas que estarão brevemente em plena produção. Desejo enviar imediatamente algumas remessas e aumenta-las muito rapidamente até o mínimo das necessidades brasileiras. Diga-lhe que estou muito contente com a sua esplêndida política e apresente-lhe os meus muito cordiais cumprimentos.”⁷⁴

Esses fatos aconteceram ainda no decorrer da III Conferência dos Chanceleres (15 a 28 de janeiro de 1942) no Rio, o que aumentou o poder de barganha

⁷² Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC, FGV, documento GV 42.01.24.

⁷³ DULLES, John William Foster. **Getúlio Vargas – biografia política**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Renes, 1967. pp. 236-237. In. FALCÃO, op. cit. p. 73.

⁷⁴ Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC, FGV, documento GV 42.01.20.

de Vargas e a preocupação dos Estados Unidos em satisfazer o Brasil, tendo em vista que as bases do Nordeste eram de vital importância para o esforço de guerra daquele país, pois de lá saíam boa parte de suas tropas e recursos rumo à África e o Oriente Médio, o que tornaria determinados espaços do litoral nordestino decisivos na geografia estratégica da Guerra, não só em termos aeronáuticos, mas, principalmente, marítimos, pois a costa nordeste brasileira formava com a costa oeste africana um cinturão atlântico de importância fundamental na Guerra, já que era por aquela região que circulavam grande parte dos suprimentos, tropas e embarcações de guerra das principais potências envolvidas. Não foi por acaso que os Estados Unidos se instalaram e investiram maciçamente nas capitais nordestinas, além de dispensarem um grande esforço diplomático para tal intento, o que envolveu por muitas vezes o próprio presidente daquele país, que chegou a estar lá pessoalmente. Também não foi sem propósito que alemães e italianos tanto disputaram pelo menos a neutralidade brasileira, e com a perda desta infestaram o Atlântico Sul com boa parte de sua poderosa frota de guerra, causando grandes prejuízos aos Aliados naquela região.

Após o rompimento das relações diplomáticas o Eixo não desistiu de imediato do Brasil, pois “alguns dias depois do encerramento dos trabalhos da Conferência do Rio de Janeiro, ainda subsiste em Berlim uma pequena esperança de ver o Brasil conservar uma posição de neutralidade concreta.”⁷⁵ Essa tese baseava-se no fato de Brasil, Argentina e Chile possuírem governos semelhantes ou simpatizantes ao alemão. De fato, esses últimos permaneceram neutros, não rompendo relações com o Eixo após a Conferência. Diante da posição brasileira de estrita colaboração com os norte-americanos, não restou nada ao Eixo senão a represália.

Perdida a posição de neutralidade brasileira, alemães e italianos colocaram o Brasil na prancheta e teceram planos para o país durante e depois da Guerra. Segundo Ricardo Seitenfus, representantes dos dois países procuraram o líder integralista Plínio Salgado⁷⁶ em Lisboa, capital onde estava exilado, para traçar planos para o Brasil no

⁷⁵ SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos, 1930-1942: o processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial**. – São Paulo: Ed. Nacional; (Brasília): INL, Fundação Nacional Pró-memória, 1985, p. 407.

⁷⁶ **Integralismo** (algumas vezes chamado de "**nacionalismo integral**") é uma corrente política tradicionalista, inspirada na Doutrina Social da Igreja Católica, que apareceu em Portugal nos inícios do século XX defendendo que uma sociedade só pode funcionar com ordem e paz, no respeito das hierarquias sociais, baseadas nas aptidões e nos méritos pessoais demonstrados (em oposição às doutrinas igualitárias saídas da Revolução Francesa, como o socialismo, comunismo e anarquismo), e na harmonia e união social. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Integralismo>). Muitos de seus opositores no Brasil o associavam ao fascismo italiano, portanto, defensor de idéias totalitárias.

Pós-guerra, após uma possível vitória do Eixo. A antiga Aliança Integralista Brasileira - AIB, cujos membros e simpatizantes operavam de maneira ilegal, serviria de base para um movimento de deposição a Vargas e implantação de um governo sob a influência totalitária do Eixo. Esse projeto foi deixado de lado no decorrer da Guerra com a iminente vitória dos Aliados.⁷⁷ A medida concreta que o Eixo adotou contra o Brasil foi impedir a navegação comercial entre o país e o Atlântico Norte, em especial os Estados Unidos, e essa barreira oceânica montada pelos alemães, em especial, acabou pondo a pique vários navios brasileiros ao redor do continente, além de ceifar centenas de vidas tanto de civis como de militares brasileiros. No quadro abaixo teremos uma idéia da proporção de navios mercantes aliados afundados a partir de janeiro de 1942 quando do encerramento da III Conferência dos Chanceleres e o rompimento de relações do Brasil com os países do Eixo:

NAVIOS ALIADOS AFUNDADOS POR SUBMARINOS DO EIXO NA AMÉRICA

Período	América do Norte	Golfo do México	América Central e Caribe	Costa do Brasil	Total
Jan-Mar/1942	83 (67%)	8 (7%)	2 (26%)	-	93
Abr-Mai/1942	47 (23%)	65 (32%)	81 (40%)	9 (5%)	202
Jul-Set/1942	23 (18%)	20 (16%)	75 (59%)	9 (7%)	127
Out-Dez/1942	7 (12%)	-	31 (51%)	22 (37%)	60
Jan-Jul/1943	2 (6%)	3 (9%)	14 (42,5%)	14 (42,5%)	33
Jul-Dez/1943	2 (6%)	1 (3%)	11 (32%)	20 (59%)	34

Fonte: SANDER., op. cit. p. 105.

Como exposto percebemos que o Eixo, inicialmente, deslocou o grosso de seus submarinos para o Atlântico Norte, atacando comboios norte-americanos e causando sério prejuízo àquele país que ainda não estava adequadamente equipado para a Guerra. No decorrer do ano de 1942 a produção industrial dos Estados Unidos, voltada para o esforço de guerra, cresceu e seus comboios mercantes passaram a ser

⁷⁷ Essas informações são baseadas numa série de documentos extraídos pelo autor de arquivos alemães (Auswärtiges Amt - DDA) e italianos (Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri - AI) que apontam as negociações entre os representantes nazista (Walter Schellenberg) e fascista (Dr. Colpi - ex-cônsul de São Paulo) com Plínio Salgado sobre projetos futuros para o Brasil e América do Sul. SEITENFUS, op. cit. p. 399.

cada vez mais protegidos por sua esquadra e por armas anti-submarinos modernas,⁷⁸ causando o arrefecimento dos ataques próximos à costa norte-americana. No mesmo quadro, notamos que o Atlântico Sul também sofreu pesados ataques dos submarinos do Eixo. Tais operações davam-se, inicialmente, pela falta de escolta e armas dos mercantes brasileiros e para desviar recursos dos Estados Unidos para o Atlântico Sul, tendo em vista que as missões no Norte haviam tornado-se mais difíceis.

Como vimos no sub-item anterior, o embaixador alemão Curt Pruefer havia alertado Oswaldo Aranha, em carta, de que a ruptura das relações comerciais e diplomáticas com o Eixo significaria “*estado de beligerância latente*.” De fato ele estava certo. Poucos dias depois da ruptura, o primeiro navio brasileiro foi afundado: o *Buarque*, em 16 de fevereiro de 1942, na costa Leste dos Estados Unidos, com 86 brasileiros a bordo, causando uma morte. Ainda no mês de fevereiro de 1942 os ataques dos submarinos alemães continuaram, afundando mais dois navios, o *Olinda* e o *Cabedelo*, este último causando a primeira tragédia brasileira de impacto na Guerra, com a morte de todos os seus 54 tripulantes.⁷⁹ Segundo FALCÃO, “foi em Belém do Pará que se realizaram, no dia 24 de fevereiro, os primeiros protestos contra o torpedeamento de dois navios mercantes brasileiros.”⁸⁰ Segundo o autor, cerca de 10 mil pessoas compareceram à passeata organizada por comerciários, operários e estudantes. Aliás, estes últimos constituíram-se num forte contingente de mobilização nacional no decorrer da Guerra, como veremos adiante.

Ressaltamos que, apesar das agressões do Eixo à frota brasileira, o Brasil não era um país beligerante, pois não tinha declarado Guerra a nenhum outro ainda, apesar de colaborar com os Estados Unidos em seu esforço de guerra. Naqueles meses iniciais de 1942 os navios brasileiros costumavam navegar com as luzes acessas, dando visibilidade a bandeira brasileira, um costume habitual dos navios cujas nações permaneciam neutras na Guerra, mas nada disso adiantou. Em 27 de fevereiro de 1942, dois dias depois do torpedeamento do *Cabedelo*, o presidente Vargas protestou junto à Alemanha por intermédio do embaixador português em Berlim, tendo em vista que o brasileiro havia sido retirado daquela cidade em virtude do fim das relações

⁷⁸ Dentre essas armas estava o sonar, aparelho capaz de detectar a presença de submarinos nas proximidades do navio graças a ondas magnéticas emitidas pelo barulho de seus motores. Esse aparelho, já usado durante a Primeira Guerra Mundial, foi muito aperfeiçoado na década de 1940, evitando a perda de mais navios mercantes norte-americanos.

⁷⁹ SANDER, op. cit. p. 97.

⁸⁰ FALCÃO, op. cit. p. 83.

diplomáticas.⁸¹ Em decorrência do silêncio do governo alemão, Vargas editou o decreto-lei nº. 4.166, de 11 de março de 1942, no qual os bens e direitos dos súditos alemães, italianos e japoneses, respondem pelo prejuízo aos bens e direitos do Estado brasileiro, pelos atos de agressão praticados pela Alemanha, Itália e Japão. Segundo esse documento:

“[...] foram incorporadas as companhias de aviação LATI (italiana) e Condor (alemã); dezesseis navios do Eixo ancorados em portos brasileiros são incorporados ao Brasil; não só são presos japoneses e alemães, mas todos os nipônicos residentes no litoral paulista são enviados para o interior do Estado; e exige-se salvo-conduto para todo estrangeiro do Eixo que queira transitar pelo Brasil.”⁸²

Além dessas represálias contra “os súditos do Eixo”, no dia 17 de março Vargas escreveu ao embaixador Carlos Martins em Washington para que este solicitasse ao governo norte-americano providências que garantissem a segurança dos navios mercantes que trafegavam entre Brasil e Estados Unidos, mais precisamente comboios e artilharia para os mesmos. Já no dia 18, Martins escreveu a Vargas relatando contatos que havia feito com o Ministério das Relações Exteriores dos Estados Unidos.⁸³ A resposta do governo norte-americano ao Brasil não tardou a vir, e veio justamente do presidente Roosevelt que escreveu a Vargas de forma amistosa, enfatizando o ótimo entendimento entre os dois países e prometendo providências, na medida do possível, frente às solicitações brasileiras:

“Confio que compartilhe da minha convicção de que acordos assinados em 3 de março constituem a base de um novo e proveitoso desenvolvimento entre os dois países. Graças a dilatação do acordo de empréstimos e arrendamentos e às listas de entregas que foram combinadas, as forças armadas brasileiras, num prazo muito menor do que tínhamos julgado possível, estarão equipadas com grande quantidade de armas necessárias a torná-las capazes de desempenhar sua parte na defesa do país e do continente [...] Finalmente, desejo mais uma vez valer-me da oportunidade de dizer-lhe como sou verdadeiramente grato pela cooperação sincera que tenho infalivelmente recebido de Vossa Excelência nos assuntos de vital importância que tenho sido forçado, pelas críticas circunstâncias de nosso tempo, a levar a sua atenção.”⁸⁴

⁸¹ SEITENFUS, op. cit. p. 409.

⁸² FALCÃO, op. cit. p. 86.

⁸³ SANDER, op. cit. p. 75.

⁸⁴ Carta de Franklin Roosevelt a Getúlio Vargas. Rolo 7, fotograma 0007 a 0008. CPDOC\FGV. In: SANDER, op. cit. p. 81.

O conteúdo de mais essa carta retrata a atenção dedicada ao Brasil pelos Estados Unidos, especialmente após a III Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro, quando os dois países se aliaram contra o Eixo. O tom de escrita, dessa e de outras correspondências analisadas nos mostra que os dois presidentes mantinham um relacionamento bastante amistoso; essa impressão é reforçada posteriormente pela famosa foto de ambos sobre um jipe em Natal no dia 28 de janeiro de 1943, quando da visita do presidente norte-americano ao Brasil, vindo de Dakar, na África. Apesar das veementes promessas de Roosevelt, o apoio não veio de imediato e na proporção esperada, mas paulatinamente, o que levou o presidente Vargas a escrever outras cartas ao colega norte-americano pedindo pressa no equipamento da frota brasileira, até porque internamente a opinião pública começava a se manifestar e certos grupos e associações a organizar comícios e passeatas pelas principais cidades brasileiras, pedindo providências do governo contra as agressões do Eixo e as vidas compatriotas ceifadas.⁸⁵

Em 12 de março de 1942, quatro dias após o afundamento do sexto navio brasileiro, o *Cairu*, que causou a morte de 53 pessoas, entidades estudantis de Salvador organizaram uma violenta manifestação popular que culminou com a depredação da loja *Dannemann & Cia.*, tradicional fábrica de charutos de descendentes alemães. Esse fato “alcançou repercussão nacional. Logo em seguida, repetiram-se idênticas manifestações no Rio, em São Paulo, em Belo Horizonte e no Rio Grande do Sul.”⁸⁶ As manifestações de protesto contra o Eixo estavam apenas começando, e à medida que os mercantes brasileiros iam sendo postos a pique as passeatas e comícios iam aumentando.

O mês de maio de 1942 seria marcado pela chegada da Guerra ao território brasileiro. Um evento tão importante, mas antes tão distante da pacata vida num país de população esmagadoramente agrária agora batia as portas brasileiras.⁸⁷ Em 18 de maio foi atacado o *Comandante Lira*, a nordeste do arquipélago de Fernando de Noronha. A bordo do navio 54 passageiros foram surpreendidos na noite desse dia pelos torpedos do submarino italiano *Barbarigo*, dois morreram. O *Lira* viajava de Recife para Nova Orleans e pouco tempo depois do ataque lançou um “SOS” que foi captado pelo

⁸⁵ Entre esses grupos e associações estavam o Partido Comunista Brasileiro; Sociedade Amigos da América; Liga de Defesa Nacional e entidades estudantis como a UNE.

⁸⁶ FALCAO, op. cit. p. 87.

⁸⁷ Segundo Ricardo Bonalume Neto (op. cit. p. 126): “No Brasil de 1940, 70% da população vivia no campo, contra apenas 24% hoje (1995)”.

cruzador norte-americano *Omaha*. A tripulação desse, após resgatar os náufragos brasileiros, apagou o fogo do *Lira* que foi rebocado até Fortaleza, lá chegando no dia 25. Nesse meio tempo, no dia 22, o *Barbarigo* foi atacado entre o Atol das Rocas e Fernando de Noronha por um bombardeiro *B-25B Mitchell* da recém criada Força Aérea Brasileira.⁸⁸ Como vimos a guerra marítima havia chegado à costa do Rio Grande do Norte. Um dia antes, 24 de maio, o *Gonçalves Dias* havia sido torpedeado, matando mais 6 passageiros.

Os dias de maio, junho e julho foram passando e o número de navios brasileiros torpedeados por submarinos nazistas aumentando. Eram 14 no final de julho com 146 mortos.⁸⁹ Logicamente esses fatos eram diariamente noticiados pela imprensa brasileira, causando revolta e indignação da população que se organizava através dos “grupos patrióticos” anteriormente citados.⁹⁰ No dia 30 de julho Vargas, muito provavelmente devido à pressão da opinião pública e às manifestações nas ruas dos grandes centros do país, escreveu à Roosevelt pedindo a urgente organização de comboios para proteger os navios brasileiros nas rotas marítimas entre os dois países. Escreveu o brasileiro ao colega norte-americano: “Estou convencido de que só a organização de comboios em todo percurso permitirá resultados concretos.”⁹¹ Os comboios foram formados, mas os ataques continuaram cada vez mais violentos. Agora os submarinos alemães não atacavam somente navios mercantes, mas passaram a torpedear também os de transporte de passageiros, causando uma das maiores carnificinas que se tem notícia na história brasileira. O quadro a seguir nos dá idéia da tragédia que atingiu maiores proporções no mês de agosto de 1942:

Navio brasileiro	Data do ataque	Tripulação\passageiros	Mortes
Baependi	15 de agosto de 1942	306	270
Araraquara	15 de agosto de 1942	142	131
Aníbal Benévolo	16 de agosto de 1942	154	150
Itagiba	17 de agosto de 1942	181	36
Arará	17 de agosto de 1942	35	20

⁸⁸ FALCÃO, op. cit. p. 90.

⁸⁹ SANDER, op. cit. p. 97.

⁹⁰ Os jornais Folha da Manhã, de São Paulo; Correio da Manhã e Diário da Noite, do Rio de Janeiro; Estado da Bahia e A Tarde, de Salvador; Voz do Povo e A Razão, de Aracaju, são exemplos de periódicos que levavam diariamente notícias dos torpedeamentos à população das grandes cidades.

⁹¹ Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC, FGV, documento GV 42.07.30\3.

Jacira	19 de agosto de 1942	6	-
--------	----------------------	---	---

Fonte: SANDER, op. cit. p. 97.

Os dados acima nos mostram a eficiência e poder de destruição de um único submarino nazista, pois todo esse estrago foi causado pelo *U-507*. Não foi sem motivo que a navegação em águas brasileiras nos meses de 1942 tornou-se muito perigosa. A retaliação de Hitler ao Brasil havia sido extremamente bem sucedida, e alguns autores estudados nos mostram que poderia ser ainda maior. Ainda em junho, Hitler havia planejado um grande ataque de retaliação ao Brasil, no qual 10 submarinos atacariam os portos de Santos, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, afundando todas as embarcações neles encontradas e minando seus acessos. Além de vingança, esse ataque seria estratégico por prejudicar a navegação dos Aliados no Atlântico Sul. O plano não foi adiante graças ao ex-embaixador alemão no Brasil, Karl Hitter, que temia que uma operação nessa proporção arrastasse todo o continente à Guerra contra a Alemanha, inclusive os simpatizantes da causa nazista na Argentina e Chile.⁹²

Poucas horas depois dos torpedeamentos do *Baependi* e do *Araraquara* os destroços e corpos começam a chegar às praias de Sergipe. Os relatos dos autores analisados são parecidos quanto à cena e o impacto causado pelo desastre na opinião pública brasileira. Segundo SANDER, “primeiro chegaram malas, caixotes, fardos de algodão e lascas de madeira de algo que lembrava uma embarcação; mais tarde cadáveres. A imagem dos corpos boiando ou já estivados na areia alarmou os habitantes das redondezas.”⁹³ Para FALCÃO, “os corpos dos naufragos foram dando às praias de Sergipe. Os primeiros cadáveres chegados à Aracaju eram de treze adultos e uma criança, trazidos da cidade de Estância. Esse quadro provocou uma indignada reação do povo e dos estudantes.”⁹⁴

Muitos que estudam a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, especialmente os autores citados neste trabalho, defendem que, os pesados ataques do *U-507* aos navios brasileiros durante o mês de agosto de 1942 com grande número de vítimas fatais e as conseqüentes manifestações populares nas principais cidades do país

⁹² Esse episódio é relatado por autores como FALCÃO (op. cit. p. 99); SANDER (op. cit. p. 174); SILVA, Hélio e CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. **Segunda Guerra Mundial (1943-1944)**. Rio de Janeiro: Editora Três, 1975, p. 39; e pelo historiador naval alemão Jürgen Rohwer em “Operações navais da Alemanha no litoral do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial”, artigo na revista *Navigator*, publicada pelo Serviço de Documentação da Marinha, nº 18, janeiro a dezembro de 1982, p. 14. In. BONALUME NETO (op. cit. p. 55).

⁹³ SANDER, op. Cit. p. 19.

⁹⁴ FALCÃO, op. cit. p. 102.

foram de fundamental importância para a declaração de guerra do Brasil ao Eixo no dia 19 de agosto daquele ano. O rádio e os jornais cumpriam a missão de divulgar a tragédia. A manchete do jornal *O Globo* da manhã do dia 18 berrava: “*Desafio e Ultraje ao Brasil*”. Notícias como essa provocaram comoção e protestos pelo país. A União Nacional dos Estudantes – UNE, esteve à frente da organização de muitos comícios e passeatas, especialmente na capital federal, como os que aconteceram no dia 18 de agosto. Pela manhã uma grande passeata pela Avenida Rio Branco e a noite um comício com cerca de 12 mil pessoas que gritavam palavras de ordem como: “*queremos a Guerra*” e “*vingança*”.⁹⁵.

“Em São Paulo, também no dia 18, um comício organizado pelos estudantes de Direito também atraiu “*enorme multidão*” [...] Em Vitória, grande multidão desfilou com retratos de Vargas, e o povo depredou um bar alemão e a agência da Bayer [...] Em Recife, as demonstrações começaram no dia 18 de forma ordeira, mas aos poucos foram mudando de caráter, e grupos de estudantes e de populares começaram a atacar os escritórios de firmas alemãs [...] Em Porto Alegre, as depredações (a estabelecimentos teuto-brasileiros) que começaram no dia 18 revelaram premeditação e vingança, e o governo teve de intervir [...] Em Belém, foi realizado um comício monstro no largo da Pólvora. Todas as lojas e residências de súditos do Eixo permaneceram fechadas e algumas casas comerciais foram depredadas [...] Em Salvador, um comício na Praça Castro Alves.”⁹⁶.

O trecho acima nos dá uma dimensão da insatisfação e pressão populares para que o Brasil declarasse guerra ao Eixo. Além do mais, era interessante aos Estados Unidos o envolvimento cada vez maior do Brasil com a Guerra. Essa pressão norte-americana muitas vezes não se dava de forma direta, mas através de benevolências e amistosidades ao Brasil, seu presidente e classes populares. Exemplo disso foi uma foto autografada com mensagem de apoio enviada pelo próprio presidente Roosevelt aos estudantes da UNE em meio aos dias de protesto contra o Eixo, numa clara insuflação às manifestações populares.⁹⁷ Diante de tantas agressões, mortes e protestos, não restou nada mais ao presidente Vargas senão convocar uma reunião com todo seu ministério.

⁹⁵ Todos os autores estudados citam as intensas manifestações populares em favor da guerra por todo o país, especialmente no Rio de Janeiro. Os protestos do dia 18 na capital federal são citados, por exemplo, por SEITENFUS (op. cit. p. 413); FALCÃO (op. cit. p. 108-109); SANDER (op. cit. p. 201-202) e BONALUME NETO (op. cit. p. 49).

⁹⁶ FALCÃO, op. cit. p. 111, 112, 123 e 114.

⁹⁷ Podemos ver a foto com o autógrafa de Roosevelt in SANDER, op. cit. p. 200.

Talvez essa reunião possa ser considerada como o primeiro passo para a redemocratização do país depois de 12 anos de governo autoritário, tendo em vista que culminou numa medida governamental que tinha como base um sentimento das classes populares brasileiras, ou seja, a declaração de Guerra à Alemanha e à Itália. O comunicado do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, no dia 22 de agosto anunciou ao país a decisão do governo: “Diante da comprovação dos atos de Guerra contra nossa soberania, foi reconhecida a declaração de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras – Alemanha e Itália. Examinaram-se em seguida diversas providências.”⁹⁸.

Cartas trocadas entre autoridades norte-americanas e brasileiras, encontradas no Arquivo Histórico do Itamaraty, e manchetes de jornais internacionais nos dão uma idéia da repercussão da efetiva entrada na Guerra do Brasil pelo mundo. Franklin Roosevelt logo se apressou em se solidarizar com Getúlio Vargas em carta datada do próprio dia 22: “Fui informado de que o Brasil reconheceu hoje o estado de guerra com a Alemanha e a Itália (...) Eu gostaria de expressar a Vossa Excelência a minha profunda emoção por este seu ato de coragem.”⁹⁹. Jefferson Caffery, embaixador norte-americano no Brasil; Cordell Hull, secretário de Estado norte-americano; e George Marshall, Chefe do Estado Maior do Exército dos Estados Unidos, foram outras autoridades norte-americanas a também ressaltar a atitude brasileira através de cartas à Vargas, hoje presentes também no Arquivo Histórico do Itamaraty. Jornais internacionais como *Diário da Manhã*, de Lisboa; *Tribune de Lousanne*, da Suíça; *Sunday Express*, de Londres; e a prestigiada revista *Newsweek*, dos Estados Unidos deram destaque à decisão brasileira em suas manchetes.¹⁰⁰

A partir desse dia, o Brasil entrou declaradamente na Guerra. A primeira providência do governo brasileiro, após a declaração, foi cassar as patentes de bancos dos países do Eixo no Brasil através de decretos-lei. Também foram confiscados e incorporados à frota brasileira vários navios alemães e italianos que se encontravam nos portos brasileiros. Uma campanha para recolhimento de materiais utilizáveis na indústria bélica, sobretudo metais, ganhou as principais cidades do país. Depois de 18 navios brasileiros afundados e 743 vidas perdidas, o Brasil se colocava definitivamente do lado dos Aliados, o que não deixava de ser uma contradição. O Brasil autoritário de

⁹⁸ SANDER., op. cit. p. 206.

⁹⁹ Arquivo Histórico do Itamaraty. Lata 663. Maço 9876. In: SANDER., op. cit. p. 206.

¹⁰⁰ Essas manchetes internacionais podem ser vistas em SANDER., op. cit. p. 208.

1942 passaria a lutar contra países autoritários em favor da democracia e da liberdade dos povos.

Como vimos, a população das grandes cidades brasileiras acompanhava diariamente através da grande imprensa o desenrolar do conflito mundial na década de 1940. Eram brasileiros que tiveram suas vidas, direta ou indiretamente, afetadas pela Guerra, seja por privações alimentícias, seja por perseguições políticas em virtude de suas idéias ou origens, seja através da convocação de um membro para “*defender o país*”. O capítulo que segue vai procurar mostrar o impacto da Guerra numa pequena cidade do interior do Brasil. Parelhas, no Rio Grande do Norte, foi escolhida pelo número alto de jovens convocados para as Forças Armadas após o envolvimento do Brasil na Guerra, um número muito elevado se compararmos o pequeno tamanho de sua população. Esse pequeno espaço pode até nos servir de amostra para confrontarmos os dois brasis dicotômicos que Vargas queria unir nos anos 40. A seguir, o sertão potiguar nos tempos da Guerra.

CAPÍTULO 2

A VIDA PACATA NOS ANOS 1940: RECORDAÇÕES DO ESPAÇO SERTANEJO

A memória das sociedades antigas apoiava-se na estabilidade espacial e na confiança em que os seres da nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituía-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (versus mobilidade), família larga, extensa (versus ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (versus objetos de consumo). Eis aí alguns arrimos em que sua memória se apoiava.

Ecléa Bosi

2.1. Parelhas 1940: espaço e sociedade

Parelhas é uma cidade localizada ao sul do Estado do Rio Grande do Norte, mais precisamente na Microrregião do Seridó Oriental, próxima à fronteira com o Estado da Paraíba. No fim do século XVII seria porta de entrada dos primeiros colonizadores da região; “fazendeiros que vinham do Recife, Olinda e Paraíba, seguindo as rotas à esquerda do São Francisco, adentrando pelo Planalto da Borborema e se infiltrando pela rasgadura da serra, no boqueirão (...)”¹⁰¹. A primeira ocupação do seu solo aconteceu em 1700 quando o tenente Francisco Fernandes de Souza requereu e ganhou uma sesmaria de três léguas quadradas, na localidade denominada Boqueirão, às margens do rio Seridó.¹⁰² Segundo a historiadora Denise Matos Monteiro, foi por volta de 1750, que o sertão potiguar passou a ser mais bem povoado pelos primeiros colonizadores, quando “muitos sesmeiros e grandes posseiros passaram a residir em suas terras, com suas famílias, escravos e trabalhadores, consolidando todo o interior da capitania como território de domínio da coroa portuguesa.”¹⁰³. Apesar das primeiras fazendas, o povoamento se deu de forma lenta e baseada em atividades agropastoris. O gado ali criado era inicialmente destinado ao abastecimento da zona açucareira litorânea nordestina e para lá conduzido em longas viagens pelo sertão.

¹⁰¹ ARAÚJO, Douglas. **A morte do sertão antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia**. – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006, p. 46.

¹⁰² IDEMA (Instituto de Defesa do Meio Ambiente):
<http://www.rn.gov.br/secretarias/idema/perfil/Parelhas/Parelhas.doc>

¹⁰³ MONTEIRO, Denise Matos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. 3. ed. – Natal, RN: EDUFRRN – Editora da UFRN, 2007, p. 63.

Foi somente em meados do século XIX que esses núcleos de povoamento na região do Seridó começaram a crescer significativamente. Parelhas naquela época estava atrelada às primeiras comunas, freguesias e comarcas do Seridó, tendo pertencido à Caicó, Acari e, por último, a Jardim do Seridó. Pela Lei nº. 478, de 26 de novembro de 1920, a cidade foi elevada à categoria de vila e posteriormente, em 08 de novembro de 1926, foi criado o município de Parelhas, cujo prefeito foi escolhido 20 dias depois, elegendo-se o Sr. Laurentino Bezerra.¹⁰⁴

Aliada ao gado, a produção algodoeira constituiu-se no sustentáculo da economia parelhense. Este produto passou a ser cultivado em quantidades cada vez maiores nas pequenas cidades do Seridó desde o século XIX, quando os Estados Unidos da América suspenderam seu fornecimento ao mercado europeu devido a Guerra da Secessão; o que levou a Inglaterra a procurar outros mercados fornecedores, dentre eles o Nordeste brasileiro. Na década de 30 surgiu na cidade “uma sociedade entre os irmãos José e Severino Arnaldo, o que mais tarde veio a gerar a usina *Arnaldo, Irmãos e Filhos*, de beneficiamento de algodão, que recebia o produto de várias cidades da região.”¹⁰⁵ Essa usina deve ter estimulado ainda mais o cultivo do algodão na zona rural do município, pois se na década de 20 as exportações potiguares do produto atingiram 16.944 toneladas, na década de 60 alcançaram o patamar de 40.165.¹⁰⁶ Em depoimento coletado para esta pesquisa, Gerson Ramos afirma ter sobrevivido “*graças à produção agrícola local, baseada no cultivo do algodão.*”¹⁰⁷

Em 1940, período que nos interessa mais diretamente por estudarmos a cidade durante a Segunda Guerra Mundial, a população de Parelhas era de 14.117 habitantes, dos quais 1.664 moravam na zona urbana do município, 403 na zona suburbana e 12.050 na zona rural. Este último número corresponde a 85,35 % da população vivendo no campo, em pequenos sítios e fazendas que cercavam o diminuto núcleo urbano da cidade, segundo dados do Censo Demográfico e Econômico daquele ano relativo ao Rio Grande do Norte.¹⁰⁸ Ratificando esses dados, os depoimentos de 8 dos 11 pracinhas entrevistados que alegam viverem na zona rural no início dos anos 40

¹⁰⁴ OLIVEIRA, Helena L. A. op. cit. p. 20.

¹⁰⁵ Ibid, p. 21.

¹⁰⁶ ARAÚJO, op. cit. p. 228.

¹⁰⁷ Gerson Ramos da Silva, depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

¹⁰⁸ Censo demográfico e econômico de 1940, relativo ao Rio Grande do Norte; http://biblioteca.ibge.gov.br/colecao_digital_publicacoes_multiplo.php?link=CD1940&titulo=Censo%201940

do século passado, como Absolon Marques que declarou ser “*filho de agricultores ligados diretamente a terra. Minha sobrevivência também vinha da agricultura.*”¹⁰⁹.

Através da agricultura, ainda segundo o Censo de 1940, dos 798 estabelecimentos rurais recenseados no município, 72 alegaram ter produzido no ano anterior 20 toneladas de arroz; 10 estabelecimentos, 25 toneladas de farinha de mandioca; 713, 172 toneladas de feijão; 39, 211 de mandioca e 679 estabelecimentos alegaram ter produzido 184 toneladas de milho. A esses produtos certamente estão associados produtos de origem animal, como carne, leite e seus derivados, como percebemos em depoimento de Pedro Silvino ao dizer que “*comia o que dava no sítio: feijão, arroz, batata, leite... Meu pai tinha o gadinho dele, e dava para viver bem, honestamente.*”¹¹⁰ Esses dados nos fornecem uma boa idéia do tipo de dieta alimentar da população local na época estudada; uma alimentação restrita, mas rica que os sustentava para o trabalho braçal no campo, dados importantes para entendermos o contexto social em que viviam os protagonistas deste estudo. É interessante percebermos nas fotos da época que os indivíduos eram todos magros e com corpos bem definidos, sem aparente acúmulo de gordura, certamente em consequência dessa alimentação regrada e constante esforço físico no trabalho agrícola. Também podemos constatar que as distâncias eram percorridas geralmente a pé, pela falta de transportes motorizados, mesmo de tração animal, o que estimulava o exercício do corpo e o conseqüente preparo físico, fato que deve ter facilitado a vida dos jovens convocados ao se depararem com a dura rotina de treinamentos dos quartéis. Sobre tal constatação Silvino lembra que “*naquela época quem tinha bicicleta era rico. Hoje ninguém quer mais bicicleta, só carro e moto.*”¹¹¹.

O que percebemos nos depoimentos é que as distâncias quando não eram percorridas a pé, o eram a cavalo. Este animal parece ter sido o principal meio de transporte na Parelhas dos anos 40. Aliás, desde sua fundação, o zelo pelo animal parece está presente na região, tendo em vista que o nome da cidade deriva da expressão “*parelhas de cavalos*”, já que os antigos fazendeiros costumavam testar seus animais correndo em duplas, ou seja, emparelhados pela estrada do Boqueirão. O cavalo está presente, por exemplo, em várias partes do depoimento de Pedro Silvino, que alega ter

¹⁰⁹ Absolon Marques Mendonça, depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

¹¹⁰ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

¹¹¹ Ibd.

levado seu gado na seca de 1932 até a cidade de Caraúbas a cavalo; que os “matutos”¹¹² iam pegar gêneros alimentícios no Brejo paraibano montados nesse animal; quem o padre e o médico da cidade, figuras respeitadas, percorriam os sítios e fazendas da região montados; e que ele próprio deixou seu sítio em busca da cidade para viajar a Natal, a cavalo e “*depois mandou um amigo deixar o animal de volta no sítio.*”¹¹³.

A referência aos animais e sua utilização no dia-a-dia como transporte e sustento das famílias da cidade é constante nos depoimentos. Podemos até dizer que as principais lembranças desse grupo social perpassam o meio rural, suas paisagens e seus animais. “*Sair no mato atrás do gado para mim era uma festa. Meu negócio era andar atrás dos bichos. Comecei a tirar leite com 8 anos de idade.*”, relembra Pedro Silvino. Norberto Gomes também dedica especial atenção aos animais durante sua lembrança ao dizer que “*possuía três garrotes, duas vacas e cinco jumentos*”¹¹⁴ e deixa transparecer certa preocupação com o destino de seu rebanho após a convocação para a Guerra, cogitando deixá-los com seu irmão até a volta para casa. Norberto Gomes, juntamente com José Matias alega serem “matutos” antes da convocação para a Guerra, ou seja, “*matuto era aquele que andava para o brejo tangendo jumentos*”¹¹⁵, numa clara alusão à utilização desses animais como meio de transporte e sobrevivência naqueles anos. José Matias afirma ser “*matuto desde rapazinho novo*” e fazer muitas viagens ao Brejo carregando algodão, juntamente com seu pai e posteriormente sozinho após um acidente deste.¹¹⁶ Grande parte das fotos pesquisadas para confecção deste trabalho traz animais de carga e montaria relacionados com atividades laboriosas, seja na agricultura como fonte de tração ou no transporte de pessoas ou mercadorias, numa clara conotação de que os animais faziam parte do dia-a-dia do sertanejo e estão presentes em suas principais lembranças.

Figura 1: Grupo de “matutos” na Avenida João Pessoa, hoje Mauro Medeiros, com seus jumentos carregados vendiam seus produtos na feira livre local e em pequenas bodegas da região.

¹¹² “Matuto” é a expressão usada pelos pracinhas para designar cavaleiros que conduziam tropas de burros até o Brejo paraibano em busca de gêneros alimentícios que eram comercializados na cidade.

¹¹³ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

¹¹⁴ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

¹¹⁵ Ibd.

¹¹⁶ José Matias da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 16-02-2008.



Fonte: <http://www.parelhas.net/>

Esse espaço rural que permeia as lembranças dos pracinhas parelhenses nos anos 40 do século passado também era o palco das principais profissões desse grupo. Todos os entrevistados trabalhavam no campo exercendo atividades agrícolas ou diretamente com os animais, como vaqueiros ou “matutos”, com exceção de Antônio Marcolino Filho que alega ter sobrevivido “*trabalhando como balconista numa pequena loja de ferragens da cidade.*”¹¹⁷. Segundo o Censo demográfico e econômico de 1940, 5.562 habitantes da cidade trabalhavam na agricultura ou atividades relacionadas ao meio rural, perfazendo esse número 52,93% das 10.519 pessoas que alegaram exercer algum tipo de profissão no município. Vale ressaltar que esse documento considera os trabalhadores a partir dos 10 anos de idade, o que aumenta consideravelmente o número de entrevistados que afirmaram exercer algum tipo de profissão. Outros ramos profissionais destacados no Censo são o comércio de mercadorias (128 entrevistados); transportes e comunicações (43); administração pública (52); segurança pública (8); profissões liberais (12); serviços e atividades sociais (201); atividades domésticas e escolares (4.259, sendo 3.913 mulheres) e condições inativas (376)¹¹⁸. Segundo OLIVEIRA (2001, p. 23), na década de 40 Parelhas contava com quinze estabelecimentos de beneficiamento de algodão, pequenas fábricas de móveis, manufaturas de obras de couro, olarias e uma pequena fábrica de redes, sendo que em maioria os trabalhadores desses estabelecimentos eram os próprios proprietários.

¹¹⁷ Antônio Marcolino Filho. Depoimento concedido a historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

¹¹⁸ Segundo o Censo, na página 130, “Condições inativas” são atividades não compreendidas nos demais ramos, condições ou atividades não definidas ou não declaradas.

Apesar do alto número de mulheres exercendo atividades domésticas e escolares, o número de crianças e jovens analfabetos na cidade era considerável. Enquanto o Estado do Rio Grande do Norte possuía 77% de analfabetos em 1940 ¹¹⁹; Parelhas registrou no mesmo período 8.603 entrevistados que não sabiam ler nem escrever, ou seja, 60,94 % de analfabetismo. ¹²⁰ Segundo MACEDO (1943), a educação pública na cidade voltava-se para o ensino primário, que era ministrado no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, por onde passaram muitas gerações de estudantes parelhenses. A escola era composta por 9 professores e alguns auxiliares não especializados. Completavam o quadro educacional do município naquele ano, outras 17 pequenas unidades escolares espalhadas principalmente pela zona rural.

A baixa escolaridade dos jovens da cidade é perceptível ao longo dos depoimentos dos pracinhas, especialmente no início da rememoração quando suas lembranças são remetidas aos anos de infância. Pedro Silvino recorda “*não querer saber de escola. Tinha escola lá por perto, nas terras do finado João Miguel, mas falar de escola para mim era a morte.*” ¹²¹. Norberto Gomes lembra que a escola ficava “*onde hoje é a prefeitura. Lá tinha o primeiro, o segundo e o terceiro ano, na prefeitura.*” ¹²² Mas alega tê-la freqüentado por pouco tempo, trocando os estudos pela profissão de “matuto”, enquanto Pedro Silvino lembra que “*só sabia assinar o nome*”. ¹²³

Através dos depoimentos cedidos pelos pracinhas e fotos da época constatamos que as crianças da cidade nos anos 1940 freqüentavam a escola em tenra idade e mesmo assim por poucos anos, cinco em média segundo dados do Censo daquele ano, e logo depois abandonavam os estudos para ajudar os pais no trabalho agrícola. A falta de educação escolar gerava vidas sem perspectivas de ascensão social, o que levava jovens entre 18 e 27 anos a tentarem a “sorte” nas Forças Armadas como voluntários, um dos poucos caminhos a serem trilhados para aqueles que não se contentavam com o trabalho agrícola ou o comércio. Essa tese defendida por OLIVEIRA (2001), é fortalecida pelo depoimento de Norberto Gomes quando relembra que pediu a mãe para “*não fazer promessa, porque queria ir para ficar. Eu tinha vontade de ir demais. A pessoa perder uma oportunidade dessas...*” ¹²⁴.

¹¹⁹ Censo Demográfico e Econômico 1940 relativo ao Rio Grande do Norte, p. 91;

¹²⁰ *Ibdi*, p. 126.

¹²¹ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

¹²² Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

¹²³ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

¹²⁴ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

Figura 2: crianças posam para foto em sala do Grupo Escolar Barão do Rio Branco.



Fonte: <http://www.parelhas.net/>

O Censo de 1940 nos dá também uma idéia do espaço físico da cidade naqueles anos, que possuía um total de 2.231 prédios, sendo 629 no quadro urbano, 35 no suburbano e 1567 no rural.¹²⁵ Através dos depoimentos, podemos perceber uma relação entre a memória dos pracinhas e esse espaço urbano parelhense. Prédios como o Barão do Rio Branco, mostrado acima, são um ponto de referência espacial na memória desses homens. Este edifício é um dos mais antigos e de uma beleza arquitetônica que se destaca entre os demais. Por ele passaram muitas gerações de moradores da cidade. Além de um ponto de referencia espacial é sempre lembrado com atenção quando questionados sobre suas vidas escolares. O Mercado Público Municipal, prédio que ficava no centro da cidade e onde eram afixadas as listas com os nomes dos convocados para a Guerra, também é lembrado com destaque por depoentes como José Matias, certamente por ser palco de um dos momentos mais dramáticos de suas vidas: a convocação para a Guerra: “*Me disseram que eu tava na lista que ficava na porta do mercado, aí na segunda-feira vim correndo para a rua confirmar a notícia. Fui lá olhar e como dia 10 eu já devia me apresentar eu me aperreei.*”¹²⁶ Pedro Silvino descreve o temor que seu pai tinha em vê-lo na lista de sorteados naquele prédio: “*Quando Papai*

¹²⁵ Censo Demográfico e Econômico de 1940, p. 234.

¹²⁶ José Matias da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 16-02-2008.

viu meu nome lá (na porta do mercado), não prestou não.”¹²⁷ Talvez seja exagero defini-lo como um “lugar de memórias traumáticas”, mas pelo menos um espaço de memórias desagradáveis, assim o era para os pracinhas entrevistados.

Outro ponto da cidade que se destaca nas lembranças como um lugar de apreensão era a Igreja Matriz de São Sebastião, onde grande parte da população assistia as missas aos domingos. Norberto Gomes lembra que:

“Quando a gente ia pra missa o Monsenhor falava¹²⁸: ‘A Guerra está grande, a Guerra está grande... Quanto mais passa o tempo, mas a Guerra cresce.’ Então em 42 [1942] o Monsenhor disse: ‘O Brasil entrou na Guerra, o brasileiro vai para a Guerra.’ Aí foi muita gente... Foi o tempo que eu fui.”¹²⁹

Se lugares como o Mercado Público Municipal e a Igreja Matriz geram certo desconforto ao serem lembrados pelos pracinhas, outros lugares trazem lembranças muito mais agradáveis, como o “Centro Esportivo Parelhense”, uma associação para fins culturais e recreativos; a Praça Arnaldo Bezerra e a própria Igreja Matriz que, se por um lado trazia lembranças de apreensão e ansiedade, por outro pode ser considerada um ponto de encontro e socialização das famílias aos domingos. Essas eram as opções de lazer da cidade naqueles anos.

O Centro Esportivo Parelhense, que passou a se chamar “Clube Centenário” a partir de 1956 em comemoração ao sesquicentenário da cidade, era a principal opção de divertimento para os jovens parelhenses na época. Lá eram realizadas as “festas” de que fala Norberto Gomes em seu depoimento. Torna-se fácil deduzir por que eram tão poucas e tão simples as opções de lazer da cidade: a falta de recursos financeiros de uma população que sobrevivia em sua maioria de atividades agropastoris, numa região de clima semi-árido cuja maior parte do ano enfrenta períodos prolongados de estiagem. Esse quadro fazia com que a prioridade dos trabalhadores da região fosse a alimentação de suas numerosas famílias, que facilmente ultrapassavam os 10 membros.¹³⁰ Norberto Gomes relata que:

¹²⁷ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

¹²⁸ Monsenhor Amâncio Ramalho Cavalcanti era o pároco de Parelhas na época da Segunda Guerra Mundial. Lembrado como homem culto, enérgico e um líder da comunidade local era um dos responsáveis por transmitir notícias da Guerra à população aos domingos na missa da Igreja Matriz.

¹²⁹ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

¹³⁰ Era comum as famílias da região na primeira metade do século XX serem bastante numerosas, o que gerava a preocupação primordial com sua alimentação. O próprio autor deste trabalho descende de família

“Era tão ruim a época, que a gente vinha para as festas e as moças vendiam umas florzinhas para a gente botar nas gravatas. A gente todo engravatado, de paletó, e elas botavam aquelas florzinhas nas nossas gravatas, nas épocas de festas, e cobravam 5 tostões. Quando foi uma noite, nós estávamos na praça, eu e um companheiro, e lá vinham as moças com as florzinhas. Ele disse: ‘olha rapaz, lá vem as meninas vendendo flor e o dinheiro que eu tenho é dez tostões.’ Então corremos para a festa. Passamos um pedaço lá e quando procuramos, elas não estavam mais vendendo. Naquele tempo era assim: ninguém tinha dinheiro para fazer nada. Hoje os netos chegam e dizem: ‘Vô, me dê aí 100 reais.’ E é só puxar e dá.”¹³¹.

Com tão escassos recursos financeiros a Praça Arnaldo Bezerra tornava-se a principal opção de lazer dos parelhenses. OLIVEIRA (2001, p. 22) afirma que “Como toda cidade interiorana, o lazer estava voltado para o centro da cidade, e a Praça Arnaldo Bezerra, que possuía um jardim bem cuidado e um coreto em estilo romano, recebia, principalmente aos domingos, os seus jovens para o passeio semanal em sua volta.”. A praça é lembrada no depoimento de Norberto Gomes quando afirma que lá estava, certo dia, antes de ir para uma festa. Possivelmente, já naquela época, assim como é hoje, a Praça Arnaldo Bezerra constituía-se num ponto de encontro da juventude local antes das festas no clube. De certo era um lugar de destaque da cidade. Seu coreto era usado em diversas ocasiões em solenidades civis e religiosas, sendo palco de vários comícios políticos e retratado em diferentes momentos de sua história através das fotografias.

O outro prédio que se destaca no espaço mnemônico dos pracinhas na década de 1940, a Igreja Matriz de São Sebastião, era palco das missas dominicais do Monsenhor Amâncio, que atualizava a população sobre a Guerra em suas homilias, segundo Norberto Gomes, e uma das poucas opções de lazer da cidade. É para a Igreja que ia o pai de Pedro Silvino aos domingos, a cavalo, enquanto este ficava orgulhosamente tomando conta do sítio e da sua mãe. Numa sociedade predominantemente católica,¹³² a missa aos domingos constituía-se num evento de congregação social, através de suas organizações religiosas¹³³ e festas dos santos que

materna composta por 11 filhos (sem contar outros 3 que faleceram após o nascimento), e paterna composta de 14.

¹³¹ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

¹³² Mais de 99% da população da cidade declarou-se católica romana segundo dados do Censo Demográfico e Econômico de 1940, p. 127.

¹³³ Dentre essas organizações religiosas destaca-se a Congregação Mariana que até hoje atua na paróquia.

contavam com a união dos paroquianos em sua preparação. Essa religiosidade está presente nos depoimentos dos pracinhas, através das missas celebradas pelo Monsenhor; promessas feitas por suas mães para livrá-los da morte na Guerra; e no constante agradecimento a Deus pela pensão paga pelo governo federal. Ovídio Alves Diniz conta que sua “*família ficou desesperada (com a convocação), fazendo diversas promessas, principalmente a ‘São Severino dos Ramos’, que somente foi paga agora em 1999, por mim e uma de minhas irmãs.*”¹³⁴.

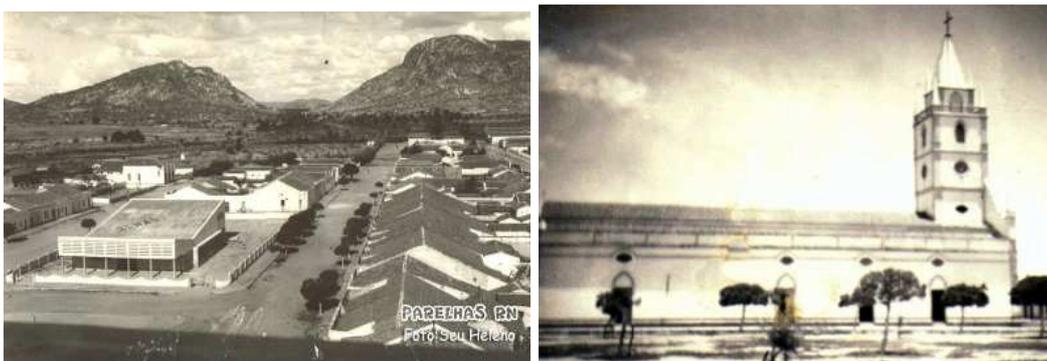
Não podemos perceber uma visão geral do espaço parelhense pelos pracinhas entrevistados, apenas alguns prédios e locais da cidade são lembrados de uma maneira mais atenciosa, pois, de alguma forma, estão ligados a passagens importantes de suas vidas. Para termos idéia do contexto sócio-espacial em que viviam esses homens, podemos recorrer a uma série de fotografias da época que nos mostram “ruas largas, bem arborizadas e com as construções obedecendo a alinhamento regular.”¹³⁵. Nessas cenas percebemos uma Parelhas arquitetonicamente imponente nos anos 40. São casas grandes com paredes grossas, cômodos espaçosos e altas fachadas; construções próprias para abrigarem famílias numerosas. Uma arquitetura do fim do século XIX que perpassa os anos 40 do século XX chegando aos dias atuais bastante preservada, principalmente no centro da cidade e nas ruas mais antigas cujos prédios tornam-se repositórios de variadas lembranças dos pracinhas entrevistados.

Figura 3: prédios e lugares da cidade na primeira metade do século XX presentes nas lembranças dos ex-combatentes. (da esquerda para a direita) O Grupo Escolar Barão do Rio Branco; A Praça Arnaldo Bezerra; O Centro Esportivo Parelhense e a Igreja Matriz de São Sebastião.



¹³⁴ Esta passagem refere-se ao depoimento de Ovídio Alves Diniz, concedido à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira em 2001. O mesmo também nos concedeu depoimento em 2004.

¹³⁵ OLIVEIRA, op. cit. p. 22.



Fonte: <http://www.parelhas.net/>

Outro fator que chama a atenção nesse quadro urbano é a precariedade dos transportes da época, o que fazia com que esses homens vivessem dentro de um espaço limitado; tanto é que os depoentes raramente alegam conhecerem outros lugares além de sua cidade natal, e, os que conhecem, geralmente fazem alusão a cidades próximas da região. Segundo OLIVEIRA (2001, p. 23) “os transportes utilizados no município estavam limitados a poucos caminhões e principalmente ao transporte em tropas de animais. As estradas eram de chão batido e possuíam um estado de conservação regular.” Esses caminhões eram utilizados não só para transportar pessoas, mas, principalmente, fardos de algodão dos vários estabelecimentos de beneficiamento e prensagem do algodão existentes na cidade.¹³⁶

A precariedade de serviços como transportes, saúde e comunicações tornava a vida na Parelhas da primeira metade dos anos 1940 difícil e sem perspectivas de progresso social, tendo em vista que a maioria da população, em especial os pracinhas entrevistados, viviam da agricultura; um trabalho duro e de pouca rentabilidade numa região de baixos índices pluviométricos. Esses fatores acabavam por estimular os jovens da época a buscarem as Forças Armadas como alternativa de sobrevivência e progresso social, tanto é que alguns deles se alistaram como voluntários na época da Segunda Guerra Mundial, enquanto outros aceitaram de bom grado a convocação como oportunidade de melhoria de vida. Boa parte deles alega esta opção, como Ovídio Diniz que não queria ir “*mas não teria nenhum futuro em minha terra natal, então resolvi arriscar.*”¹³⁷. Norberto Gomes fala da grande oportunidade que não poderia ser desperdiçada, mesmo sendo convocado por engano, devido a pouca idade:

¹³⁶ OLIVEIRA (2001, p. 23) fala em 15 estabelecimentos de beneficiamento e prensagem do produto.

¹³⁷ Ovídio Alves Diniz. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 25-01-2004.

“O caminhão saiu daqui cheio, a classe de 22 [1922] foi toda. Só eu que botaram de 22, mas eu era de 23. Foi o tabelião que fazia a lista dos sorteados e me mandou para Natal, aí ele reparou que estava errado e mandou me chamar porque eu era ‘de menor’. Então ele disse que ia fazer um bilhete com a assinatura dele e o carimbo do cartório para eu levar para Natal e entregar ao Exército para voltar de imediato. ‘Não fique no Exército não que você é muito novo’. Aí eu botei o bilhete no bolso, mas quando cheguei lá eu peguei aquele papelzinho e enfiei no lixo. Pois é, eu não voltei porque não quis mesmo.”¹³⁸

A Segunda Guerra Mundial se alastrou de tal forma pelo mundo que afetou até mesmo a rotina dessa pequena cidade do sertão brasileiro. Ao mesmo tempo despertava temor e esperança na população dessa cidade, que via seus filhos se despedirem rumo ao desconhecido, o que acabou se tornando a maior aventura de suas vidas. Com toda certeza, a Parelhas dos anos 1940, presente no cotidiano e na memória desses homens, era um espaço totalmente contrastante com aquele a que foram apresentados nas cidades litorâneas brasileiras. O que esses homens sabiam dessa Grande Guerra e do próprio mundo fora desse espaço sertanejo é o que buscaremos mostrar a seguir.

¹³⁸ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

2.2. Notícias da Guerra

O que a população de uma pequena cidade do sertão brasileiro sabia sobre a Grande Guerra que assolava o mundo na primeira metade da década de 1940? Como acompanhavam esse distante episódio que provocava uma verdadeira carnificina humana na Europa? Através de que meios de comunicação essas notícias chegavam e como eram difundidas entre os moradores? Questões como essas procurarão ser respondidas tendo como base as lembranças dos próprios protagonistas deste trabalho, pois é justamente o grau de conhecimento do evento que protagonizaram que nos interessa diretamente.

Através dos depoimentos coletados, de uma maneira geral, podemos perceber uma cidade onde as notícias sobre o panorama nacional e internacional ainda demoravam a chegar, pela carência dos meios de transportes e, principalmente, de comunicação. Não temos notícias de jornais que circulassem na cidade, até por que não haveria público letrado o suficiente que os lessem, tendo em vista que mais de 60% de seus moradores não sabiam ler nem escrever, como exposto anteriormente. Esse quadro fazia com que as notícias sobre a Guerra que se desenrolava na Europa e que chegara ao Brasil fossem transmitidas oralmente, o que gerava exageros, equívocos e informações desconstruídas como a história contada a Pedro Silvino por seu irmão José, onde este dizia que “*O alemão vai para Jerusalém e a Guerra vai durar cinco anos.*”¹³⁹.

O que podemos constatar de uma maneira geral nos depoimentos é que os sertanejos passaram a acompanhar com mais atenção o desenrolar da Guerra depois que o Brasil entrou de fato no conflito ao lado dos Aliados em agosto de 1942. Foi a partir daí que aumentaram as convocações dos reservistas para as Forças Armadas e as famílias que possuíam filhos homens nascidos entre 1920 e 1923 passaram a se preocupar com sua iminente convocação.¹⁴⁰

Havia duas principais fontes de comunicação na cidade que disseminavam notícias sobre a Guerra e atualizavam a população sobre os acontecimentos do conflito, embora de uma maneira um tanto precária. Uma delas era o pároco da cidade, monsenhor Amâncio Ramalho, que passava informações sobre a Guerra para a população durante suas homilias nas missas dominicais e mesmo no bate-papo cotidiano com os locais. Norberto Gomes lembra bem de suas palavras ao dizer que “*quando a*

¹³⁹ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

¹⁴⁰ SIQUEIRA, op. cit. p. 130.

*gente ia para missa o Monsenhor falava [da Guerra].”*¹⁴¹. Homem culto e bem informado, Amâncio Ramalho Cavalcanti, juntamente com poucos “letrados” da região, representava uma fonte confiável de notícias sobre o evento, embora a maioria da população não tivesse a verdadeira noção do que realmente era e onde estava acontecendo precisamente essa Guerra, pois muitos “devido à precariedade dos meios de comunicação e transportes da época, não sabiam nem onde ficava Natal.”¹⁴².

Outra fonte importante de informação no período estudado era o rádio. Implantado no Brasil em 1893 pelo padre, engenheiro e cientista gaúcho Roberto Landell de Moura, esse aparelho ganhou popularidade na década de 1940, os chamados “anos de ouro do rádio”. Em 1941, surgiu o *Repórter Esso*, patrocinado pela famosa companhia norte-americana de combustíveis, que lhe emprestava o nome. As notícias eram redigidas pela *United Press International*, e traduzidas para o português pela equipe do informativo. Era o principal veículo de informação sobre os fatos internacionais, sobretudo a Segunda Guerra Mundial.¹⁴³ Apesar da rápida expansão desse veículo de comunicação, os aparelhos de rádio ainda eram poucos no Brasil. Não temos registros percentuais sobre sua quantidade na cidade ou mesmo na região, mas pelo menos um aparelho pode ser localizado através da lembrança de Pedro Silvino, ao dizer que:

“Durante a Guerra todas as noites recebia notícias dela. No sítio vizinho tinha rádio. Tinha um irmão meu que aprendeu a ler e gostava de ficar informado. Toda noite ele atravessava o rio para escutar as notícias da Guerra, chegando de nove horas da noite e dizendo tudo para gente. O grande medo de meu pai era o sorteio. Já tava chegando perto. Antes de começar a Guerra a Alemanha queria tomar o mundo. Esse irmão meu chamava-se José e ele me disse: ‘O alemão vai para Jerusalém e a Guerra vai durar cinco anos’, e papai ficava bravo com ele por que podia chegar o tempo de eu ir também. A Guerra durou mais de cinco anos uma coisinha, mas meu pai não gostava quando ele dizia isso. E foi como meu irmão dizia, ela durou cinco anos e uma coisinha, começou em 39 [1939] e acabou em cinco de maio de 45 [1945].”¹⁴⁴.

As lembranças de Pedro Silvino expressas no texto acima deixam transparecer o interesse de seu irmão pelas notícias da Guerra, interesse esse que devia

¹⁴¹ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

¹⁴² OLIVEIRA. op. cit. p. 24.

¹⁴³ http://www.radialistasp.org.br/hist_radio.htm

¹⁴⁴ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

ser partilhado por outras pessoas tendo em vista a grande disseminação de tais notícias na cidade pela via oral, muitas vezes de uma maneira exagerada ou inverídica, o que certamente gerava pânico entre as famílias dos iminentes conscritos. Também é relatado o grande temor de seu pai em ver o filho convocado, tanto é que o mesmo não queria ouvir notícias da Guerra. Os demais depoimentos retratam uma população assustada com a possibilidade cada vez mais real de ter seus parentes convocados à medida que o Brasil se envolvia progressivamente no conflito internacional. Norberto Gomes lembra que “*em Parelhas o povo se aperreava muito, falava que os sorteados que iam para a Guerra não iam voltar, e nós éramos sujeitos a ir e não voltar. Não era certo voltar daquela Guerra. A gente tinha que ir, era brasileiro e tinha que ir.*”¹⁴⁵. O impacto dessas notícias também é relatado por José Matias, pois “*Em 40 [1940] o povo só falava nessa Guerra, só nela o dia todo aqui em Parelhas e principalmente em Natal.*”¹⁴⁶. Já Miguel Soares lembra de “*um povo na rua assombrado...*”¹⁴⁷.

A evocação da memória sobre o impacto de tais notícias sobre essa população é praticamente grupal, pois é partilhada de uma forma quase idêntica pela maioria dos depoentes, ou seja, todos fazem questão de destacar a apreensão gerada na cidade com a iminência da convocação. Literalmente, esses homens partiriam rumo ao desconhecido, pois não tinham noção geográfica de onde ficava a Europa nem a dimensão do conflito que lá era travado. Eram jovens agricultores, de famílias pobres e sem nenhuma instrução escolar que os levasse a imaginar o que de fato os esperava na guarnição do litoral ou mesmo nas trincheiras européias.

A partir do ano de 1942, quando o Brasil rompeu relações diplomáticas com o Eixo e, posteriormente, declarou guerra ao mesmo em agosto, o governo federal lançou uma grande campanha de incentivo ao alistamento militar, sobretudo através do rádio. Um dos principais artifícios usados para despertar o patriotismo dos jovens brasileiros de várias partes do país eram as canções militares. Essas músicas patrióticas:

“[...] foram compostas para instigar o alistamento na FEB e o *elán* combatente. Regravações de canções militares tradicionais (como *Capitão Caçulo*) foram efetuadas em 1942. Em 1944, predominavam canções incentivando a participação direta no conflito, como *O V da Vitória, Canto da Pátria, Sabemos Lutar e a Canção do Expedicionário*, esta última, pouquíssimo conhecida pelos

¹⁴⁵ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

¹⁴⁶ José Matias da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 16-02-2008.

¹⁴⁷ Miguel Soares de Azevedo. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 02-02-2008.

expedicionários que combatiam na Itália, viria a se tornar a canção símbolo dos veteranos da FEB.”¹⁴⁸.

Essas canções faziam parte de um aparato áudio-visual disseminado pelo governo para incentivar os jovens brasileiros ao serviço militar patriótico. Além das músicas, “eram produzidos cartazes sobre os mais variados temas, como as Obrigações de Guerra, a convocação para o alistamento, a arrecadação de fundos etc.”¹⁴⁹. Não temos notícias sobre a divulgação de tais cartazes na cidade de Parelhas, mas os depoimentos coletados junto aos pracinhas nos levam a crer que a propaganda governamental penetrou na região através, principalmente, do rádio. Isso é perceptível em diversos trechos das narrativas onde os depoentes usam expressões nacionalistas e demonstram receio de ficarem conhecidos como desertores. O depoimento mais rico nesse sentido é sem dúvida o de José Matias. Em vários trechos esse pracinha demonstra patriotismo e respeito ao então presidente da república, pois, segundo ele, “*Getúlio Vargas era um governo bom e a gente tinha que servir.*”¹⁵⁰. Para Matias e os demais depoentes, a deserção era sinônimo de covardia e de vergonha perante a sociedade, e o serviço militar encarado como uma honra e uma obrigação de todos os brasileiros, apesar dos sacrifícios. Certamente essas idéias chegaram à cidade ainda naqueles anos, pois formaram uma opinião consensual na maioria dos depoimentos coletados, presente na memória coletiva do grupo pesquisado. Norberto Gomes relata não pensar duas vezes quando de sua convocação: “*a gente tinha que ir, era brasileiro e tinha que ir.*”¹⁵¹, enquanto Pedro Silvino recorda a vergonha da deserção ao dizer que “*Ninguém vinha em casa não, só quando saia escondido, desertava sabe? Aqui em Parelhas tem dois da minha idade, os dois do mesmo ano, os dois voltaram escondidos.*”¹⁵².

Pegando Parelhas como amostra, podemos ter dimensão do alcance da propaganda nacionalista do governo no país no início da década de 1940. Esta deve ter alcançado os mais distantes rincões do território através das ondas do rádio; um veículo moderno que revolucionava os meios de comunicação brasileiros e que, ao mesmo tempo, servia ao propósito do presidente Vargas de unir os vários espaços dicotômicos

¹⁴⁸ FERRAZ, op. cit. p. 61.

¹⁴⁹ <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/index.htm>

¹⁵⁰ José Matias da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 16-02-2008.

¹⁵¹ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

¹⁵² Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

do Brasil numa única e homogênea nação. Se estava acontecendo uma guerra, o rádio era o principal disseminador de suas notícias em lugares aonde os jornais não chegavam, até porque, como exposto, não havia público alfabetizado para lê-los, como era o caso de Parelhas. Tais notícias e propagandas vinham sempre acompanhadas por músicas que exaltavam a pátria e heroicizavam seus soldados. Segundo MAXIMIANO (2004, P.61) “O enaltecimento da concreta possibilidade de morrer na guerra era freqüente na produção cultural da época, orientada pela propaganda governamental. Na canção *Pelo Brasil, Pela Vitória*, os compositores Caio Lemos e Humberto Teixeira apregoavam que:

*A vida não vale sem glória
Se for preciso morrer, morreremos,
Pelo Brasil, pela vitória!”*

Esse esforço governamental pela mobilização da pátria certamente chegou a Parelhas, como percebemos nas expressões patrióticas citadas nos depoimentos. Esses jovens “precisariam defender o país numa guerra”, como apregoava o governo; disso eles sabiam bem, o que não sabiam precisamente era que guerra era essa, onde teriam que lutar, e o que iriam enfrentar. Só tinham conhecimento que o Brasil havia se envolvido numa grande guerra que fora provocada pelos alemães, o grande inimigo a ser batido. O restante da história e seu contexto era completamente desconhecido pelos pracinhas dos sertões brasileiros. Tal desconhecimento gerava medo e angústia nesses homens e na sociedade que os cercava, o que provocava alarde e confusão, chegando muitos a dizer que os convocados não voltariam mais dessa guerra, como relembra José Barbosa ao declarar que “*todos reagiram com muito medo e a minha família acreditou que eu não voltaria mais.*”¹⁵³. O desespero dos parentes mais próximos é destacado pelos depoentes, como Severino Nicolau que afirma que sua esposa (Dona Luzia) “*ficou muito desesperada naquele momento, pois tinha um filho recém nascido.*”¹⁵⁴ e fez muitas promessas para que ele voltasse para sua terra natal.

Mesmo durante sua estada nos quartéis, ou mesmo durante a viagem para a Itália dos expedicionários da FEB o medo do desconhecido ainda povoava a mente dos

¹⁵³ José Barbosa Souza. Depoimento concedido a historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

¹⁵⁴ Severino Nicolau da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 05-04-1999.

jovens soldados parelhenses. “[No quartel] eu sofri, fiquei nervoso... Meus amigos conhecidos foram todos para a Guerra...”,¹⁵⁵ afirma Miguel Soares. Já Gerson Ramos, ao lembrar sua viagem à Itália, confessa “*ir muito assombrado... O medo e o terror tomaram conta de todos os tripulantes.*”¹⁵⁶. Sentimentos como esses eram o reflexo da carência de notícias confiáveis sobre a Guerra na região, o que gerava uma situação curiosa percebida através dos depoimentos: se por um lado a propaganda nacionalista governamental era difundida entre a população de uma maneira eficiente, mesmo que indiretamente, por via oral; por outro, informações claras e atualizadas sobre o conflito no qual o país se envolvera eram escassas e as que chegavam não eram tão bem compreendidas por ouvintes com poucos anos de estudo. De fato, os jovens convocados, só iriam ter noção exata do que significava aquela Guerra ao chegarem aos quartéis do litoral brasileiro e serem submetidos à rotina diária de treinamentos militares. Nesses ambientes passaram a ter notícias e informações diárias sobre o evento. Pedro Silvino recorda que “*ouvia muita coisa da Guerra lá [no quartel], mas era só de ouvir dizer. Lá eu sabia de tudo sobre a Guerra.*”¹⁵⁷. O depoimento de Norberto Gomes nos mostra um satisfatório grau de esclarecimento sobre o conflito a partir do momento em que chegaram aos quartéis. Se partiram de Parelhas totalmente carentes de informações sobre a Guerra, ao chegarem aos postos militares no litoral brasileiro passaram a entender melhor o motivo de suas convocações e a dimensão do conflito em curso:

“No quartel ouvia falar na Guerra direto. Tinha um filme rapaz, todo dia a gente assistia o filme dessa Guerra que nós íamos para ela. Foi quando chegou um general e reclamou: ‘Como é que pode ficar passando um filme da Guerra que os pracinhas vão para ela?’ Desse jeito ia desertar era muito, com medo da Guerra. Por que o que passava lá na Alemanha, passava para nós vermos. Ôche! Eles falavam direto da Guerra.”¹⁵⁸.

O aumento de conhecimento sobre o conflito parece ter despertado coragem na maioria dos entrevistados, que alegaram ter tido vontade de serem selecionados para comporem a FEB que lutaria no *front* europeu. Curiosamente, os selecionados parelhenses para a expedição alegaram medo da aventura na ocasião, “*tinha cara que*

¹⁵⁵ Miguel Soares de Azevedo. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 02-02-2008.

¹⁵⁶ Gerson Ramos da Silva. Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

¹⁵⁷ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

¹⁵⁸ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

começava a chorar logo lá com medo”, afirma Pedro Silvino ¹⁵⁹. Enquanto isso em sua cidade natal a situação permanecia a mesma: muita propaganda nacionalista, mas poucas informações concretas sobre a Guerra. Certamente a falta de notícias sobre os filhos convocados angustiou muitas famílias da cidade, tendo em vista que os convocados não podiam se comunicar com seus parentes no interior do Estado. Muitos deles, como Gerson Ramos, alegam ficarem meses sem ver seus parentes ou enviarem notícias; meses esses que mudaram definitivamente suas vidas a partir de um dia em que receberam uma carta de convocação ou tiveram a infelicidade de “caírem no sorteio”, como os mesmos costumam dizer. Esse único dia ficou marcado na memória desses jovens e de milhões de outros em todos os cantos do mundo que participaram direta ou indiretamente da maior de todas as guerras.

¹⁵⁹ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

2.3. O impacto da convocação

O serviço militar obrigatório para a defesa de uma nação ou território é conhecido desde a Antiguidade Clássica entre povos das cidades-estado gregas e do Império Romano. Os conscritos constituíam-se num número limitado de homens, geralmente os “não-cidadãos” como escravos e plebeus, enquanto os postos de comando ficariam com membros de famílias nobres. A Revolução Francesa de 1789 implantou o princípio de igualdade entre os homens e conseqüentemente a obrigação de todos os cidadãos do país ao serviço militar, ou seja, pegar em armas para defender o país tornou-se uma condição fundamental para o exercício da cidadania.¹⁶⁰

Esse serviço militar obrigatório acabou produzindo algumas transformações nas nações. A primeira, de ordem política, foi o “culto à pátria”. Os milhares de jovens convocados para as guerras tinham que ser estimulados e provocados de alguma maneira, tendo em vista que um exército motivado era uma condição indispensável para o sucesso em uma batalha e mesmo na guerra. A defesa da pátria não era mais encarada como um simples dever do cidadão, mas ganhou ares de religião. A pátria deveria ser defendida com todo o sacrifício e com todo amor, pois sua própria existência passou a ser posta em perigo. O soldado deveria lutar pela sua pátria, pela sua família, pela sua honra e até mesmo pelo seu deus, contra um inimigo constituído pelo Estado através de uma intensa propaganda de seus governantes e superiores hierárquicos. A respeito do estímulo dos militares num ambiente tão frustrante como uma guerra, MAXIMIANO escreve que:

“Desde a introdução do sistema de convocação para o serviço militar como principal fonte de material humano para a guerra, fenômeno que foi típico dos dois grandes conflitos mundiais do século XX, a motivação dos combatentes tem sido uma das preocupações centrais dos comandantes militares, assim como dos historiadores que procuraram entender as razões pelas quais os homens resistem a adversidades inimagináveis e enfrentam circunstâncias que apresentam um grande risco físico. Desde o fim da II Guerra Mundial, os estudos sobre história militar dedicam uma proporção favorável do total da produção às pesquisas que enfocam os aspectos motivacionais. Além da busca da satisfação da curiosidade intelectual, os trabalhos do gênero pretendiam abstrair lições que

¹⁶⁰ FERRAZ, op, cit. p. 26 e KEEGAN, John. Uma história da guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 248, 360

pudessem vir a ser úteis na preparação de contingentes para os futuros conflitos.”¹⁶¹.

Outra importante transformação foi livrar a sociedade de elementos indesejados, ou seja, a “escória das cidades”, cidadãos indisciplinados, malfeitores ou desempregados que procuravam desestabilizar o governo através de sua oposição ao regime, crimes ou vadiagem. Diante disso, o serviço militar obrigatório tornou-se, durante e após a Revolução Francesa, uma alternativa de conservar a ordem pública e disciplinar a população através da disciplina militar e drásticas sanções.¹⁶²

O Estado, através de suas forças armadas passou, além de disciplinar, a educar a população masculina jovem, oferecendo cursos técnico-profissionalizantes voltados para suas atividades bélicas, mas que também se tornariam profissões importantes em suas posteriores atividades civis. Isso impulsionou a profissionalização do Exército, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX. Além do mais “o desenvolvimento da arte da guerra nos séculos XIX e XX implicou estruturas complexas de treinamento, suprimento, comunicações, reforços, etc.”¹⁶³, exigindo cada vez mais formação e preparo logístico de seus militares.

Desde o surgimento da “guerra moderna” os jovens conscritos pertencentes às mais variadas classes sociais passaram a ser convocados em todas as regiões dos países para servir as forças armadas e defender suas causas nas eventuais guerras em que se envolviam. Desde meados do século XIX até os dias atuais esses jovens, ao completarem determinada idade, deveriam alistar-se ou apresentar-se em órgãos militares mais próximos, ficando assim a disposição do Estado que os selecionava em tempos de paz para doutriná-los em seu exército. Em caso de envolvimento em eventual conflito, todo o contingente de conscritos era mobilizado para a defesa do país. Há registros na história militar de grande ampliação da faixa etária masculina de conscritos para suprir as necessidades das forças armadas durante guerras. Exemplo disso foi a Alemanha Nazista durante a própria Segunda Guerra Mundial, que chegou a convocar jovens abaixo dos 16 anos e idosos acima dos 60 para defender o país da invasão soviética nos últimos dias do conflito.

¹⁶¹ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Trincheiras da memória: brasileiros na campanha da Itália, 1944-1945**. São Paulo: USP, 2004 (tese de doutorado), p. 56.

¹⁶² CORVISIER, André. **A guerra: ensaios históricos**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999, p. 198-205;

¹⁶³ FERRAZ, op. cit. p. 27.

Enquanto estavam à disposição do Estado no serviço militar “aprendiam também as virtudes cívicas, bem como reforçavam suas identidades nacionais e grupais (pertencimento a unidades militares, como os regimentos, por exemplo).”¹⁶⁴ O Estado tornava-se assim responsável por seus convocados, tendo obrigação de alimentá-los, vesti-los, equipá-los para o combate, cuidar de sua saúde e pagar-lhes um soldo. Em caso de falecimento em serviço militar ou em combate, tinha a obrigação de amparar sua família através de pensões vitalícias. Se o militar fosse ferido e ficasse inválido para o trabalho era dispensado do serviço militar e fazia jus a auxílio financeiro enquanto durasse a invalidez.

Foi justamente toda essa assistência prestada pelas Forças Armadas brasileiras que estimulou muitos jovens brasileiros de origens humildes a encararem a convocação para a Guerra como a grande oportunidade em suas vidas. Muito antes de o Brasil entrar definitivamente no conflito mundial, já havia jovens em Parelhas que se alistavam no Exército em busca de melhores condições de sobrevivência, como foi o caso de Absolon Marques que “*iniciou na Marinha brasileira em 1940, como aprendiz de marinheiro.*”¹⁶⁵, dois anos antes de o Brasil declarar guerra ao Eixo. Antonio Marcolino foi um pioneiro dentre os pracinhas entrevistados, pois alega ter se alistado no Exército em 1938, sem “*ter conhecimento de que poderia haver uma guerra,*”¹⁶⁶ muito menos naquela proporção.

O impacto da iminente participação numa guerra certamente foi menor nesses militares que já estavam familiarizados com a vida cotidiana nos quartéis. Já seus conterrâneos leigos, que foram convocados “*de supetão*” como diz Ovídio Diniz,¹⁶⁷ alegam terem sofrido muito, principalmente pelo total desconhecimento do conflito que os esperava, mesmo também de outros espaços que não o de sua terra natal. Como aconteceu em vários conflitos armados da história, desde a Antiguidade, esses jovens tiveram que deixar para trás suas famílias, amigos, empregos e lares rumo ao desconhecido, sem ter a certeza do que encontrariam ou se voltariam a ver seus entes amados novamente. Certamente uma decisão muito difícil para qualquer jovem em qualquer período da história. Todos os depoentes que contribuíram para a elaboração deste trabalho relatam com destaque o momento em que receberam a notícia de sua

¹⁶⁴ *Ibdi*, p. 28.

¹⁶⁵ Absolon Marques Mendonça. Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

¹⁶⁶ Antônio Marcolino Filho. Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

¹⁶⁷ Ovídio Alves Diniz. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 25-01-2004.

convocação para a Guerra; a angustia sentida por muitos e o desespero da família, principalmente da figura materna cujo pranto rotineiramente é lembrado pelos pracinhas. Severino Nicolau, por exemplo, teve que deixar para traz a mulher com um filho recém nascido nos braços, partindo para a Itália, o *front* europeu, sem saber quando e nem se voltaria. Seu conterrâneo parelhense Lauro Virgílio do Nascimento não teve a sorte de voltar para casa, como Severino. Apesar de não ter participado diretamente da Guerra na Europa, foi vitimado pela explosão de seu navio, o *cruzador Bahia*, em maio de 1945 no litoral brasileiro. Lauro foi o único dos parelhenses a morrer na Guerra.

Figura 4: O Cruzador Bahia foi a pique no dia 14 de julho de 1945, por acidente em exercício de tiro real, que atingiu uma de suas bombas de profundidade



Fonte: <http://www.naval.com.br/historia/perdas/hist02.htm>

Durante os depoimentos constatamos momentos de raiva, medo, tristeza, orgulho... Os sentimentos são diversos, mas a maioria alega no mínimo preocupação com o destino incerto. Na época, existiam três maneiras de ingressar nas Forças Armadas brasileiras e participar da Guerra: a primeira era por alistamento voluntário (foi o caso de Absolon Marques); o segundo era através de uma carta de convocação que chegava à residência do pracinha (caso de Ovídio Diniz), e o terceiro era através do sorteio, onde “o jovem podia optar pela espera do sorteio militar, a partir do momento em que o candidato à farda completava seus dezoito anos, podendo ser sorteado até os 28.”¹⁶⁸ Essa foi a maneira pela qual a maioria dos jovens de Parelhas e do Brasil ingressaram nas Forças Armadas no período da Guerra. A alusão ao sorteio está presente na grande maioria dos depoimentos coletados para esta pesquisa.

¹⁶⁸ MAXIMIANO, op. cit. p. 62.

Desde o início desse tipo de seleção podemos perceber através dos depoentes a intensa preocupação da população de Parelhas em ver seus filhos sorteados para a Guerra. “Escapar do sorteio” não seria tão fácil, apesar de jovens em larga faixa etária comporem a lista dos disponíveis para esse tipo de seleção.¹⁶⁹ Para fugir desse tipo de convocação OLIVEIRA (2001, p. 24-25) escreve que:

“Alguns ex-combatentes comentaram a participação dos ‘políticos’ dentro desse contexto da Segunda Guerra Mundial: revelando como influíam na convocação dos prováveis pracinhas. Aqueles eram chamados ‘padrinhos políticos’, que interferiam, apelando junto às autoridades do Estado. Muitos conseguiam ser dispensados ou ocupariam cargos privilegiados nas bases que serviram.”

Os que não tiveram a ajuda dos tais “padrinhos políticos” tiveram que “encarar seu destino”, mesmo com medo e sob a angústia dos familiares. A respeito do sorteio alguns depoimentos são dignos de destaque como o de José Matias, que destaca a decepção e revolta que sentiu ao ver seu nome na lista:

“Certo dia fui sorteado para a Guerra. Um cabra sem vergonha foi lá dizer ao homem que eu tinha idade. Só ia [para a Guerra] quem era registrado e eu não era. Botaram-me como classe de 19 [1919], e eu era de 18 [1918]. Disseram-me que eu estava na lista que ficava na porta do mercado, aí na segunda-feira vim correndo para a rua confirmar a notícia. Fui lá olhar e como dia 10 eu já devia me apresentar eu me aperreei. Comprei duas carteiras de cigarro e uma caixa de fósforos e comecei a fumar feito doido. Corri para Papai, mas não teve jeito. Tive que ir. Eu era o dono da casa quando fui sorteado, porque Papai tava inválido. Eu era arrimo de família.”¹⁷⁰

Ao que nos parece esse método de seleção deixa transparecer alguns equívocos como notado no trecho acima e nos demais depoimentos. José Matias foi mudado de classe, pois havia nascido em 1918, mas o convocaram juntamente com o grupo de jovens nascidos em 1919; o mesmo não deveria ter feito parte da lista de sorteáveis, pois não era registrado, ou seja, só poderia ser convocado o jovem cujo

¹⁶⁹ Segundo MAXIMIANO (op. cit. p. 61) o sorteio abrangia os jovens brasileiros entre os 18 e 28 anos de idade. Essa faixa estendia-se entre 17 e 30 anos se o jovem fosse voluntário.

¹⁷⁰ José Matias da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 16-02-2008.

nascimento fosse registrado pelos pais; Matias também era arrimo de família, tendo em vista que seu pai havia perdido um braço e ficado inválido, a lei militar proíbe até hoje a convocação de jovens cujas famílias dependem de seu trabalho; Norberto Gomes foi convocado aos 17 anos de idade, mais um equívoco dos selecionadores, pois nessa idade o jovem só poderia servir as Forças Armadas se fosse voluntário; e por fim, Severino Nicolau também era arrimo de família tendo em vista que já era casado e tinha um filho recém nascido, portanto também não poderia ser convocado segundo o regulamento militar. Para FERRAZ (2004, p. 79), “as falhas no recrutamento eram ampliadas, principalmente nos municípios mais distantes do interior do país.” Foi o caso de Parelhas.

Muitos autores que estudam a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial atestam várias exceções abertas na seleção dos soldados para as Forças Armadas tendo-se em vista a dificuldade de encontrar jovens que preenchessem os padrões biológicos de um combatente moderno, como estatura mínima, nível regular de nutrição, ausência de doenças e certo número de dentes na boca. Além do mais o convocado deveria pelo menos saber “assinar o nome”, uma verdadeira façanha numa sociedade brasileira de analfabetos nos anos 1940. Na verdade, tais requisitos para a convocação eram baseados em padrões físicos do Exército norte-americano, e copiados pelas Forças Armadas brasileiras, de maneira alguma se adequavam ao biótipo do homem brasileiro daquele período.

Em todas as regiões do país, jovens da referida faixa etária continuavam a ser convocados para fazer testes médicos nos hospitais militares; como lembra Miguel Soares ao dizer que “*foi para o quartel fazer todo tipo de exame; dali fomos para Recife. Lá tinha 10 mil homens para fazer exames de manhã e de noite, todos nus, um atrás do outro. Aí passei... Li o boletim e passei.*”¹⁷¹. Com isso percebemos que a simples convocação não era uma “sentença de morte” como muitos pensaram naqueles anos. Antes mesmo de vestirem a farda, esses jovens eram submetidos a uma bateria de exames médicos e psicológicos, embora não fossem feitos com o rigor que uma guerra exigia, devido à pressa na organização dos efetivos e a falta de indivíduos aptos fisicamente ao serviço militar. Ovídio Diniz em seu depoimento conta que chegou ao quartel com 50 quilos e logo alcançou os 70, “*devido à boa alimentação do quartel.*”¹⁷².

¹⁷¹ Miguel Soares de Azevedo. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 02-02-2008.

¹⁷² Ovídio Alves Diniz. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 25-01-2004.

FERRAZ (2003, p. 76) afirma que “os soldados eram recrutados nas classes mais pobres da sociedade. Alguns dos recrutados viam na instituição militar a garantia de um emprego, refeição, abrigo, que não teriam certeza de obter em outro lugar. O analfabetismo imperava nas tropas.” Apesar do pouco oferecido, muitos se davam por satisfeitos em ter uma profissão respeitada na sociedade e uma assistência básica oferecida no quartel. Muitos deles não tinham acesso nem a refeições regulares em seus lares, o que fazia a comida do “rancho”¹⁷³, apesar das moscas, ser apreciada com satisfação.

Certamente esse “bom trato” despendido pelo Exército a esses jovens foi um fator de incentivo e alento para os mesmos e suas famílias, mas nada que substituísse o temor no momento da convocação, como percebemos nos depoimentos. Um dos mais contundentes na rememoração desse momento crucial em sua vida foi José Barbosa. Esse pracinha recorda que:

“No momento exato da convocação, toda a comunidade do Algodão assistia a uma novena de São Francisco quando foi pedida a atenção dos participantes para a divulgação de alguns nomes de jovens daquela comunidade para participarem da Segunda Guerra Mundial. Todos reagiram com muito medo e a minha família acreditou que eu não voltaria mais, causando dessa forma muitas lágrimas, principalmente da minha mãe.”¹⁷⁴.

Curiosamente, num momento difícil como o exposto acima, a figura da mãe sempre é lembrada nos depoimentos como aquela que mais chorava e sofria com a convocação para a Guerra de seu filho. “*Toda a minha família ficou desolada com a notícia de que eu havia sido sorteado para enfrentar esse conflito. A minha mãe, inclusive, chorou desconsoladamente com medo de que eu não voltasse mais,*”¹⁷⁵ relembra Miguel Soares. Não só nas lembranças dos pracinhas parelhenses, mas, em geral, nos trabalhos de história oral referentes á veteranos de guerras, a figura materna é constantemente citada pelos depoentes; ocupando um espaço especial nas narrativas, especialmente nos momentos difíceis de batalhas ou mesmo nas convocações e

¹⁷³ Refeitório dos quartéis;

¹⁷⁴ José Barbosa Souza. Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

¹⁷⁵ Miguel Soares de Azevedo. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 02-02-2008.

despedidas dos conscritos.¹⁷⁶ Ainda podemos observá-la com destaque nos depoimentos de Pedro Silvino e Norberto Gomes, este com alusão a promessa feita pela mesma para que o filho não fosse para a Guerra: “*Minha mãe tinha feito promessa para eu não ir, mas eu fui e disse: ‘Mãe não faça promessa não que eu quero ir para ficar’.*”¹⁷⁷

Depois de recebida a carta de convocação ou estampado seu nome na lista de sorteados ao jovem conscrito só restaria duas opções para fugir da Guerra: ou apelava para um “padrinho político” ou desertava, opção que é vista como desonrosa pelos depoentes trabalhados até aqui, como José Matias, que preferia morrer a desertar e ser chamado de covarde. Apesar disso muitos desertaram em várias partes do Brasil, seja por medo, seja por não terem acesso à lista dos sorteados. MAXIMIANO (2004, p. 63) a respeito dos conscritos que não se apresentavam às Forças Armadas escreve que:

“Se um jovem fosse sorteado e não se apresentasse, era considerado insubmisso, preso no quartel, julgado por um tribunal militar e servia por 18 meses, 6 meses a mais que o serviço militar normal. Alguns soldados serviram na infantaria da FEB com cerca de 30 anos, idade avançada em comparação com o grosso dos homens que estavam na linha de frente. Frequentemente, tratavam-se de jovens oriundos do meio rural, que não tinham sido encontrados para o recebimento do aviso de conscrição ou que se viram impossibilitados de saberem de sua convocação ocorrida há alguns anos antes da guerra. Posteriormente localizados, foram incorporados ao Exército como insubmissos, numa idade em que suas vidas se encontravam parcialmente definidas, com emprego fixo e família constituída.”

Os pracinhas entrevistados demonstram acima de tudo orgulho por terem encarado o desafio e não desertarem. Pedro Silvino chega a acusar dois contemporâneos de deserção, pois, segundo ele “*os dois voltaram escondidos.*”¹⁷⁸ Os motivos que levavam a deserção não eram apenas referentes ao temor da Guerra, mas a própria vida militar em si, cheia de sacrifícios e privações, aliando-se a isso a precariedade estrutural do Exército Brasileiro frente aos demais exércitos dos países envolvidos no conflito mundial. Por ouvir dizer ou por experiência própria, muitos jovens brasileiros sabiam que a vida no exército era muito diferente da vida simples, livre e sem regras que

¹⁷⁶ Como exemplo os trabalhos de MAXIMIANO (op. cit. p. 121), FERRAZ (op. cit. p. 142) e MACEDO, Ranielle Cavalcante de Macedo. **Os pracinhas potiguares na Segunda Guerra Mundial.** Monografia. UFRN, 2004. p. 37.

¹⁷⁷ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

¹⁷⁸ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

levavam no campo ou nas pequenas cidades do interior do país. Privações físicas, longas marchas, prisões em celas insalubres, humilhações e treinamento rígido eram algumas das coisas que os esperavam nos quartéis. Nessas circunstâncias, “a disciplina era mantida com ‘mão de ferro’, bem como a imagem do recrutamento militar como um castigo, presente na mentalidade popular durante todo o século anterior (século XIX).”¹⁷⁹

Ainda na década de 1940, havia muita desconfiança da população brasileira em relação ao Exército. Apesar de alguns o viam como meio de ascensão social e melhora de vida, essa instituição ainda possuía uma imagem opressora na mentalidade coletiva da nação, o que aumentava mais o receio dos convocados para a Guerra. Para mudar esse conceito entra em cena a maciça propaganda governamental patriótica, que passava a imagem do “cidadão-soldado”, uma figura importante que iria defender seu país e seu povo contra o inimigo opressor, uma espécie de mártir ou herói nacional. Cartazes com fotos de soldados em exercício foram espalhados pelo país na tentativa de melhorar a imagem das Forças Armadas e estimular os jovens conscritos ao serviço militar. O ponto alto dessa propaganda aconteceu com a formação da FEB e seu envio para a Itália, sendo seus militares ovacionados por uma população eufórica e cada vez mais estimulada pelos discursos inflamados de seu presidente.

Figura 5: membros da artilharia da FEB na Itália, 1944-1945. Foto bastante divulgada pela imprensa da época (CPDOC/HB foto 062/16)



Fonte: http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_pop_aaa1.htm

¹⁷⁹ FERRAZ, op. cit. p. 78.

Fotos, cartazes, canções e frases de efeito certamente serviram para melhorar a imagem do Exército e estimular os conscritos ao serviço militar. Pelo menos percebemos essa disposição dos depoentes através de suas frases e expressões patrióticas. Servir o Brasil na Guerra tornara-se uma obrigação e sua convocação, mesmo com receio, era irrecusável. Apesar da campanha e das convocações a tarefa de garimpar bons militares no Brasil foi extremamente difícil, tendo em vista as péssimas condições sanitárias do país naquela época. Mesmo assim o efetivo do Exército aumentou consideravelmente, chegando aos 72.566 homens no início de 1943 e subindo para 144.000 no ano seguinte.¹⁸⁰ Entre 1942 e 1943 a imprensa brasileira através do rádio e dos jornais massificou significativamente as campanhas de recrutamento. Jornais como a Folha da Manhã anunciava em 01 de julho de 1943 o grande número de voluntários para o Exército que queriam lutar pelo Brasil. “O artigo pedia que, devido ao grande número de voluntários, só se apresentassem os voluntários com idade entre 21 e 26 anos, com instrução primária completa.”¹⁸¹ Esse clima de otimismo era fomentado pelas autoridades do governo como o ministro da guerra, Eurico Gaspar Dutra e o próprio presidente Getúlio Vargas em seus pronunciamentos nacionalistas. Aquele havia declarado que cem mil soldados estavam preparados para embarcar para o *front* europeu em 1943, segundo artigo da Folha da Manhã paulistana de 24 de setembro daquele ano. Toda essa avalanche de convocados e voluntários, estimulados por intensa propaganda, deparou-se com a estrutura extremamente precária de um Exército que não tinha a mínima condição de acolher, alimentar e treinar tantos jovens ao mesmo tempo. Como esses garotos interioranos foram recebidos, o que encontraram e quais suas principais lembranças do período em que defenderam o litoral brasileiro são temas do próximo capítulo.

¹⁸⁰ FIGUEIREDO, L. **Grandes Soldados do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944, p. 57.

¹⁸¹ MAXIMIANO, op. cit. p. 72.

CAPÍTULO 3

“GUERRA SEM GUERRA”: A NOVA VIDA MILITAR NA DEFESA DO LITORAL BRASILEIRO

3.1. Mudança de espaço e estranhamento

“Quando algum acontecimento nos obriga também a nos transportarmos para um novo entorno material, antes de a ele nos adaptarmos, atravessamos um período de incertezas, como se houvésssemos deixado para traz toda a nossa personalidade, tanto é verdade que as imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis do nosso eu.”

Maurice Halbwachs

O trecho acima sintetiza muito bem a idéia que trabalharemos neste sub-tema: a mudança abrupta de espaços provoca, muitas vezes, estranhamento. Deixemos claro, de antemão, que “estranhamento” é um termo usado pela geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos para classificar a sensação dos moradores de uma grande metrópole, em especial a cidade de São Paulo, frente à celeríssima mudança do espaço urbano a qual são submetidos em virtude da especulação imobiliária capitalista, gerando com isso perda de identidade dos mesmos.¹⁸² Segundo CARLOS (p. 330), “as referências urbanas apontam e marcam a relação entre a construção da identidade e da memória, portanto a destruição destes coloca a identidade cidadão/metrópole em outro plano, agora definido nos limites do mundo da mercadoria.” Essa autora trabalha o estranhamento pela metamorfose rápida de um único espaço onde habita uma pessoa ou um grupo de indivíduos; nós trabalharemos esse fenômeno pela troca abrupta de espaços, ou seja, esse estranhamento é vivenciado por indivíduos que passaram boa parte de suas vidas num determinado espaço e, repentinamente, são transportados e têm que se adaptar a um cenário e um estilo de vida completamente diferentes do habitual. De qualquer forma, os dois tipos de estranhamento se dão pela mudança rápida de ambientes de convivência, ambos, defendidos por Carlos e por Halbwachs nos darão boas contribuições para entendermos o impacto da mudança repentina de espaços dicotômicos entre indivíduos que têm sua identidade atrelada a um determinado lugar.

Essa sensação de “não pertencimento àquele espaço” e de “perda do espaço anterior” certamente é cada vez menos sentida nos dias atuais pela sociedade moderna,

¹⁸² CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana.** São Paulo: Contexto, 2001.

onde a tecnologia cada vez mais avançada nos mostra e nos transporta á espaços extremamente dicotômicos, sejam na sua geografia, sejam na cultura de seus habitantes. Hoje em poucas horas podemos atravessar o Estado do Rio Grande do Norte numa viagem que, na época da Guerra, poderia durar dias; atualmente também nos é permitido acordar em Nova York e dormir em Paris, pela eficiência e rapidez dos aviões modernos, que em 1940 mal cruzavam o Atlântico; a velocidade inacreditável da internet faz com que tenhamos acesso a informações e cenas numa fração de segundos. Toda essa tecnologia estreita, reduz, aniquila as distâncias e faz com que qualquer jovem morador do interior do país, por menor que seja seu grau de escolaridade, tenha acesso a informações precisas que lhe permitam conhecer determinado fato ou mesmo um lugar distante.

Certamente no período estudado neste trabalho o mundo era completamente diferente. As crescentes inovações tecnológicas da década de 1940 eram desconhecidas pela imensa maioria da população brasileira que habitava no campo ou pequenas cidades do interior. Um jovem lavrador em muitos casos passava a vida inteira sem deixar os limites do município em que morava ou mesmo sem ter noção da existência de muitos países ou regiões do mundo, pois seu próprio mundo reduzia-se a um pequeno espaço onde nascera e morava. Os que se aventuravam nas cidades maiores do litoral ou mesmo em outras regiões do país, como a Amazônia no ciclo da borracha, sentiam os efeitos do desenraizamento causado pela convivência num espaço ou numa cultura estranha.

Durante várias passagens dos depoimentos dos ex-combatentes de Parelhas percebemos esse estranhamento ao deixarem seus lares e chegarem a seus lugares de destino: os quartéis do litoral brasileiro. A grande maioria dos depoimentos coletados começa ou têm ao longo do texto declarações contundentes a respeito do primeiro dia na nova cidade ou mesmo na caserna. Norberto Gomes, antes de qualquer coisa, começa seu depoimento expondo seu desconforto com a cidade onde serviu o Exército durante a Guerra: *“Eu não me acostumei com Natal naquela época, não me acostumei de jeito nenhum. Eu ia para rua e tomava caldo de cana gelado com manzoá, chegava no quartel e ia dormir... Fiquei uns dias doente lá.”*¹⁸³. Já Pedro Silvino diz que estranhou muito quando chegou a Natal, *“mas lá tinha os outros caras, e a gente ia se acostumando.”*¹⁸⁴.

¹⁸³ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

¹⁸⁴ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

A cidade natal desses homens que percebemos através de depoimentos e demais fontes e que é reconstruída no capítulo 2 deste trabalho é acima de tudo pacata. A vida interiorana era simples, livre, sem regras e obrigações, em constante contato com a natureza, os animais e os demais componentes daquele grupo social. Nesse espaço, o tempo parece passar devagar, sem pressa, preguiçosamente, fato que é perceptível também nos depoimentos, no ato de rememorar a cidade, seu meio geográfico, seu mundo. Ao falar na vida pacata antes da Guerra, o pracinha demonstra tranquilidade, paciência, prazer e diversão. Essa época é rememorada com muito saudosismo e detalhes, tendo em vista que muito daquele espaço e daquelas pessoas ainda estão ali nos dias atuais, em sua volta. A vida tranqüila, sem grandes preocupações e desconforto faz com que os depoentes se detenham a pequenos fatos do dia-a-dia, ao café da manhã na casa dos pais, ao trabalho duro na roça, às viagens para o Brejo paraibano, ao leite da vaca tirado no curral de casa ao nascer do sol. Com isso, percebemos uma riqueza maior de detalhes na rememoração desse espaço natal ao qual estão atrelados, ao qual sentem maior identificação. Pedro Silvino diz que começou “*a tirar leite com 8 anos de idade. Mamãe tirava leite com papai, aí ela achou bom eu ir tirar com ela e ficar no lugar dela. Ela arriava o bezerro...*”¹⁸⁵.

Esse mundo interiorano na década de 1940 era simples, rústico e sem nenhum conforto. A renda familiar dava apenas para a alimentação e umas poucas peças de vestuário dos numerosos membros da família. Brinquedos de criança não existiam, geralmente eram pedras, paus ou ossos de animais. Desde pequeninas as crianças deveriam ajudar os mais velhos nos afazeres domésticos, geralmente as mais velhas cuidavam e educavam as mais novas.¹⁸⁶ Avanços tecnológicos das primeiras décadas do século XX como automóveis, rádio e telefone eram escassos naqueles anos e eram poucos os que a eles tinham acesso. Como mostrado no capítulo anterior, até mesmo informações sobre lugares e culturas distantes eram raras e descontraídas o que fazia com que os jovens conscritos da época vivessem num espaço limitado tanto física como culturalmente. Os poucos anos de escolarização contribuía para a formação de tal quadro.

No sertão do Rio Grande do Norte o espaço geográfico desses homens também era bem limitado. Se por um lado existiam dois “matutos”, Norberto Gomes e

¹⁸⁵ Ibid.

¹⁸⁶ Informações sempre passadas em conversas informais com pais, tios e avós do autor sobre aquele período.

José Matias que viajavam para o Brejo paraibano; por outro, jovens como Pedro Silvino, José Barbosa, Gerson Ramos e tantos outros, raríssimas vezes haviam saído das fronteiras da cidade. O primeiro alega que “*nunca saia de Parelhas*”,¹⁸⁷ apenas duas vezes teve que levar o gado de seu pai à cidade de Caraúbas para fugir da seca de 1932: “*Foram as duas únicas vezes que saí de Parelhas. Fui a cavalo. Passei pelo rio Piranhas, lá tinha água demais e aqui seco. Andei trinta e duas léguas até Caraúbas, foram 5 dias pra chegar lá, andando devagarzinho com o gado.*”¹⁸⁸. Esse trecho do depoimento de Pedro Silvino nos dá algumas pistas sobre seu espaço natal e os problemas que enfrentava neste. Primeiramente há referência a seca de 1932, período no qual o gado teve que ser conduzido a outra região do Estado, numa rara oportunidade de conhecimento de outro lugar que não a sua cidade natal. A alusão à correnteza do rio Piranhas também é um fato interessante, já que se contrastava com a seca de sua região, portanto, o depoente demonstra surpresa e admiração ao ver tamanha quantidade de água naquela época do ano. Outro dado destacável no texto é a precariedade dos transportes, tendo em vista que Silvino alega ter feito uma demorada viagem de cinco dias a cavalo, percorrendo trinta e duas léguas até seu destino final. Com isso percebemos uma interessante relação espaço-tempo no período estudado, já que, pelos meios de transporte existentes na região, determinados espaços eram percorridos em longo tempo, apesar de invenções como o automóvel e o avião já pulverizarem certas distancias naqueles anos.

Esse apego à terra natal, aos lares maternos, a vida tranqüila no campo nos dá uma idéia do quão diferente seria a nova vida militar que os esperava nos quartéis do litoral brasileiro e os efeitos físicos e psicológicos que tal mudança causaria nesses jovens. Apesar da vida humilde, os pracinhas demonstram satisfação em suas lembranças ao falarem daqueles anos ante-guerra e da convivência na casa materna com os demais familiares. Norberto Gomes é um dos mais enfáticos ao falar da abrupta mudança de espaço a qual foi submetido e das dificuldades que enfrentou com isso. Em seu depoimento este pracinha afirma que “*morando aqui, em casa, não faltava nada... Eu acordava às cinco horas, tomava café com bolo até topar e ia trabalhar.*”¹⁸⁹. Mas adiante Gomes retrata a angústia que sentiu ao chegar à capital para se apresentar no

¹⁸⁷ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

¹⁸⁸ *Ibdi.*

¹⁸⁹ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

Exército e a dificuldade enfrentada para se adaptar ao novo ambiente desconfortável em que foi instalado:

“Agora lá passei uma fome desgraçada. Quando eu cheguei a Natal fiquei na casa do meu tio que morava na Praia do Meio. Eu fiquei na casa dele o dia todinho. Fiquei calado o dia todinho imaginando como era que eu ia me apresentar no Exército. Quando foi de tardinha meus amigos passaram na casa de meu tio e me perguntaram se eu queria ver onde era que eu ia me apresentar, e me levaram para as Rocas. ‘Olhe, você vai se apresentar aqui e daqui eles te levam para o quartel’. Eu queria me apresentar logo, com medo de voltar depois e não acertar o lugar. E eles diziam: ‘Homem não se preocupe, nós vamos vir deixar você aqui’. Aí eu dei o nome, me inscrevi e fiquei ali. Com um pedaço encostou um caminhão. Nós subimos no caminhão, fomos para o quartel e eles nos soltaram ali. Aí ficamos. Eu sentado. A mala tinha ficado na casa de meu tio e eu só fui com a roupa do corpo. Aí ficamos lá, eu e outros quatro. Deu seis e meia, deu sete horas e eu pensando onde é que nós íamos dormir hoje. O militar disse: ‘venha aqui!’ E levou a gente para dentro do mato e vimos um lastro de barracas, barracas de lona. Aí abriu uma barraca e disse: ‘pode ficar aí, vocês vão dormir ai hoje.’” (Grifos do autor)¹⁹⁰.

O estranhamento sentido por esse pracinha é perceptível no trecho acima, especialmente nos trechos sublinhados, onde a vida no Exército apresentara aspectos totalmente contrastantes com a de antes no sertão. Norberto Gomes afirma que tinha pouco no interior, mas o bastante para ser feliz, enquanto que no Exército, apesar de um ambiente totalmente diferente e, teoricamente, mais confortável (pagamento de proventos, vestuário, alimentação mais variada, etc.) a vida tornara-se mais dura e com mais privações do que na casa de seus pais, principalmente pela falta de liberdade. Todo esse quadro leva o pracinha a relatar que “*não se acostumou com Natal naquela época*”,¹⁹¹ preferindo a casa dos seus pais, ou seja, seu antigo meio sócio-espacial.

Miguel Soares também fala das dificuldades que sentiu no quartel, em Olinda, especialmente por “*viver dentro do mato*” esperando à hora de ser selecionado para a FEB: “*eu sofri, fiquei nervoso. Meu amigo, você ter família... Meus amigos conhecidos foram todos para a guerra e eu fiquei sozinho, no quartel esquisito, (Grifo do autor) dormindo de noite no chão, só tinha percevejo. Tomava café e ia para dentro dos matos. É negócio de doido.*”¹⁹². Certamente deveria ser muito difícil para um jovem de 18 anos, com uma vida livre, sem regras, morando na casa dos pais e gozando de

¹⁹⁰ Ibd.

¹⁹¹ Ibd.

¹⁹² Miguel Soares de Azevedo. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 02-02-2008.

uma sociabilidade intensa ao lado da família e amigos abrir mão de tudo por uma vida militar de privações e desconfortos, especialmente se o mesmo não tinha noção do que lhe esperava nos quartéis do litoral. Havia muitas coisas diferentes: o clima, a comida, os alojamentos e a cultura. Ambiente estranho a muitos sertanejos que nunca ou pouco haviam saído de sua cidade natal. Para SILVA (2000, p. 30):

“Os indivíduos vivem no interior de um grande número de instituições que constituem aquilo que Pierre Bourdier chama de ‘campos sociais’, tais como as famílias, os grupos de colegas, as instituições educacionais, os grupos de trabalho ou partidos políticos. Nós participamos dessas instituições ou ‘campos sociais’, exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos”.

Esses jovens pertenciam a um grupo, um desses “campos sociais” de que fala Pierre Bourdier. Faziam parte de um grupo de agricultores de Parelhas cuja identidade estava atrelada ao meio sócio-espacial em que viviam. No segundo capítulo procuramos mostrar como essa identidade e sua memória estão atreladas a esse espaço sertanejo, aos prédios da cidade, ao relevo, aos animais, as cerimônias religiosas e festas sociais, ao lar materno. Esses homens desde aquela época estão impregnados por esse mundo construído nos depoimentos (até por que nunca haviam saído dele até então) e a perda, ou substituição, desde por um novo totalmente diferente, causa ruptura, estranhamento e confusão de identidades, como afirma CARLOS (2001, p. 342) ao dizer que:

“As rupturas colocam o habitante diante da subtração do conhecido, em um quadro composto por ausências e vazios, por rostos e objetos desconhecidos. Aquilo que é ‘estranho’ passa a dominar o universo da vida, colocando o habitante na posição de defensiva vigilância.”

Certamente podemos falar em ruptura em relação ao objeto estudado, tendo em vista que jovens que passaram toda a vida em um único meio sócio-espacial, de repente são obrigados a trocá-lo por um ambiente totalmente diferente do vivenciado até então, fenômeno que gera desconforto, estranhamento, vazio, dentre outras sensações desagradáveis. Esse impacto é bem perceptível ao longo de todos os depoimentos

coletados quando os protagonistas dessa Guerra fazem alusão a barracas de lona lotadas, no meio do mato, onde os soldados dormiam importunados pelas pulgas e comiam em refeitórios cheios de moscas.¹⁹³ Também esse estranhamento é perceptível ao falarem do tipo de comida, das fardas, dos treinamentos puxados, da exaustão sentida, do temor de serem selecionados para a FEB, dos desentendimentos com superiores hierárquicos que os incomodavam, da saudade da família da qual nunca se afastaram antes... Por tudo isso alguns colegas desertaram, não suportaram a nova e estranha vida e voltaram para seus lares maternos, ou mesmo se negaram a deixá-los rumo ao desconhecido.

As reações foram diversas. Enquanto uns ganharam peso como Ovídio Diniz, que chegou a engordar 20 quilos, segundo depoimento, outros passaram fome, como Norberto Gomes e Pedro Silvino, por não se adaptarem ao tipo de alimentação que lhes era fornecido. Este diz que *“Nós passamos cinco dias no mar, só água e céu sem comer por que eu enjoiei muito no navio. A comida não prestava. Alguns tinham condições e levaram alguma coisa para comer.”*¹⁹⁴, enquanto aquele ao lembrar da alimentação fornecida no quartel comenta: *“Rapaz, mas a comida era de amargar. Era batata doce cozinhada com carne verde. Eram uns tachos deste tamanho cozinhando batata com carne verde. Tinha umas mesas grandes lá e quando nós chegávamos da instrução a mesa estava preta de mosca.”*¹⁹⁵. A pior situação era a bordo dos navios, onde os “marinheiros de primeira viagem” sofriam com fortes enjoos e a péssima qualidade da comida servida a bordo. De fato para um jovem que nunca tinha visto o mar, viajar em um navio de transportes por vários dias num mar infestado de submarinos alemães deveria ser uma sensação desagradável. Mesmo em conversas informais com os mesmos percebemos o grande desconforto sentido nessas viagens. Na pesquisa da graduação, onde trabalhamos com os veteranos da FEB, os depoimentos mostram que muitos soldados passaram fome por duas semanas na viagem para a Itália a bordo dos navios de transporte norte-americanos por se recusarem a comer alimentos para eles estranhos como arroz doce.¹⁹⁶ O mesmo desconforto aconteceu nas constantes viagens pelo litoral brasileiro dos soldados que guarneceram o litoral. Apesar dos poucos dias no mar. Pedro Silvino recorda essas viagens ao dizer que:

¹⁹³ Pedro Silvino, Miguel Soares e Norberto Gomes relatam os detalhes desse quadro.

¹⁹⁴ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

¹⁹⁵ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

¹⁹⁶ MACEDO, Ranielle Cavalcante de. op. cit. ver depoimentos anexos.

“Quando nós fomos para São Paulo [de navio] era o maior medo por que os submarinos alemães estavam nas águas brasileiras, mas nós não vimos nenhum. Cada um [soldado] era com salva-vidas do lado. Quando anoitecia ninguém conversava mais com o outro, ninguém jogava mais nada dentro d’água, e ficávamos calados a noite toda. Nós só tínhamos medo dos alemães quando estávamos dentro d’água, Na praia não. Na água o medo era grande demais.”¹⁹⁷.

De fato essas viagens pelo litoral brasileiro tornaram-se o momento de maior desconforto para os pracinhas parselenses, pois, além de um espaço totalmente estranho, a bordo de um navio, ainda imperava o temor constante de serem atacados por submarinos alemães, o que se tornara comum naquelas águas, especialmente no litoral nordestino. As notícias de afundamentos de vários navios brasileiros naqueles meses de 1942-1943 e a conseqüente perda de centenas de vidas no mar tornaram-se tão comuns na imprensa da época que certamente abalaram os viajantes ouvidos neste estudo. É uma constante em depoimentos de qualquer veterano dessa Guerra o medo coletivo presente nos passageiros dessas embarcações, até por que os submarinos alemães geralmente atacavam a noite e os navios brasileiros, sem equipamentos adequados que os detectassem, tornavam-se pressas fáceis para seus torpedos. Os navios de transporte de tropas estavam entre os alvos prediletos dos nazistas, exemplos disso foram o *Baependy* e o *Itagiba*, afundados em 15 e 17 de agosto de 1942, respectivamente, causando a morte de 306 pessoas, a maioria militares do 7º Grupo de Artilharia de Dorso.¹⁹⁸ O depoimento de Norberto Gomes é condizente com o de Pedro Silvino ao rememorem as perigosas viagens pelo mar. Ao que constam os dois viajaram no mesmo navio e tiveram sensações parecidas. Gomes lembra que:

“Fomos de navio para Caçapava. Pedrinho [Pedro Silvino] enjoou no navio e passou 8 dias na rede sem comer. Ah! Ia um navio de Guerra na frente, um atrás e dois dos lados e nossos navios de transporte no meio com medo dos alemães. Puxava 12 milhas por hora. Aí quando nós chegamos a Cabo Frio o mar era tão bravo que a Maré quando batia no navio lavava. Aí víamos um sinal encarnado que piscava direto. Esperamos, subimos na polpa do navio, todos com salva vidas, e era sinal encarnado para todo lado. Isso chega arrepiou e ninguém dava uma piada, ninguém conversava nem acendia um cigarro. Tudo no escuro e todo mundo com medo. De repente, quando foi negócio de 3 horas, saiu um sinalzinho branco lá longe. Aí bandeira branca...

¹⁹⁷ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

¹⁹⁸ BONALUME NETO, op. cit. p. 49.

Bandeira branca... E quando foi de três horas todos os navios estavam de bandeira branca.”¹⁹⁹.

Como vimos nos trechos acima, a mudança espacial deu-se de maneira brusca e em alguns casos traumática, uma verdadeira ruptura com a vida pacata e livre em seus lares maternos, o que gerou estranhamento e desconforto. Rapidamente passaram da zona rural de Parelhas para barracas de lona “*no meio do mato*”, de lá para navios apertados e insalubres em viagens oceânicas perigosas e, posteriormente, para quartéis movimentados em regiões distantes do país, como Caçapava no Estado de São Paulo. Lá e em vários outros destacamentos militares brasileiros se depararam com a falta de estrutura do Exército Brasileiro para recebê-los, o que causou revolta e reclamações por parte de muitos conscritos. Tudo foi montado às pressas. As desconfortáveis e pulgentas barracas descritas por vários depoentes é o reflexo dessa falta de organização e estrutura das Forças Armadas brasileiras naquele período. A comida, rejeitada por muitos, a deficiência dos armamentos frente às armas alemãs e americanas, a instrução precária, e a própria falta de água potável em guarnições como Fernando de Noronha refletem as dificuldades e reclamações presentes na maioria dos depoimentos.²⁰⁰

Apesar de longe, num ambiente totalmente estranho e hostil percebemos que o desejo de voltar para casa, o seu espaço natal, e rever a família persistiu durante toda a estadia nas Forças Armadas. Norberto Gomes lembra da insistência em pedir baixa e voltar pra casa: “‘... *mas rapaz, são 18 meses sem ir em casa...*’ Então nós demos baixa, lá em Caçapava, no dia 31 de março de 1945. Daí fomos para o Rio esperar transporte para Natal.”²⁰¹. Pedro Silvino fala do apego ao lar materno ao dizer que “*Quando nós fomos [para a Guerra] era uma tristeza só, porque nós podemos ser pobres como for, mas nada melhor do que a casa dos pais.*”²⁰². No geral as lembranças remetem a períodos de angústia e sofrimento diante do grande desafio de, pela primeira vez, deixarem seus lares maternos rumo ao desconhecido. Hoje, no lugar de ex-combatente, o discurso generalizado é de que valeu tudo à pena, diante da experiência e, principalmente, dos proventos recebidos desde a década de 1980.

¹⁹⁹ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

²⁰⁰ Para conhecimento do quadro militar da ilha de Fernando de Noronha ver MAXIMIANO, op. cit. p. 78.

²⁰¹ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

²⁰² Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

3.2. Lembranças da caserna

Durante a Segunda Guerra Mundial o Exército Brasileiro montou um verdadeiro escudo de proteção ao longo do litoral brasileiro. Como mostrado no primeiro capítulo, as autoridades brasileiras passaram a temer ataques e até mesmo uma iminente invasão da costa brasileira por um “inimigo extracontinental”, no caso, a Alemanha nazista. Se não conhecemos evidências históricas que mostrem essa real intenção de invasão por parte dos nazistas, pelo menos temos evidências de maciça atuação de seus agentes secretos nesse mesmo litoral, ponto estratégico na Guerra, que despertava interesse de países envolvidos devido a sua posição geográfica e pelo fato de fazer parte de rotas de navios mercantes aliados, sobretudo norte-americanos, canadenses e ingleses que constantemente passavam pelos nossos portos.

Documentos secretos das Forças Armadas naquele período, encontrados no CPDOC-FGV, nos mostram essa preocupação do Exército Brasileiro com a proteção do litoral nordestino ainda em setembro de 1941, quatro meses antes de o Brasil romper relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, em virtude da importância e vulnerabilidade daquele espaço. Abaixo exporemos alguns trechos do “*Plano de Defesa do Exército do Nordeste*” enviado ao ministro da guerra, general Zenóbio da Costa, para entendermos como foi montado esse cenário no qual foram inseridos os pracinhas paralhenses objeto deste estudo, a ênfase dada pelo governo brasileiro à defesa desse território (que de fato foi agredido) e a importância da missão à qual foram submetidos. O documento será transcrito na íntegra com expressões e ortografia da época para melhor contextualização:

EXÉRCITO DO NORDESTE P. C. em RECIFE, 1/IX/1941

SECRETO

PLANO DE DEFESA DO EXÉRCITO DO NORDESTE

I – Possibilidades de um inimigo extra-continental

Um inimigo extra-continental, neutralizando as resistências ou se apoderando de Fernando de Noronha ou Roca, tem possibilidades de efetuar desembarque em toda a costa particularmente a partir de PAPARI para o N. e de atacar NATAL e RECIFE, simultânea ou sucessivamente, combinando essas ações em força com demonstrações em MACEIÓ e Cabedelo, tentando, mesmo efetuar desembarques nessas regiões.

É possível que, após conquistar uma cabeça de ponte, procure progredir para W., visando apoderar-se de CAMPINA GRANDE e GARANHUNS.

Tudo leva a crer que, pelo menos inicialmente, não poderá levar sua penetração além desses pontos.

II – Idéia de manobra

a) Inicialmente o Ex. opor-se-á aos desembarques inimigos, mediante forte defesa nas regiões de:

- NATAL
- RECIFE
- CABEDELO
- MACEIÓ.

b) Ficará em condições de, em curto prazo, repelir suas tentativas de desembarque em qualquer outra região.

c) Estará pronto a expulsá-lo em qualquer ponto em que tome pé, particularmente nas regiões citadas em a.

[...]

IV – Missões

b) 6º C. Ex.:

1) Estabelecer fortes núcleos de defesa nas regiões de:

- CABEDELO
- NATAL

Particularmente nesta última, opondo-se desde logo a que o inimigo nelas tome pé.

2) Exercer ativa vigilância no restante do litoral.

3) Caso o inimigo consiga desembarcar, impedir a todo custo que ele atinja a linha geral ITABAIANA – MAMANGUAPE – MACAIBA.

4) Contra-atacar, seja com seus próprios elementos, seja com elementos fornecidos pelo Ex., o inimigo, a fim de expulsá-lo do território nacional, principalmente nas regiões de:

- NATAL
- CABEDELO

[...]

V – Informações necessárias

a) O inimigo ataca FERNANDO DE NORONHA e ROCAS?

Qual o resultado desse ataque?

b) O inimigo se encaminha para a costa?

Para onde parece se orientar? NATAL ou RECIFE?

c) O inimigo tenta desembarcar? Onde?

Qual o resultado dessa tentativa?

d) O inimigo progride para W.? Que linhas atingiu?

(a) – Gen. Z.

Esse documento faz menção à região que constitui o Saliente Nordestino, cuja responsabilidade cabia a 7ª Região Militar sediada em Recife-PE. Faziam parte desse espaço os Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas cujos litorais formavam uma espécie de arco, cuja extremidade situava-se nas cidades de Tibau-RN (divisa com o Estado do Ceará), ao norte, e a foz do Rio São Francisco (entre Alagoas e Sergipe), ao Sul. Todo esse litoral foi equipado com *Companhias Militares*²⁰⁴, *Pelotões*²⁰⁵, *Grupos de Combate*²⁰⁶ e *Peças de Metralhadora*²⁰⁷. “Para abrigar essas unidades foi construído com grande sucesso um novo tipo de quartel chamado à época de ‘emergenciais’, para resolver com presteza o aquartelamento das novas unidades militares...”²⁰⁸. Como exposto anteriormente, esses lugares eram de grande rusticidade, construção rápida e de baixo custo de manutenção. Eram compostos por prédios militares básicos como refeitórios, paióis, sala de comando e almoxarifados. Como o número de militares que a eles chegava oriundos de vários lugares do país era crescente, não havia alojamento suficiente para todos e os soldados tinham que se alojar em barracas de lonas desconfortáveis ao redor dos quartéis.

Interessante percebermos uma verdadeira miscelânea de culturas e raças nesses quartéis do litoral nordestino, fato que certamente deve ter causado estranhamento e conflitos entre seus efetivos. Ao longo dos depoimentos essa difícil convivência e estranhamento são perceptíveis, como nas palavras de José Matias ao dizer que na noite em que vestiu a farda pela primeira vez “*peguei um sargento infeliz de ruim que passou a me marcar sem eu ofender o cachorro da moléstia. Ele queria que eu lhe desse 50 mil réis, mas eu não dei, aí ele ficou com raiva.*”²⁰⁹.

Outro fato interessante nas lembranças referentes ao espaço da caserna é o convívio e a relação com militares estrangeiros, sobretudo norte-americanos que serviam nas bases do Nordeste brasileiro. Miguel Soares lembra que “*Tinha muitos*

²⁰³ Trechos do plano de defesa da região nordeste, 1941. Recife (PE). (CPDOC/ UCi gm1941.09.01)

²⁰⁴ *Companhia* é uma subunidade militar do Exército comandada por um capitão e composta por um efetivo de 200 homens. Cada companhia é composta por quatro pelotões e de, no mínimo, uma seção de comando.

²⁰⁵ *Pelotão* é uma fração de subunidade militar composta por um tenente que comanda cerca de 40 homens. Cada pelotão possui três grupos de combate.

²⁰⁶ *Grupo de Combate* é uma fração do Pelotão. É comandada por um sargento e possui de 9 a 10 homens.

²⁰⁷ *Peças de Metralhadora* são armas pesadas fixas no solo comandadas por 4 ou 5 homens.

²⁰⁸ SOUZA, Gueison Batista de. **Um outro lado da Guerra: um estudo sobre a presença do Exército Brasileiro na costa do Rio Grande do Norte durante a 2ª Guerra Mundial**. Monografia. UFRN, 2005.

²⁰⁹ José Matias da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 16-02-2008.

*estrangeiros que falavam com a gente, mas a gente não entendia nada. Tinha demais [...] Tinha muito americano. Eu não sabia nem o que fazer quando eles falavam.”*²¹⁰. Outro que lembra do relacionamento difícil com os americanos é Ovídio Diniz ao dizer que “*Chegou um ‘galegão’ em um carro diferente e perguntou meu nome, número e companhia. Eu disse tudo e ele ficou me observando; era um capitão americano e eu não entendia o que ele falava.”*²¹¹. Pesquisadores que estudam o relacionamento entre brasileiros e norte-americanos no período da Segunda Guerra Mundial em Natal, como a professora Flávia Pedreira, alegam que nem sempre a convivência entre esses povos era amistosa, mas conflitos isolados existiam pelos mais diversos motivos. Eram “pequenos episódios de confronto entre potiguares e gringos em bares, casas noturnas e nas pensões alegres da zona do meretrício, como nos espaços da brincadeira carnavalesca questionada naqueles anos.”²¹².

Como dito para as bases do Nordeste afluíram não só estrangeiros, mas militares de várias partes do país. Com o litoral infestado de submarinos alemães a travessia oceânica tornara-se bastante perigosa, até por que centenas de militares já haviam perdido suas vidas pelos torpedamentos de seus navios. A solução encontrada pelo governo para diminuir os prejuízos e mortes foi o traçado de uma rota alternativa através do rio São Francisco. O grosso das armas e infra-estrutura do Exército Brasileiro encontrava-se no Rio de Janeiro e o transporte de todo esse arsenal para guarnição do Nordeste era de fundamental importância para o sucesso do esforço de guerra brasileiro. Em virtude disso foram construídas estradas e embarcações que proporcionassem rapidez e segurança nas viagens, bem como a melhoria da infra-estrutura de algumas cidades ribeirinhas que serviriam de base para tamanha jornada. Segundo SOUZA (2005, p. 27), “... o envio de tropas do Sul e Sudeste do país para o teatro de operações do Nordeste, iniciou-se em setembro de 1942...”. Esse mesmo historiador ao falar dessas longas jornadas pelo sertão brasileiro em busca das capitais nordestinas e do perigo que os pracinhas praieiros corriam diz que:

“Outro exemplo de extraordinário deslocamento efetuado por unidade do Exército para atender ao imperativo da mobilização do Nordeste do país tem o III/5º Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria, que partindo do Rio de Janeiro, chegou a Ponta Negra em Natal,

²¹⁰ Miguel Soares de Azevedo. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 02-02-2008.

²¹¹ Ovídio Alves Diniz. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 25-01-2004.

²¹² PEDREIRA, Flávia de Sá. **Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal – 1920-1945**. EDUFRN, 2005, p. 13.

depois de uma viagem de quase três meses pelo sertão, transportando todo o material e efetivo por precária rede de rodovias.”

“Também a triste história do 7º GADÔ, deixa claro um fato que pouco foi abordado pelos historiadores, o de que os militares brasileiros, que não foram à Europa lutarem na FEB, ao serem convocados e mobilizados para serem combatentes do litoral, e cumprindo com seu dever de servir à Nação brasileira, foram vítimas das armas do inimigo e perderam suas vidas em território nacional, tendo como principal missão a defesa da soberania do Brasil.”²¹³.

Enquanto muitos militares do Sul e Sudeste do país chegavam às capitais nordestinas, outros faziam o caminho inverso. Muitos de nossos entrevistados arriscaram a vida a bordo dos navios de transporte para servirem em destacamentos do sudeste do Brasil, especialmente Caçapava, para onde foram Norberto Gomes e Pedro Silvino, ambos no mesmo navio. Detalhes da perigosa viagem já foram expostos no capítulo anterior, o que nos interessa diretamente aqui é a construção do espaço-caserna através das lembranças dos depoentes e as principais experiências por eles vivenciadas na guarda do litoral brasileiro, um espaço estranho e totalmente adverso se comparado à sua terra natal. Pedro Silvino alega que se apresentou em Natal e passou 12 meses em barracas de lona no quartel. Após esse período foi alojado num navio e “*não sabia para onde ia. Nesses doze meses de barraca em todos os dias tinha instrução. O ruim era tirar serviço de noite. Agora, lá em Caçapava eu não tirava não, porque fazia os mandados para o tenente.*”²¹⁴. Norberto Gomes fala em Caçapava várias vezes em seu depoimento. Os fatos que mais marcaram os pracinhas parelhenses, de uma maneira geral, naquele lugar foram a pesada instrução ministrada pelos oficiais em preparação para a Guerra e a alimentação escassa e mal preparada. Em seu depoimento Gomes lembra que:

“A fome era grande! Quando acabava estávamos com muito mais fome que antes. Quando eram duas horas da tarde tocava a corneta e ia para aquela garagem alimpar os mosquetões... Limpar carro... Aí de cinco horas tocava o ‘fora de forma’ para a gente ir tomar banho e ir jantar. Mas passei uma fome danada no Exército. Mas eu ia de novo. Por que era obrigado. O cara que é expedicionário, conhece o Exército, as leis... Ser convocado e não se apresentar...”²¹⁵.

²¹³ SOUZA, op. cit. p. 27.

²¹⁴ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

²¹⁵ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

Todos os depoentes falam da instrução e da dificuldade enfrentada em se adaptar física e psicologicamente a dura rotina de exercícios. Ovídio Diniz diz que *“Lá no quartel, onde passei 2 anos, a vida era puxada, tinha muitos superiores chatos que nos mandavam fazer várias coisas. O treinamento de manhã era instrução de guerra no mato, das 7 às 11h correndo, treinando... Às 12h tinha ordem unida.”*²¹⁶. José Cândido lembra que *“após a chegada ao Rio de Janeiro fui levado ao depósito da FEB, onde saía para treinamentos de guerra, o que se baseava principalmente em aprender a utilizar armas, como também a jogar granadas.”*²¹⁷. José Barbosa é o depoente que nos traz maiores detalhes sobre o dia-a-dia no quartel e a rotina puxada de exercícios, Seu depoimento é preciso e lúcido e alguns episódios narrados, como a péssima alimentação e a demora no recebimento do uniforme, são condizentes com as lembranças de outros pracinhas:

“Apresentei-me ao Exército e fui enviado ao quartel. Durante três meses eu passei por uma preparação física, ainda sem ter recebido farda. Essa preparação baseava-se em saber cair, levantar e trabalhar toda a forma física.”

“Após esses três meses, recebi a farda de soldado e passei as instruções de tiro, ou seja, a preparação para a Guerra. Esses treinamentos tinham a seguinte rotina: acordava às 4 horas da manhã, ao som da corneta; tomava café preto com pão, em seguida algumas orientações e às 8 horas ia para o morro em Areia Preta, onde recebia instruções; como subir em canos, exercícios com cordas, saltos e outros. Às 10 horas retornava ao quartel, tomava banho e almoçava uma comida fraca e pouca que era para não engordar.”

*“Logo após o almoço recebia mais instrução e retornava para o morro para novos treinamentos. Às 21 horas os soldados eram passados em revista e nenhum poderia mais se ausentar do quartel.”*²¹⁸.

Ao longo dos depoimentos as lembranças referentes à instrução recebida nos quartéis ganham destaque. O pracinha entrevistado aparenta querer deixar bem claro o esforço e sofrimento passado naquele “lugar de sacrifícios”, de vida dura. Sua preparação física para a Guerra certamente acabou sendo facilitada pela rotina de trabalho duro em sua terra natal, seja na agricultura ou nas longas caminhadas a pé pela falta de transportes adequados; em suma, nenhum desses homens parece ter tido uma vida sedentária em seus lares maternos, até por que sua condição social não os permitia.

²¹⁶ Ovídio Alves Diniz. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 25-01-2004.

²¹⁷ José Cândido dos Santos. Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

²¹⁸ José Barbosa Sousa. Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

Seus corpos magros e com baixos índices de gordura, devido à alimentação regrada em suas casas e a falta de conforto das mesmas certamente facilitaram sua melhor adaptação à rotina de exercícios e ao desconforto dos dormitórios em barracas. A maioria dos depoentes alega boa alimentação em suas casas antes da Guerra, apesar de regrada, ou seja, pouco diversificada; e deficiência na alimentação do quartel. Pelo menos Pedro Silvino e Norberto Gomes alegam que passaram fome na caserna. Ao contrário destes, Ovídio Diniz elogiou a comida no quartel. O mesmo alega ter ganhado peso naquele período.

Essas lembranças do ambiente da caserna se mostram lúcidas e ricas em detalhes. Personagens como superiores hierárquicos, colegas e mesmo conterrâneos são citados com destaque pelos depoentes, estão vivos nas lembranças. O momento da chegada ao quartel e o primeiro impacto sentido com o novo espaço de convívio são narrados com atenção pelos mesmos para destacar o estranhamento sentido, bem como o desconforto e dificuldade de adaptação em um ambiente hostil. Para os pracinhas a caserna representa sacrifício, medo, angústia, aborrecimento, privações, dentre outros sentimentos e sensações perceptíveis nos relatos. Em contrapartida, também a vêm como um espaço de modernidade, de amadurecimento, de respeito e de civismo. Se a época do serviço militar é lembrada como um período de sacrifícios quando se colocam na década de 1940, ou seja, quando relembram as sensações que sentiram naquela época; também é lembrada com orgulho pelo cumprimento do dever com a pátria quando se colocam nos dias atuais, como ex-combatentes. A experiência no *front* interno não deixa de ser valorizada por seus protagonistas através de expressões que denotam acima de tudo sacrifício pela pátria agredida.

Outra passagem digna de destaque na maioria dos depoimentos coletados diz respeito à certa frustração pela não seleção para compor as fileiras da FEB na Itália. Novamente esse é um ponto de concordância entre os entrevistados, pois todos alegam o mesmo sentimento ao falarem da FEB, como se o fato de terem permanecido na guarnição do litoral brasileiro fosse ofuscado pela aventura do combate no *front* europeu. Curiosamente a maioria dos entrevistados ao falarem na seleção dos expedicionários alega estar doente naquele período o que ocasionou a dispensa da referida tropa. Esse foi o caso de Pedro Silvino que diz que “*Eles escolhiam quem ia para a Itália pela cara. Na noite que escolheram eu estava no hospital doente com*

*umas coceiras que apareceram.”*²¹⁹. Uma doença que provoca muitas coceiras também é relatada por Miguel Soares como empecilho ao seu embarque para a Itália: *“Não fazia nadinha no quartel, ficava de contingência esperando para embarcar no próximo contingente, mas peguei bexiga e quase que morro. Se você vê, eu sou todo pelado ainda. Fiquei no hospital e a pele largou todinha. Passava uma pomada vermelha.”*²²⁰. Já José Barbosa diz que seu *“grande sonho era ter ido à Itália, pois tinha vontade de conhecer o mundo, o que não aconteceu, pois fui reprovado nos exames médicos, devido a uma gripe forte que me acometeu.”*²²¹. Doenças contagiosas como gripe e “bexiga”²²² deveriam se alastrar rapidamente num ambiente insalubre e superlotado como um quartel do Exército durante a Segunda Guerra. Muitos entrevistados alegaram tais doenças. Em 2001, na época em que servíamos a Força Aérea Brasileira, um surto de rubéola se alastrou rapidamente entre o efetivo do quartel, ocasionando muitas baixas, inclusive a minha.

Os relatos sobre a seleção para a FEB são muito semelhantes. Segundo os depoentes, a tropa era posta em forma no pátio do quartel, onde era perguntado aos soldados se gostariam de compor a referida força. Os que não se manifestavam a favor, como voluntários, eram selecionados de acordo com aparência física e estado de saúde. Pedro Silvino lembra de uma formatura (reunião da tropa) ao final da tarde quando *“Deram um aviso: Quem quiser ir para a Itália saia fora de forma. No meu pelotão saíram um bocado de soldados que queriam ir, o resto eles saíram tirando. Tinha cara que começava a chorar logo lá, com medo.”*²²³. Segundo MAXIMIANO (2004, P. 67):

“Não só a proficiência no manejo de armamentos era fator de escolha para a função de infante. Na seleção do pessoal de infantaria da FEB, os soldados eram classificados de acordo com sua ‘biotipologia’: o padrão de escolha para as funções dos soldados era fisionômico, que estereotipava grosseiramente os convocados. Portanto, segundo os critérios seletivos militares, o biótipo mais adequado à função de infante era o ‘normotipo’ ou ‘mixotipo estênico’, dotado de grande força muscular e resistente à fadiga - é tônico, é muscular e é sanguíneo; produz trabalho intenso, lento e de larga duração; é fracamente emotivo, mas de pensamento pouco veloz.”

²¹⁹ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

²²⁰ Miguel Soares de Azevedo. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 02-02-2008.

²²¹ José Barbosa Sousa. Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

²²² Bexiga é o nome popular dado a varíola em algumas regiões do Brasil segundo o dicionário Aulete.

²²³ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

Essa classificação estereotipada dos expedicionários dispensou muitos soldados das regiões Norte e Nordeste do Brasil, em especial a maioria dos parhenses que, por doença ou preconceito, deixaram de embarcar para a Itália. MAXIMIANO (2004, p. 68) chega a afirmar que os soldados das regiões Sul e Sudeste do Brasil chegavam a representar 83,6 % dos selecionados para a FEB, devido as suas melhores condições de saúde e pela preferência por indivíduos de áreas de colonização européia, fazendo com que a tropa enviada ao exterior tivesse uma aparência predominantemente caucasiana. Esse autor ainda expõe que os contingentes das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste “chegaram à Itália meses após o desembarque dos regimentos de infantaria e compuseram principalmente os 3º e 4º escalões, que forneciam os homens para recompletar as baixas ocorridas em combate.” Essa passagem é confirmada Por alguns entrevistados para este trabalho que alegam ficarem esperando embarque nesses escalões, embora a maioria não tenha ido. Miguel Soares diz que “*De lá fui para Recife, mas a FEB já tinha embarcado, aí fiquei lá em Recife esperando outro contingente (da FEB), 3º escalão.*”²²⁴. FERRAZ (2003, p. 82) é outro historiador que fala da predileção estereotipada por soldados das regiões Sul e Sudeste para comporem as fileiras da FEB. Segundo ele, “os componentes dessa divisão (Nordeste) não preenchiam os requisitos de alfabetização e adequação física para uma tropa expedicionária, segundo os padrões exigidos.”

Essa desconfiança em relação à capacidade do soldado nordestino misturada ao alto índice de reprovação nos testes médicos e físicos abrangeu até mesmo as unidades que guarneceram o litoral da própria região Nordeste, que recebeu efetivos de outras regiões do país tendo em vista que o Exército não considerava o efetivo nordestino, por si só, capacitado para a defesa de um espaço tão importante do ponto de vista estratégico para os Aliados. Sobre esse enorme reforço de homens e equipamentos do Sul-Sudeste FERRAZ (2001, p. 82) tece o seguinte comentário:

“Ao invés de serem escolhidas unidades componentes da divisão de infantaria já existente no Nordeste, com o melhor aparelhamento e treinamento das forças brasileiras, foram chamadas unidades de quatro regiões militares diferentes (1ª, 2ª, 4ª e 9ª regiões militares, correspondentes ao Distrito Federal e aos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso). Uma das razões para tal procedimento foi o receio do Ministério da Guerra em deixar o Nordeste sem a proteção que considerava adequada, enquanto submarinos alemães podiam rodear seu litoral, e os americanos ainda

²²⁴ Miguel Soares de Azevedo. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 02-02-2008.

estivessem em grande número nas bases da região [...] Os resultados das seleções iniciais indicavam que apenas aquelas regiões não conseguiriam fornecer todos os homens do Corpo de Exército planejado, pois muitos eram os reprovados por insuficiência física, doenças crônicas ou analfabetismo.”

O grande número de soldados de outras regiões do país, mesmo nas bases nordestinas, é lembrado em depoimentos como o de Miguel Soares ao dizer que no seu quartel, próximo à Praça Pedro Velho, encontrou “*alguns conterrâneos e observei ainda que os tenentes daquela unidade em maioria eram cariocas.*”²²⁵. Esse era o ambiente freqüentado pelos pracinhas parselenses naquele período, como exposto, uma verdadeira miscelânea de culturas e raças, que de certo contribuiu para uma melhor e mais ampla visão e compreensão de mundo por parte daqueles jovens sertanejos. Jovens esses que pouco ou nunca tinham saído de seu espaço natal agora se viam num espaço estranho e desconfortável, cercados por estrangeiros, aparatos militares e muita saudade de casa, tanto é que voltaram para seus lares na primeira oportunidade que tiveram, por opção própria ou por serem dispensados pelo Exército próximo ao fim da Guerra. Esse processo de desmobilização trouxe conseqüências físicas e psicológicas, depois dessa experiência na guarnição do litoral restava agora tentar retomar a vida simples de outrora no campo.

²²⁵ Ibd.

3.3. O fim da Guerra, a desmobilização e a volta para casa

Para muitas pessoas a Segunda Guerra Mundial acabou no dia 8 de maio de 1945 quando o almirante alemão Karl Dönitz, no cargo de chefe de Estado, assinou um armistício provisório onde eram definidos os termos da rendição incondicional de seu país aos Aliados. Os próprios ex-combatentes entrevistados para este trabalho assim o pensam, como Pedro Silvino. Para ele “*ela durou cinco anos e uma coisinha, começou em 39 [1939] e acabou em cinco de maio de 45 [1945].*”²²⁶. Hoje em dia a maioria dos historiadores, como Eric Hobsbawm, afirma que essa Guerra teve fim no dia 14 de agosto de 1945 com a rendição incondicional do Japão e o fim da Guerra no Pacífico,²²⁷ apesar de que somente no dia 2 de setembro daquele ano haver um fim formal, com a assinatura da rendição oficial do Japão a bordo do couraçado norte-americano Missouri.

Os principais países envolvidos nesse conflito, já tinham experiências anteriores de uso massivo de soldados conscritos em guerras há mais de um século. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos e as potências bélicas européias tiveram que compreender que existiam deveres e obrigações recíprocos entre o Estado e os soldados que defenderam a “mãe pátria”. Essa compreensão não foi fácil, demorou muitos anos. Com o aparecimento da guerra moderna e a utilização de milhões de soldados, seu retorno à vida civil ganhou ares dramáticos, especialmente após esse primeiro conflito mundial. O descaso do Estado em relação aos veteranos de guerra, fez com que estes se unissem em associações de ex-combatentes compostas por milhões de membros que se tornaram uma força política e social expressiva em seus países. Esses homens lutavam por melhorias individuais, principalmente financeira, e maior participação nas políticas públicas do Estado, tendo em vista que haviam defendido sua pátria com sacrifício do próprio sangue. Segundo FERRAZ (2003, p. 181):

“Cresceu também a pressão para que os benefícios e/ou indenizações fossem extensivos a todos os combatentes, implicando, além de pensões pecuniárias, programas mais consistentes de reintegração social. Como principal consequência, a Segunda Guerra Mundial mal havia começado, e os governos das principais nações beligerantes já estavam planejando o que fazer, no futuro, com as massas de cidadãos-soldados transformados em ex-combatentes.”

²²⁶ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

²²⁷ HOBBSAWM, op. cit. p. 30.

O Brasil, ao contrário dos principais países beligerantes da Segunda Guerra Mundial, apenas possuía uma única e desastrosa experiência de reintegração de soldados à vida social. Acontecera na maior guerra externa na qual se envolvera até então: a Guerra do Paraguai. Essa guerra inaugurou a conscrição universal no país. Pela primeira vez cidadãos civis haviam sido convocados em massa para defender sua pátria num conflito externo. Com a grande dificuldade em encontrar cidadãos-livres para compor suas tropas, o governo criou os “Voluntários da Pátria” em 1865. Para estimular o alistamento:

“O Império prometia compensações para o fim da guerra, como pensões especiais para veteranos incapacitados e aos herdeiros dos mortos, além de terras para todos os combatentes. Com efeito, pelo Decreto do Governo Imperial Nº 3.371, de 7 de novembro de 1865, o indivíduo que constituiria os “Voluntários da Pátria” teria direito, após o fim dos combates, a uma gratificação quando desse baixa, “e um prazo de terras de 22.500 braças quadradas nas colônias militares ou agrícolas”; caso tombasse em combate, ou em consequência de ferimentos nela recebidos, ou ficasse incapacitado, sua família receberia pensão equivalente a meio soldo (mortos) ou soldo dobrado (incapacitados)”²²⁸

Quando o conflito foi encerrado muito pouco foi feito pelos veteranos daquela Guerra. Em 1914, um levantamento do Ministério da Guerra do Brasil concluiu que, dos mais de 69 mil “Voluntários da Pátria”, apenas 3648 obtiveram algum benefício ou reparação do governo. A imensa dívida do governo Imperial para custear a Guerra acabou exaurindo os cofres públicos e milhares de pensões para viúvas, órfãos e ex-combatentes mutilados deixaram de ser pagas. As províncias nunca enviaram a relação das terras públicas disponíveis para doação aos ex-combatentes e as poucas que foram disponibilizadas pela união eram em lugares tão distantes e inacessíveis que inviabilizavam qualquer empreendimento rural. Até mesmo a preferência em cargos públicos, que por lei deveria ser dada aos “Voluntários da Pátria”, jamais foi concedida, o que levou a grande maioria desses veteranos a morrerem sem emprego e na miséria. Além disso, esse grupo passou a ser estigmatizado como loucos, desordeiros, agressivos, viciados ou vagabundos, uma péssima imagem atribuída em decorrência de traumas e distúrbios contraídos no ambiente insalubre da Guerra.²²⁹

²²⁸ Cf. MELLO, Legislação..., p. 5-6; BEATTIE, The tribute of..., p. 39; SODRÉ, História Militar... p. 143. In FERRAZ, op. cit. p. 179.

²²⁹ FERRAZ, op. cit. p. 197-180.

Todo esse quadro de desorganização e despreparo do Estado durante a Guerra do Paraguai continuou a existir nas guerras subseqüentes em que o país se envolveu, especialmente no segundo conflito mundial onde sua participação foi mais ativa. Em 1940 o Exército Brasileiro ainda mantinha o mesmo “espírito de Caxias” do século passado, ou seja, burocrático, racista, com uma hierarquia rígida, separação de castas e oficiais elitizados, filhos das classes mais favorecidas da sociedade. Como na Guerra do Paraguai, várias promessas e decretos-Lei foram feitos na década de 1940 para garantir uma segura reinserção dos convocados na sociedade após a Guerra.²³⁰ Assim, muitos convocados partiram para a Guerra confiantes de que suas famílias e eles próprios estariam amparados pelo Estado caso algum mal lhes acontecesse. Mal sabiam que o governo brasileiro, a exemplo da Guerra do Paraguai, muito pouco ou quase nada havia planejado para seu futuro após o atual conflito e sua reintegração na sociedade civil seria muito mais difícil do que imaginavam.

Como analisado em capítulos anteriores, esses jovens conscritos foram tirados de seus lares maternos, muitos pela primeira vez na vida, e tiveram que se adequar a uma mudança abrupta de vida e, principalmente, de espaço, o que gerou estranhamento, desconforto e traumas. Se o governo brasileiro não estava preparado adequadamente para receber uma massa tão grande de conscritos em suas Forças Armadas, muito menos sabia o que fazer com ela ao fim da Guerra. Enquanto nações européias já planejavam no início da Guerra como lidar com seus soldados após findo o conflito, o Brasil nada fez de concreto até 1945. Pelos relatos dos veteranos parelhenses a única benevolência do governo para com eles após a desmobilização foi o transporte até seus lugares de origem e nada mais. Ovídio Diniz lembra que “*Depois do Rio eles queriam nos deixar em casa. Comprei um jipe por 4000 contos no Rio, o comandante não queria que eu ficasse mesmo no Rio, me mandou vendê-lo, pois não o traria, queria nos deixar em casa, fazendo escala nas capitais nordestinas.*”²³¹. O relato de Diniz deixa muito claro a estratégia do governo brasileiro de rápida desmobilização e dispersão dos soldados pelo país, pois se temia que um contingente tão grande de brasileiros que lutaram contra ditaduras européias apresentasse forte ameaça ao governo autoritário então vigente no Brasil. O fato de não existir um projeto de reinserção social

²³⁰ Exemplo disso são o Decretos-Lei Nº 4.548 de 4 de agosto de 1942 que regula a situação do pessoal convocado e dá outras providências; e o Decreto-Lei Nº 4.902 de 31 de outubro de 1942 que dispõe sobre a garantia de lugar e sobre a remuneração dos brasileiros convocados para qualquer encargo de natureza militar.

²³¹ Ovídio Alves Diniz. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 25-01-2004.

desses jovens após a Guerra, foi agravado pelo rápido planejamento de desmobilização mesmo antes do fim desta, em maio de 1945.²³²

Os depoimentos coletados deixam transparecer que mesmo antes de terminado oficialmente o conflito, já se falava em desmobilização nos quartéis do Brasil. Norberto Gomes lembra a data precisa de sua baixa do Exército Brasileiro, ainda em seu quartel na cidade de Caçapava, interior de São Paulo. Seu relato conta que ele e alguns colegas deram “*baixa, lá em Caçapava, no dia 31 de março de 1945. Aí fomos para o Rio esperar transporte para Natal.*”²³³. Segundo este depoente um sargento e um capitão ainda insistiram para que ele ficasse no Exército, mas a saudade de casa e de seus familiares foi determinante para a tomada de decisão.

Apesar de alguns autores como FERRAZ (2003, p. 111) falarem do processo de desmobilização em grande proporção empreendido pelo Exército, principalmente em relação aos expedicionários da FEB, mas que também abrangeu os praiheiros, a fala de Gomes nos mostra que houve exceções, ou seja, alguns dos soldados parelhenses tiveram oportunidade de permanecer nas fileiras do Exército. Miguel Soares é outro que deixa transparecer o desligamento do Exército por sua própria opção e não por dispensa ao afirmar que deu “*baixa, em vez de ter engajado mais. Perdi a chance de ir para polícia, entrar como cabo. Podia ter trabalhado lá, estava tudo pronto e vim embora.*”²³⁴. Talvez as “boas amizades” feitas no decorrer da vida militar tenham influenciado as propostas para permanecer na vida militar, tendo em vista que muitos deles alegam ótimo relacionamento com alguns oficiais como o próprio Soares que falou de um tenente que era “muito seu amigo”.

A maioria dos depoentes diz ter deixado as Forças Armadas e voltado para sua terra natal, mas não explicita bem como isso se deu. Talvez essa omissão de detalhes explique certo constrangimento em falar de possíveis dispensas, tendo em vista que a vida militar representava um progresso pessoal, como exposto, para jovens sem nenhuma perspectiva de vida, e a volta para casa na condição de dispensado, possivelmente tornara-se um fato constrangedor, um fracasso ou um retrocesso à vida humilde e sem perspectivas de antes. Esse quadro é percebido até hoje na cidade, onde jovens deixam seus lares cobertos pela expectativa da família rumo às Forças Armadas em busca de ascensão social e muitas vezes são dispensados após um ano de serviço por

²³² FERRAZ, op, cit. p. 111.

²³³ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

²³⁴ Miguel Soares de Azevedo. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 02-02-2008.

não conseguirem engajamento, voltando frustrados ao seu meio social e às atividades profissionais de antes.

Esse retorno ao meio social de origem é descrito pelos depoentes de duas maneiras: a maioria diz ter optado pela baixa por saudade da família ou por falta de adaptação à vida militar; enquanto que outros dizem querer permanecer nas Forças Armadas após a Guerra, mas acabaram sendo dispensados e por falta de opção profissional tiveram que regressar a seus lares. O primeiro caso é perceptível nos depoimentos de Norberto Gomes e Pedro Silvino. Ambos deixaram Parelhas rumo à Natal e de lá partiram para Caçapava, onde permaneceram pouco mais de um ano. O primeiro diz que os “*18 meses sem ir em casa*”²³⁵ pesaram muito na sua decisão de pedir baixa, enquanto Silvino deixa transparecer ao longo de todo seu depoimento as dificuldades de adaptação que enfrentou no Exército e sua conseqüente insatisfação com a vida militar, o que justificou seu desligamento e o retorno à terra natal. Quanto aos que gostariam de ter permanecido mais tempo no Exército, encontramos o caso de Ovídio Diniz que tentou de várias formas seguir carreira militar. Entre os entrevistados este pracinha parece ser o que melhor se adaptou a vida militar, tanto é que se esforçou consideravelmente para voltar a exercer essa profissão ou pelo menos auferir alguma vantagem frente à falta de emprego em sua terra natal no regresso à vida civil. Diniz nos conta que:

“Quería voltar para o Exército, queria um emprego, estava revoltado, eu tinha direito.”

“Fui à Natal, fiz uma choradeira e pedi um emprego nem que fosse para matar gente. Às 7 h falei com ele [o major], a situação era difícil. Ele falou: ‘Se você fosse doido...’ Mas eu tinha direito. ‘Amanhã às 7 h vou fazer uma ficha para você se consultar com a psiquiatra, se você passar por ela na inspeção, recebe dinheiro. Se faça de doido’. Eu perguntei se não poderia ser preso, ele me disse que os ex-combatentes podiam virar a cadeia pelo avesso. Eu tentei impressioná-la [a psiquiatra]. De manhã fui lá com um sargento. ‘Só entre se ela te chamar’ disse o sargento. Ela estava sentada no birô e eu fiquei sentado esperando por duas horas. Estava imaginando fazer tudo. Ela me chamou e eu meti os pés na porta, bravo e gritando: ‘eu quero saber se vou embora hoje’. Depois veio um ofício descrevendo meu mau comportamento. Ela disse que eu estava fingindo, mas meu chefe me defendeu, disse que quem voltava da guerra não tinha juízo certo. Ela me deu um atestado e eu fiquei na boa recebendo 30 mil réis. Era muito dinheiro na época. Fiquei licenciado como doido, ‘seqüelado’. A situação só melhorou há pouco tempo.”²³⁶

²³⁵ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

²³⁶ Ovídio Alves Diniz. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 25-01-2004.

O caso de Ovídio Diniz é muito raro entre os ex-combatentes brasileiros, pois ele foi um dos poucos a conseguir algum tipo de benefício logo após a Guerra. A grande maioria desses homens foi literalmente abandonada pelo governo brasileiro sem nenhum amparo financeiro ou médico. Muitos voltaram para casa na condição de dispensados pelas Forças Armadas, sem emprego, traumatizados, mutilados ou com graves problemas psicológicos. Os praieiros sofreram uma desmobilização bastante discreta e silenciosa, não encontrando festas ou comemorações de boas vindas ou agradecimentos das autoridades e do povo por seus serviços prestados. Somente os soldados da FEB foram recebidos com muita festa ao desembarcarem no Rio de Janeiro. Ao voltarem aos seus lares não tiveram outra opção senão o exercício das antigas profissões, especialmente na agricultura, em pequenos comércios ou nas viagens para o Brejo paraibano. José Cândido lembra que permaneceu no Exército até completar seu tempo de serviço. Em seguida, “*recebi meu certificado de reservista e retornei a Parelhas. Chegando a minha cidade de origem voltei as atividades anteriores a minha participação no Exército, ou seja, trabalhar como carpinteiro numa marcenaria com meu compadre...*”²³⁷. Já José Barbosa seguiu a profissão anterior a Guerra declarada pela maioria dos entrevistados, a agricultura. O mesmo relata que:

“Com o término da Guerra e também do meu tempo de serviço no Exército, voltei para o Sítio Algodão. Dando início as minhas antigas atividades, principalmente a agricultura e a criação de animais. Assim tornei-me mais feliz, pois não gostava do Exército, onde era maltratado e apenas cumpria ordens, trabalhando mais do que quando ‘arrancava toco no sítio’.”²³⁸.

O depoimento acima retrata o sentimento da maioria dos entrevistados: não gostavam do Exército e queriam voltar para casa, ao seu meio social anterior. O Exército, nos depoimentos, parece ser uma espécie de prisão, onde cumpriam ordens e estavam sujeitos a rígida disciplina, enquanto que sua terra natal representava liberdade e paz, apesar das dificuldades financeiras que os esperavam. Percebemos essa sensação no depoimento de Norberto Gomes ao dizer que no retorno a Parelhas “*Papai disse que*

²³⁶ José Cândido dos Santos. Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

²³⁷ José Barbosa Sousa. Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira. Parelhas, 2001.

*ia comprar a bodega para mim. Ora, eu tinha passado quase dois anos preso, eu queria lá bodega... Aí eu disse: “Papai me dê aqueles cinco jumentos com quem andava para o Brejo”. Então fui andar para o Brejo de novo.”*²³⁹. Poucos pracinhas alegam voltar a contragosto como Ovídio Diniz e Miguel Soares, pois gostavam da vida militar. Ao que nos parece à rica experiência militar não apagou certa identificação com o sertão, com sua cultura de origem. A prova disso é a intensa vontade de voltar para casa durante a vida nos quartéis e o próprio retorno ao lar e as suas atividades profissionais anteriores, mesmo tendo oportunidades de permanecer nas grandes cidades litorâneas brasileiras. Isso indica que seu apego ao espaço natal foi mais forte que o bom salário e as boas perspectivas de uma vida militar.

Ao voltarem para casa, geralmente casavam-se e constituíam família, como fizeram Norberto Gomes e Miguel Soares. Este último diz que casou, *“o tempo passou, e fui arrancar toco, trabalhar... Minha mulher bonita, nova e fui arrancar toco.”*²⁴⁰. Tempos difíceis segundo os depoimentos, pois voltaram a ter a mesma vida humilde e de sacrifícios de antes, embora a achassem melhor que a militar. Quando se encontravam geralmente conversavam sobre a experiência na Guerra, uma forma de manter viva a memória coletiva sobre o assunto, se atualizar sobre as lutas e conquistas dos ex-combatentes e desabafar. Pedro Silvino relembra esses encontros ao dizer que *“Depois a gente conversava muito sobre a Guerra na rua, na praça. Agora rapaz, ex-combatente mesmo tem bem pouco vivo.”*²⁴¹. Norberto Gomes também lembra das conversas após a Guerra, onde *“se juntavam para conversar”*²⁴² e com isso fortalecer sua identidade e preservar sua história.

Lamentavelmente aos poucos a população da cidade foi perdendo a curiosidade e o interesse pelas histórias dos ex-combatentes, fato que fez com que seus relatos se reduzissem aos próprios veteranos ou mesmo ao grupo familiar. Apesar dos encontros, das rotineiras conversas e da amizade sedimentada, com o passar do tempo, foi havendo certo distanciamento entre os veteranos da FEB e os demais ex-combatentes. Fenômeno nacional. Uma discreta e informal rivalidade nasceu principalmente após a extensão dos benefícios do primeiro grupo aos militares que defenderam o litoral brasileiro e aos que serviram a Marinha Mercante no período da Guerra, foram às chamadas leis “da praia” entre os anos de 1962 e 1968 quando o

²³⁹ Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

²⁴⁰ Miguel Soares de Azevedo. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 02-02-2008.

²⁴¹ Pedro Silvino. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 10-02-2008.

²⁴² Norberto Gomes da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 17-02-2008.

número de pessoas consideradas ex-combatentes pelo governo federal cresceu consideravelmente. Segundo FERRAZ (2003, p. 251), “esses novos grupos procuravam as seções da AECB, para orientação e encaminhamento dos benefícios recém concedidos, e não para o exercício de uma solidariedade e camaradagem dos meses dos combates que não travaram.” Isso gerou um racha, uma distinção entre os grupos de ex-combatentes, tanto é que duas associações distintas foram formadas no Brasil, a Associação dos Ex-combatentes do Brasil – AECB, e a Associação Nacional dos Veteranos da FEB – ANVFEB. A primeira foi formada logo após o fim da Guerra, enquanto que a segunda poucos anos depois para congregar apenas os veteranos que lutaram no *front* europeu. Apesar dessa rivalidade de bastidores, as duas associações sempre mantiveram boas relações diplomáticas, promovendo festas e eventos e unindo-se em prol de interesses comuns.

De uma maneira geral são poucos os ex-combatentes, sejam veteranos dos campos italianos, sejam do litoral brasileiro que freqüentam suas associações hoje. Constatamos em visitas feitas a ambas as associações em Natal-RN que suas reuniões semanais contam com cerca de uma dezena de membros, todos residentes na capital do Estado. Nas cidades do interior a realidade é mais drástica. Acomodados com seus benefícios e vantagens conquistadas já no final da vida, raros são os ex-combatentes que ainda mantêm algum vínculo com as mesmas. Hoje suas sedes servem principalmente como pontos de encontro, verdadeiros lugares de memória onde suas experiências de guerra são rememoradas a cada reunião. Nas cidades do interior, especialmente Parelhas, geralmente não existem tais lugares; os ex-combatentes encontram-se reclusos em suas residências, encontrando-se raramente na praça central da cidade ou em visitas domiciliares onde ainda falam da Guerra, mantendo vivas suas histórias frente à desinformação da sociedade que os cercam.

CAPÍTULO 4

MEMÓRIA E ESPAÇO

4.1. Memória histórica x memória social: questões historiográficas

“Nos corpos de tropa ela [a história] é evocada sob a forma de culto aos heróis, feitos guerreiros e tradições militares.”

Cláudio Moreira Bento

A memória histórica, originada em especial da história praticada por historiadores e pretensas autoridades no assunto, pressupõe-se objetiva, incontestável, oficial, buscando muitas vezes um revestimento científico para determinados fatos históricos, através de embasamento teórico, métodos e técnicas apuradas de seleção documental cuidadosa que visem comprovar a existência de certo fato ou personagem histórico. Em suma, como definiu Maurice Halbwachs,²⁴³ memória histórica é a história dos historiadores, que pode atingir tamanha dimensão a ponto de se fazer presente muitas vezes na memória coletiva de uma nação. A memória histórica é seletiva e muitas vezes excludente, pois dá destaque aos grandes feitos, aos heróis e mitos, deixando em segundo plano personagens considerados secundários, como por exemplo, simples soldados de uma batalha ou anônimos militantes políticos de uma campanha ou movimento popular.

Já a memória social é subterrânea, extra-oficial, pertencente a grupos sociais muitas vezes marginalizados pela historiografia. Essa memória geralmente é coletiva, embora também possa ser individual, construída e metamorfoseada ao longo dos anos por seus grupos ou indivíduos formadores, de uma forma organizada ou displicente, difundida ou restrita ao grupo que a nutre. Por muito tempo essa memória foi “combatida” pela memória histórica (oficial) como puramente subjetiva e carente de total credibilidade. Esse combate, essa diferenciação deu o sentido de existir da memória histórica, ou seja, se distanciar ao máximo possível da memória social através de uma “metodologia científica” que lhe dê mais confiabilidade e credibilidade.

O antagonismo entre essas duas memórias alimenta diversos estudos acadêmicos ao longo dos anos, procurando redefini-las melhor ou aliá-las em proveito do aperfeiçoamento da disciplina. Segundo Ferraz, se os estudos de Halbwachs:

²⁴³ HALBWACHS. op. cit. p. 73.

“[...] salientaram que a memória histórica começa onde termina a memória coletiva (social), os trabalhos de Pierre Nora aprofundaram essa oposição até o desaparecimento da memória: em face do ataque da ‘história dos historiadores’ às manifestações da memória ‘espontânea’ e, também, em decorrência do afastamento acelerado das experiências de transmissão e recomposição do passado, pelas comunidades sociais, estas acabaram por fixar ‘lugares de memórias’, espaços não necessariamente físicos ou materiais, que visavam preservar a memória, em modo histórico. Assim, desde arquivos, museus, memoriais e monumentos e centros históricos, até símbolos, cerimônias, rituais, comemorações e canções constituem-se ‘lugares de memória.’”²⁴⁴

Essa memória social, atacada pela histórica como nos falam os autores acima, teve importância fundamental ao longo da história em épocas em que os fatos históricos eram transmitidos às gerações futuras predominantemente através do relato oral, pois, embora existissem textos escritos, estes eram inacessíveis a sociedades compostas por maioria esmagadora de iletrados. Esta tarefa ficava a cargo, em especial, dos cidadãos mais idosos, os autênticos “guardiões da memória” que tinham o respeito da sociedade pela importante função desempenhada. Jacques Le Goff nos traz um pouco desses primórdios da história e como os relatos orais eram importantes para diversas sociedades em períodos não muito distantes ao dizer que “A história começou como um relato, a narração daquele que pode dizer ‘Eu vi, senti’. Este aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica.”²⁴⁵ A importância do relato, do testemunho escrito, dessa memória social também é reforçada por Paul Ricoeur. Este autor nos diz que:

“Não nos devemos jamais esquecer que tudo começa pelo testemunho, e não pelos arquivos, e que, seja o que for que possa faltar à sua fiabilidade, não dispomos, em última análise, de nada melhor do que o próprio testemunho para asseverar que alguma coisa se passou, à qual cada um declara ter assistido pessoalmente, face ao que, para além do recurso a outro tipo de documentos, nos resta sempre a confrontação entre diferentes testemunhos.”²⁴⁶

²⁴⁴ FERRAZ, op. cit. p. 16.

²⁴⁵ LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994, p. 9.

²⁴⁶ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007, p. 182.

Muito recentemente essa memória social foi penetrando no meio acadêmico brasileiro e ganhando cada vez mais espaços. Aos poucos esses dois tipos de memórias tão antagônicos passaram a interagir e realizar profícuas trocas. A história oral deu oportunidade para que memórias marginalizadas de homossexuais, prostitutas e mendigos penetrassem no meio acadêmico, enquanto trabalhos baseados em relatos desses simples grupos ganharam qualidade com técnicas e teorias da historiografia. O cruzamento dessas fontes orais com fontes documentais mais tradicionais agregou muito valor à historiografia na medida em que os dois tipos de memória, histórica e social, tornaram-se mais complementares que antagônicas. A própria memória social acabou tornando-se objeto de estudo da história na medida em que o esquecimento ou mesmo representações sociais de realidades concretas ganharam importância não só para entender determinados fatos históricos, mas principalmente para conhecer melhor os agentes de memória que as produzem.

Os agentes de memória que nos interessam nesse trabalho são os veteranos de guerra brasileiros. Em face da idade avançada, esse seletivo grupo “deixa gradativamente não apenas a vida produtiva, mas também vê reduzir o espaço público para compartilhar suas experiências com as gerações mais novas.”²⁴⁷ Durante muitos anos, sua história foi contada predominantemente por oficiais de alta patente que deram sua versão sobre a história desses milhares de jovens brasileiros humildes durante a Segunda Guerra Mundial, em especial, durante a campanha destes no *front* italiano. Essa memória histórica sobre a participação brasileira no conflito foi concretizada através de obras clássicas como *A FEB Pelo Seu Comandante* do general João Batista Mascarenhas de Moraes, que traz sua visão dos fatos concernentes à campanha brasileira na Itália,²⁴⁸ além de outros trabalhos incentivados pela Biblioteca do Exército – Biblex, como um calhamaço de relatos de veteranos da FEB, a grande maioria oficiais e graduados de alta patente, intitulado *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*.²⁴⁹ Além dessas, outras obras de expressão que ajudaram na construção dessa memória de guerra são dignas de destaque. São publicações que surgiram propiciamente em datas comemorativas que:

²⁴⁷ FERRAZ, op. cit. p. 18.

²⁴⁸ MORAES, J.B. Mascarenhas de. *A FEB Pelo Seu Comandante*. São Paulo: Ipê, 1947. Há uma 2ª edição, revista e ampliada, publicada pelo Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, em 1960.

²⁴⁹ Fundação Cultural do Exército. *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Vols. 1 a 8. Rio de Janeiro: Biblex, 2001.

“[...] acendem novamente o interesse no tema da II Guerra. Nas comemorações de 40 anos da vitória Aliada, surgiu uma nova fornada de livros publicados pela Bibliex e algumas obras das editoras comerciais e independentes. O cinquentenário do fim da guerra trouxe mais algumas publicações ao mercado, como *A Nossa Segunda Guerra*, de Ricardo Bonalume Neto, uma nova edição do livro do general Octávio Costa, *50 Anos Depois da Volta*, e meu próprio livro, *Onde Estão Nossos Heróis*. Outras manifestações recentes do interesse na FEB foram duas novelas televisionadas pela Rede Globo e os filmes produzidos por Erik de Castro, *Senta a Pua* e *A Cobra Fumou*. Além de filmes e livros, o interesse pela participação brasileira na guerra denota-se por uma série de outras atividades, como jogos de guerra, os programas de ‘história viva’ nos quais escolas convocam veteranos para palestrar com os alunos, plastimodelismo e o colecionismo de artefatos militares.”²⁵⁰

Poucas foram as obras que ousaram questionar a versão oficial dos fatos então imposta pelos “escritores-oficiais” dessa página da história militar brasileira, até porque o país vivia sobre os auspícios de um regime autoritário, o que certamente seria um empecilho para os que quisessem contar uma história diferente. Um desses ousados escritores foi o coronel Floriano de Lima Brayner,²⁵¹ talvez o único oficial de alta patente da FEB que tenha acrescentado fatos novos sobre sua memória oficial vigente, embora orientado por um viés pautado pelo ressentimento pessoal, em tom acusatório e autocondescendente, porém, sem questionar os valores institucionais que tanto influenciaram as obras sobre a campanha brasileira.²⁵² Outra obra que ganhou destaque por contrariar a versão oficial dos fatos foi *Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira*,²⁵³ de um ex-cabo do 11º RI chamado Leonércio Soares. Em seu livro de 1984 esse autor expôs episódios de terror sofridos pela FEB que destoam de atitudes heróicas e corajosas de outras versões. Soares traz a tona fotos de soldados barbudos e enlameados com legendas como “entrada do túnel asqueroso sob o velho cemitério de Bombiana,” mostrando uma história crítica e “vista de baixo”. Muito certamente por essa razão não encontrou patrocínio para seu livro, motivo pelo qual seus raros exemplares são desconhecidos até mesmo pelos ex-combatentes.

É comum no meio militar brasileiro, como em outras instituições políticas, militares ou religiosas, um grande esforço para manter uma boa imagem das Forças

²⁵⁰ MAXIMIANO, op. cit. p. 16.

²⁵¹ O livro em questão é *A verdade sobre a FEB*. Civilização Brasileira, 1968.

²⁵² MAXIMIANO, op. cit. p. 19.

²⁵³ SOARES, Leonércio. *Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira*. Edição do Autor, 1984.

Armadas perante a opinião pública. Muito raramente vemos um militar falar mal da Força a que serve. Em nossa passagem pela Força Aérea Brasileira, há quase uma década, sempre ouvíamos dizer que “nossa Força ergue-se em dois pilares: hierarquia e disciplina.” Ao longo da história e até mesmo nos dias atuais percebemos claros exemplos de punições severas, como prisões e expulsões de militares das Forças Armadas que ousaram desafiar a hierarquia com declarações críticas ou atitudes “indisciplinadas”.²⁵⁴ As poucas críticas que ouvimos ou lemos são feitas, em geral, por militares da reserva que perderam a sujeição a seus superiores hierárquicos.²⁵⁵ São vozes destoantes que impactam diretamente nesse esforço em zelar por uma memória da instituição repleta de heroísmo, mitos e grandes serviços prestados à nação.

Na grande maioria das vezes as críticas a essa historiografia militar arraigada partem de autores civis. Dentre estes que escreveram sobre a história brasileira na Segunda Guerra Mundial, nenhum outro causou tamanho estardalhaço como o jornalista global William Waack com seu livro *As duas faces da Glória*, de 1985.²⁵⁶ O livro de Waack:

“Baseado na pesquisa em arquivos militares americanos, ingleses e alemães, propôs-se a desmentir e corrigir ‘muito do que se vem dizendo nos últimos quarenta anos sobre a participação de brasileiros na Segunda Guerra Mundial’. Suas principais ‘correções’ foram o redimensionamento do valor das ações brasileiras na campanha da Itália, principalmente em Monte Castelo, e a publicação de críticas pesadas às tropas brasileiras, feitas no calor dos combates, pelos relatórios dos aliados americanos. Contrastando a documentação consultada na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos com algumas memórias e relatos selecionados de expedicionários brasileiros, Waack tentou mostrar que a visão dos aliados americanos e dos inimigos alemães, a respeito dos expedicionários brasileiros, era predominantemente negativa, e ficaria bem distante da autoglorificação que, em sua opinião, era constante nas obras dos expedicionários brasileiros.”²⁵⁷

²⁵⁴ Exemplo dessas punições foi o caso de homossexualismo entre dois sargentos do Exército Brasileiro: Laci Marinho e Fernando de Alcântara Figueiredo, que ganhou grande repercussão na imprensa brasileira no primeiro semestre de 2008. Enquanto o primeiro foi preso o segundo foi expulso do Exército.

²⁵⁵ É muito comum há algumas décadas militares que são licenciados ou se aposentam entrarem na justiça com processos contra as Forças Armadas por algum dano moral ou físico, ou reivindicando algum direito negado pelas mesmas. Conhecemos inúmeros casos que lograram êxito.

²⁵⁶ WAACK, William. *As duas faces da glória*. A FEB vista pelos seus aliados e inimigos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

²⁵⁷ FERRAZ, op. cit. p. 353;

Embora uma obra inovadora e ousada naqueles anos finais de Regime Militar brasileiro, que contribuiu com a historiografia por trazer a tona novas fontes que romperam com o tom glorificador das Forças Armadas brasileiras, *As Duas Faces da Glória* sofreu nos últimos anos pesadas críticas de historiadores e demais pesquisadores brasileiros por trazer informações equivocadas e muitas vezes inverídicas escritas por um pesquisador diletante; aliás, um jornalista, cuja leitura das fontes, técnicas empregadas na pesquisa e redação diferem bastante de um trabalho historiográfico profissional. Ora, se a historiografia oficial da Guerra contraposta pelo livro de Waack acentua o heroísmo e a mitificação de seus personagens; a versão apresentada por esse autor também é digna de críticas pelo seu parcialismo e excesso de confiança em fontes que mereceriam análise mais acurada. O afã do autor em atacar a FEB e seus veteranos leva-o a cometer equívocos dignos de um ignorante em história militar. Se as tropas brasileiras eram tão ruins como alega Waack, teriam ficado em regiões mais tranquilas do *front* italiano, cuidando apenas da proteção de territórios conquistados ou realizando operações de patrulha e guarda, como aconteceu com a 92ª Divisão de Infantaria americana, composta por militares negros que sofriam preconceito e desconfiança por parte dos comandantes de seu país. Muito pelo contrário, a FEB desempenhou tão bem seu papel na Itália que foi designada para missões de extremo perigo e complexidade, lutando ao lado de divisões de elite do Exército norte-americano, como a 10ª de Montanha, a 1ª Blindada ou a 88ª de Infantaria, cumprindo todas as missões que lhe foram confiadas pelo V Exército dos Estados Unidos. Prova do que estamos afirmando são as várias condecorações dadas pelo Exército dos Estados Unidos a soldados brasileiros por bravura em combate e pelo bom desempenho de suas funções, como a recebida pelo soldado Vicente de Assunção, do Rio de Janeiro, pelas mãos do general norte-americano Lucian K. Truscott Junior, comandante do V Exército dos Estados Unidos.²⁵⁸ Seu antecessor, o famoso general Mark Clark também deu total confiança a FEB, como afirma o embaixador norte-americano Wernon A. Walters, à época major do V Exército: “Mark Clark não hesitou em incorporar a FEB e depois colocá-la entre a 10ª Divisão de Montanha e o Batalhão C, Nissei, demonstrando que sabia identificar tropas que eram boas de brigas.”²⁵⁹

Não vamos nos alongar tanto na crítica à obra de Waack, até por que esse não é o objetivo maior desse capítulo, mas, como exemplo dos deslizes e imprudências

²⁵⁸ Foto encontrada In BONALUME NETO, op. cit. anexos.

²⁵⁹ SIQUEIRA, op. cit. p. 222;

desse autor podemos citar sua convicção em negar que a FEB não combateu tropas de elite alemãs na Itália, o que é desmentido por fontes arqueológicas pertencentes à prefeitura de Montese, que mostram insígnias de soldados da SS; “pelo menos dez membros da Waffen-SS entre os alemães mortos em Montese.”²⁶⁰ Embora tenha atraído críticas bem fundamentadas nos últimos anos, o livro de Waack alcançou tamanha repercussão entre os ex-combatentes brasileiros que muitos pesquisadores do assunto que trabalham com história oral alegam grande resistência dos mesmos em falar sobre sua experiência na Guerra por temerem que suas versões sejam usadas em obras que arranhem sua imagem como o referido livro. Segundo FERRAZ (2003, p. 358):

“A aparição do livro de Waack criou um ressentimento que se tornaria permanente entre os ex-combatentes. Vários pesquisadores da história da participação brasileira na Segunda Guerra - historiadores profissionais e amadores, jornalistas, etc. - relatam que uma das primeiras preocupações dos ex-combatentes, quando são contatados, é saber se o pesquisador irá falar ‘bem’ ou ‘mal’ da FEB, se a pesquisa, o livro ou a reportagem será contra ou a favor da FEB e dos expedicionários.”

Nós mesmos sofremos com essa desconfiança ao abordá-los para coleta de depoimentos para confecção deste trabalho. Logicamente esse fato é comum e tem a ver também com uma relação de confiança que deve existir entre pesquisador e entrevistados, mas no primeiro contato, alguns deles, especialmente os de maior grau de instrução, chegaram a fazer perguntas sobre a espécie de trabalho que faríamos e como iríamos falar deles. Muito comumente outros se negam a falar, seja pelos traumas ou pela desconfiança fermentada pelo jornalista global. Outro importante autor que destaca essa barreira imposta pelo livro de Waack, tecendo severas críticas ao mesmo, é Ricardo Bonalume Neto, ao dizer que:

“O impacto do livro de Waack foi grande entre os ex-combatentes que se sentiram feridos em seu amor-próprio (colocando na balança, o livro dele fala mais ‘mal’ do que ‘bem’ da FEB). Esse impacto foi realçado por uma característica típica brasileira: dar excessiva importância ao que os estrangeiros dizem do país, num espetáculo de provincianismo infundável.”²⁶¹

²⁶⁰ MAXIMIANO. op. cit. p. 208.

²⁶¹ BONALUME NETO. op. cit. p. 13.

Certamente a obra de Waack é fruto de sua revolta contra o Regime Militar que governou o Brasil entre 1964 e 1985, período de relações conflitantes entre o governo e as universidades e de sérias dificuldades enfrentadas por jornalistas de esquerda. Para BONALUME NETO (1995, p.13) “É tão difícil para um leigo palpitar sobre a conduta de uma operação de guerra quanto meter o bedelho em uma cirurgia. Por isso convém perguntar às pessoas certas.”.

Se por um lado houve uma historiografia que alimentou uma memória histórica de glorificação ou mitificação das Forças Armadas e seus militares (como afirma Waack com razão), por outro houve uma “contra-memória oposicionista” oriunda especialmente do meio universitário brasileiro, que atrelava a imagem dos veteranos de guerra ao regime autoritário vigente por mais de 20 anos no país; associação claramente compreensível, tendo em vista que a maioria dos ex-combatentes brasileiros dava velado apoio àquele regime de governo, até por que sua imagem sempre esteve atrelada às Forças Armadas, fato que era reforçado, especialmente, nos desfiles de 7 de setembro onde desfilavam. Naturalmente, os opositores do regime não poderiam atacar diretamente os militares de alto escalão do governo, até por que a censura e os métodos empregados por estes para sua defesa eram bastante drásticos e convincentes, o que fazia com que as críticas, ataques e mesmo pilhérias encontrassem nos velhos e desorganizados ex-combatentes seu principal alvo.²⁶² Por muitos anos essa aversão aos militares imperou no meio acadêmico brasileiro chegando até os dias atuais. Esse quadro era agravado pela contínua vigilância, censura, prisões e, em alguns casos, torturas, empreendidas pelos representantes do regime nas universidades, sobretudo federais. Esse choque de ideologias gerou uma verdadeira “mentalidade oposicionista de resistência” entre os universitários que passaram a desdenhar de símbolos e valores presentes na propaganda governamental e que ao mesmo tempo eram defendidos pelos ex-combatentes, como a disciplina, a obediência e o patriotismo exacerbado. Sendo assim, esse repúdio ao regime de governo estendeu-se a tudo que parecia a ele associado, inclusive os veteranos de guerra, que “representavam” a ditadura (varguista), valores arcaicos e a mitificação militar.

Nesse caso é digna de destaque a diferenciação que deve ser feita entre a memória oficial da Instituição (Forças Armadas) e a memória de simples soldados que dela fizeram parte. A primeira é defendida com rigor por seus membros de alta patente

²⁶² FERRAZ. op. cit. p. 363.

através de obras laudatórias como as exemplificadas no início deste sub-item até mesmo, se preciso for, pelo uso da coerção (eliminando versões contraditórias), com sua maciça divulgação em escolas, livrarias e imprensa. A segunda nem sempre se coaduna com a oficial. Quase sempre traz “visões de baixo”, expressando sentimentos de medo, saudade, revolta e vergonha que em nada interessam à memória oficial. Muitas vezes essas vozes destoantes foram silenciadas ao longo da história em proteção a uma versão dos fatos que exaltasse a Instituição militar e seus comandantes. Apesar dessa diferenciação, essas duas memórias, oficial e subterrânea, são confundidas por vários formadores de opinião como uma versão uníssona mitificadora dos feitos militares, o que não é verdade.

Apesar de toda uma bibliografia tradicional voltada para o fortalecimento dessa memória oficial que acaba incorporando os ex-combatentes brasileiros (apesar de versões discordantes), estes, ao longo dos anos, sofreram uma profunda desvalorização em virtude de uma série de fatores que pela sua complexidade não serão aqui aprofundados, mas perpassam pela rápida desmobilização empreendida pelo governo após a Guerra; pela falta de amparo deste aos veteranos doentes e humildes nas primeiras décadas após o conflito; pela aversão de universitários e grupos de esquerda já citados no parágrafo anterior, dentre outros. Outro fator que motivou ataques, pilhérias e protestos por parte daqueles que confundiam a imagem dos ex-combatentes com a do Regime Militar, arranhando ainda mais seu conceito foi a promulgação do inciso II do artigo 53 das Disposições Constitucionais Transitórias presentes na Constituição de 1988 que assegura ao:

“[...] ex-combatente que tenha efetivamente participado de operações bélicas durante a Segunda Guerra Mundial, nos termos da Lei Nº 5.315, de 12 de setembro de 1967, uma pensão especial, correspondente à deixada por Segundo-Tenente das Forças Armadas, que poderá ser requerida a qualquer tempo, sendo inacumulável com quaisquer rendimentos recebidos dos cofres públicos.”²⁶³.

Infelizmente esse reconhecimento do governo federal expresso na Constituição chegou tarde, encontrando a maioria esmagadora dos ex-combatentes beirando os 70 anos de idade. Muitos outros já haviam falecido na miséria, com distúrbios, quase sempre, derivados da Guerra, como alcoolismo, problemas

²⁶³ Constituição Federal de 1988.

neuroológicos e psiquiátricos. A parcela mais significativa desse grupo de beneficiados pelo artigo 53 não foi à Itália, não combateu soldados nazistas, nem foi ferida em combate, mas alega-se merecedora do referido benefício por ter aceitado o desafio,²⁶⁴ deixado para trás suas famílias, sua vida, seus empregos, “rumo ao desconhecido”, sem saber se iriam ao *front* europeu ou se voltariam vivos para casa. De fato esses jovens também correram riscos ao enfrentar o total desconforto dos quartéis, numa mudança brusca de ambiente e de cultura, bem como os perigos de um oceano vigiado por submarinos inimigos que não pouparam a vida de centenas deles. Contraíram doenças, foram humilhados e em seguida abandonados à própria sorte pelo governo, sem emprego ou nenhum tipo de agradecimento ou reconhecimento. Passaram necessidades, tiveram que voltar à sua terra natal “dispensados” e com o sonho de ascensão social destruído, voltando à agricultura ou tendo que mendigar emprego às autoridades civis e militares. Mesmo diante de tudo isso, muitos grupos da sociedade protestaram, alegando que “homens que não fizeram nada além de curtir a praia”; “que não correram nenhum risco”, não deveriam ganhar tanto.²⁶⁵ Pilhérias e comentários depreciativos ainda hoje são ouvidos relacionados aos ex-combatentes, especialmente os de Parelhas. São chamados pejorativamente de “caga-praias”, de “sortudos”, “amalucados” ou “ingênuos”²⁶⁶; são motivos de revolta ou piadas por determinadas pessoas que os vêem como um estorvo social, um prejuízo aos cofres públicos. Infelizmente esse tipo de memória social degradante tem a contribuição até mesmo dos próprios ex-combatentes, de alguns veteranos da FEB que não acham justo “homens que não foram à Guerra ganharem proventos iguais aos que foram e se sacrificaram.”²⁶⁷ Essa memória social também ganha importante contribuição de uma cultura popular brasileira que esquece ou despreza os idosos, colocando-os a margem da sociedade, retratando-os de forma pejorativa.²⁶⁸ Esse preconceito em relação aos idosos, digno de sociedades subdesenvolvidas “diminui, porém o peso social de seus pronunciamentos,”²⁶⁹ o que faz com que trabalhos acadêmicos que trazem depoimentos de pessoas idosas, por

²⁶⁴ Embora fossem obrigados a servir às Forças Armadas após sua convocação, muitos desertaram ou sequer chegaram a se apresentar nos quartéis.

²⁶⁵ Expressões destacadas entre aspas neste parágrafo fazem alusão a comentários freqüentes ouvidos pelo autor em relação aos ex-combatentes da praia.

²⁶⁶ Esse último termo relacionado aos casamentos com mulheres bem mais novas que supostamente estariam interessadas em seus proventos de ex-combatentes e não neles próprios.

²⁶⁷ Por duas vezes cheguei a ouvir esse comentário de veteranos da FEB.

²⁶⁸ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 73.

²⁶⁹ FERRAZ. op. cit. p. 19.

incrível que pareça, ainda sofram descrédito e críticas infundadas dos “amantes” de uma história cientificista nos moldes do século XIX.

Infelizmente a maioria das pessoas ao tecerem comentários sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial incorrem num dos erros mais grosseiros e condenáveis pela história: julgar um determinado período histórico à luz de valores e parâmetros contemporâneos. Essa é a principal injustiça cometida contra os ex-combatentes brasileiros, em especial os sertanejos. Muitos que menosprezam seu sacrifício não levam em conta as peculiaridades da época em que viviam esses jovens. Muitos convocados jamais haviam deixado seus lares maternos ou as fronteiras de seus municípios. Muitos não possuíam acesso nem a informações básicas sobre a Guerra, não sabendo nem onde ficava a Europa. Muitos sequer imaginaram que nessa Guerra seria usada a arma mais devastadora já inventada pelo homem e que poderia por fim a vida no planeta: a bomba atômica. Esse contexto histórico de longas e desconfortáveis viagens, de tantos perigos e incertezas causados pela deficiência de informações e pelo avanço de tecnologias de destruição em massa cada vez mais é negligenciado e omitido pelos que têm aversão a militares ou sua historiografia, infelizmente, muitos dos quais são professores. No embate contra uma memória oficial, fontes e argumentos devem ser usados com equilíbrio e imparcialidade, num duelo justo onde prevalecerá a versão que deixe de lado ressentimentos e preconceitos.

Diante de todos os confrontos e interações entre memória histórica e memória social, fica o questionamento: qual das duas prevalece em relação aos ex-combatentes na sociedade contemporânea? Quando se falam em ex-combatentes quais as primeiras imagens que nos vêm à mente? São mitos? Heróis? Guerreiros? Seres admiráveis e dignos de respeito? Ou são apenas velhos “caducos” e sem nenhuma importância, que inventam histórias ou exageram seus feitos numa clara atitude de auto-glorificação? Será que são um estorvo para a sociedade tanto em vista que são muito bem pagos por não terem feito nada demais? A historiografia militar sobre a participação do Brasil na Guerra e seus militares, antes mitificadora e glorificadora, vem ganhando aos poucos nos últimos anos a contribuição de pesquisadores que abordam seu conteúdo de maneira crítica, lançando mão de métodos acadêmicos que vão transformando esses dois tipos de memória, desconstruindo mitos e dando voz aos “esquecidos da história”. Sem nos aprofundarmos ainda mais, exemplos desses trabalhos podem ser vistos dentre a bibliografia desta pesquisa. Essas obras, ainda raras, saem do ainda resistente meio universitário brasileiro, feitas por pesquisadores sérios e

conceituados e vão ganhando espaço nas livrarias pelo país onde concorrem com exemplares de pesquisadores diletantes e sem compromisso científico. Apesar disso, falar em história militar hoje no meio acadêmico brasileiro ainda desperta mordaz preconceito por acreditarem que esse tipo de historiografia não evoluiu, estando sempre ligada às obras mitificadoras do passado. Isso nos mostra que muito ainda tem que ser feito. Que nossa historiografia militar ainda carece de persistente revisão, e que a história oral, ainda vista com desconfiança, tem muito a contribuir com essa grande empreitada.

4.2. Lugares de memória: onde mora a guerra

“[...] a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentidos num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.”

Pierre Nora

É digno de destaque durante esses anos de pesquisa com ex-combatentes potiguares, seja na graduação, seja no mestrado, o apego desses homens a pequenos objetos, símbolos, canções ou lugares carregados de lembranças e significados, ou seja, a seus lugares de memória. Todos os ex-combatentes que entrevistamos e conhecemos têm em suas casas, cômodos, salas de estar ou mesmo toda a residência repleta de objetos e símbolos que remetem à sua experiência na guerra. Hoje octogenários, dificilmente saem de casa ou encontram alguém que dê ouvidos a suas histórias ou tenha alguma curiosidade a seu respeito. Os encontros com colegas que compartilharam da mesma experiência tornaram-se muito raros, até porque muitos já faleceram ou estão incapacitados socialmente. Só restaram os seus singelos, mas significativos lugares de memória. Com o passar dos anos, de uma forma gradativa e lenta, seu espaço social foi encolhendo, restringindo-se cada vez mais ao núcleo familiar ou a poucos amigos mais próximos, de modo que seu mundo, sua identidade e suas lembranças acabaram atrelados aos seus lares, seu espaço doméstico depósito de resquícios materiais de sua vida, principalmente de sua experiência na Guerra.

Com esse encolhimento de seu campo social foram poucos os ouvidos que restaram e que se mostraram dispostos a ouvir suas histórias, que tanto sentem necessidade de contar. Esse fenômeno não se restringe apenas aos ex-combatentes, mas aos idosos brasileiros de uma forma geral, que costumam viver as margens de uma sociedade excludente que valoriza o novo, o moderno, em detrimento do velho, de seus próprios idosos, como se esses não tivessem nada a ensinar para as gerações mais novas. Esse quadro nos mostra o quanto o diálogo com pesquisadores e curiosos torna-

se vital para sua própria saúde mental, um exercício para cérebros octogenários que necessitam trabalhar para não perderem a lucidez, bem como um exercício de comunicação; capacidade tão desgastada na velhice, mas que precisa ser estimulada tendo em vista a riqueza de informações e dados que esse tipo de fonte, pessoas idosas, pode nos fornecer, ou seja, essa interação entre idoso e pesquisador é rica para ambas as partes. Sobre a importância de explorar depoimentos de idosos como fonte histórica, o professor Gisafran Jucá tece o seguinte comentário:

“A arte de narrar ganha um significado especial, quando confiada a pessoas de idade avançada. Além de uma longa experiência de vida, o velho possui uma liberdade maior em relatar o que lhe for indagado. O que o diferencia dos jovens, ou mesmo dos adultos envolvidos na dinâmica da sociedade atual prende-se, essencialmente, a liberdade por ele desfrutada de não medir palavras ou abordagens com medo de ferir ou denunciar os envolvidos no ramo de trabalho onde se situam.”²⁷⁰

Essa ânsia de comunicação, de não deixar morrer com eles próprios sua história, de procurar um depósito para suas lembranças, foi sempre constatada no contato com essa que se constitui nossa principal fonte de pesquisa. Quase sempre ao final dos depoimentos esses senhores faziam questão de nos mostrar com muito entusiasmo e emoção seus acervos. Explicar as fotos, os objetos, falar de colegas da época, comprovar o que nos disseram através de algo concreto que sempre trazia novas lembranças ao primeiro toque, novos fatos que ansiavam por escuta. Muitas vezes o tempo gasto com a mostra e explicação desses objetos era maior que o despendido nos depoimentos, pois seu manuseio tornava-se uma espécie de materialização de suas memórias, antes vagas, agora claras. Sobre esse fenômeno Pierre Nora explica que “[...] à medida que a memória tradicional desaparece, sentimos a necessidade de acumular vestígios para se tornarem provas.”²⁷¹ Por esse motivo insistíamos em coletar seus depoimentos nesses lugares, próximos desse material tão fecundo para suas memórias, ou seja, suas próprias residências, ou, em alguns casos, nas associações de ex-combatentes, onde encontramos variado acervo documental espalhado pelas estantes e paredes, um verdadeiro estímulo à rememoração, espaços que podem ser considerados,

²⁷⁰ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza – Imprensa Universitária – 2003, p. 67.

²⁷¹ NORA, op. cit. p. 15.

segundo Nora, como “lugares de refúgio”: coração vivo da memória.²⁷² Sobre a disposição dos objetos “íntimos” num ambiente, Ecléa Bosi nos diz que “Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento a nossa posição no mundo, a nossa identidade. Mais que da ordem e da beleza, falam a nossa alma em sua doce língua natal.”²⁷³ No caso dos ex-combatentes, esses objetos são classificados por essa autora como “objetos biográficos”, que permanecem sempre com o usuário e são insubstituíveis.²⁷⁴ Esses objetos espalhados pela casa contam um pouco de sua história, de sua experiência de vida, pois “o espaço de uma casa há de contar-nos algo do que foram essas pessoas.”²⁷⁵

Interessante exemplo disso foi a visita que fizemos ao ex-combatente Pedro Silvino para coleta de depoimento. Ao final dos trabalhos, o mesmo fez questão de nos mostrar a casa e os quadros pendurados nas paredes, os quais retratavam um pouco de sua trajetória no Exército Brasileiro e mesmo outros aspectos de sua vida pós-guerra. Demonstrando emoção Silvino nos mostrou fotos da família, com destaque para a esposa e filho falecidos; seus pais, retratados em trajes e poses bastante elegantes como era costume do fim do século XIX; seu sítio, espaço pouco freqüentado atualmente, mas que aparenta grande valor sentimental para o mesmo; e, em lugar de destaque, na sala, uma bela foto onde víamos um jovem (com traços de menino) uniformizado em bela postura, cujo rodapé trazia a frase: “Lembrança dos meus tempos militares do período da Segunda Guerra Mundial”. Obviamente essa foto e as demais da Guerra receberam especial atenção de Silvino que as explicavam com olhos fitos no horizonte e gestos tão bruscos que pareciam tocar algo ou alguém, como se aquelas imagens colocassem em sua frente cenas e personagens daquela Guerra que ficou gravada de forma tão intensa em sua memória mais de 60 anos depois. O curioso nesses momentos de intensa rememoração é que o corpo daquele protagonista do evento se expressava mais intensamente e de forma mais convincente que suas próprias palavras, através de gestos e principalmente dos olhos. Seu corpo falava, de modo que sua experiência na Guerra era retratada de forma clara e convincente. Esse é um dos melhores momentos para quem trabalha com história oral, “uma história rica, viva e comovente, também

²⁷² *Ibdi*, p. 26.

²⁷³ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade. Lembranças dos velhos**. 3ª ed. – São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 442.

²⁷⁴ *Ibdi*, p. 441.

²⁷⁵ *Ibdi*, p. 443.

verdadeira, tendo em vista o contato direto do historiador com o documento vivo (o sujeito).”²⁷⁶.

Outro depoente que nos impressionou pela quantidade e qualidade de fotos e objetos da época foi Norberto Gomes. Tivemos a oportunidade de manusear seu acervo ao seu lado e constatarmos como as lembranças ficavam mais claras e intensas no contato com esses documentos. As fotos faziam com que suas palavras se tornassem mais seguras e precisas, bem como despertassem novas lembranças, fatos interessantes que agregavam mais valor e clareza ao seu depoimento. Eram tratadas por ele como provas daquela história que acabara de narrar, bem como um veículo enriquecedor de suas palavras. Nelas eram retratados antigos colegas, cenas de treinamentos, veículos de guerra e, principalmente, velhos prédios e lugares de destacada importância do quartel em Caçapava-SP, cenas que preservaram esse espaço em sua memória.

Os dois depoentes acima não são considerados fontes de pesquisa por si só, não são analisados isoladamente, Seus depoimentos não devem ser coletados em qualquer lugar, pois estão inseridos num mesmo contexto, são sujeitos pertencentes a um espaço físico e social singular, que os impregna de memórias e identidade, conjunto homem-espaço que proporciona um enriquecimento de suas lembranças e sua valorização como fonte histórica, como protagonista, como documento vivo da Segunda Guerra Mundial. Seus depoimentos não revelam apenas a experiência da Guerra, mas a experiência de vida de sujeitos inseridos num singular grupo social, visões de mundo de indivíduos que representam uma classe importante que passa por um rápido processo de extinção, que participaram de um episódio dramático e de extrema importância que atingiu milhões de pessoas pelo mundo, cujos protagonistas são cada vez mais raros. JUCÁ (2003, p. 65) reforça a necessidade do estudo de memórias coletivas como essa através de depoimentos orais, mostrando que:

“Todavia é bom pressupor o valor intrínseco do uso da História Oral, pois o conteúdo narrado envolve, além de simples informações, a riqueza do mundo interior do depoente, expresso por intermédio de uma memória restauradora, onde o conteúdo exposto não reflete apenas um senso individual de abordagem, mas que descortina um espaço social mais abrangente, constituído pela memória coletiva.”

²⁷⁶ JUCÁ, op. cit. p. 51.

O cerne dessa gama de ícones à qual estão atreladas suas principais lembranças está, como vemos, em seus lares. Esse espaço particular guarda a maioria dos objetos que dizem respeito a eles próprios, de forma individual; mas essa materialização das lembranças também se estende aos espaços externos a sua casa, locais públicos ou pertencentes a outras pessoas ou instituições. Temos como exemplos disso as associações de ex-combatentes, verdadeiras fontes de lembranças, onde veteranos de guerra se reúnem diária ou semanalmente para falar sobre as experiências vividas e com isso preservar essa memória coletiva. Essas lembranças são mantidas e despertadas através de uma gama quase infindável de objetos e símbolos, desde fotos e quadros, até músicas e os próprios colegas veteranos. Infelizmente esses encontros em associações dizem respeito a um número limitado de ex-combatentes que têm oportunidade de freqüentá-las na capital Natal. Em Parelhas, a maioria não tem mais saúde ou disposição para longas viagens, sendo sua rememoração praticada nos próprios lares ou nas, cada vez mais raras, conversas com os “companheiros de aventura”, em visitas domiciliares ou em esporádicos encontros nas ruas.

Sempre usando Parelhas como amostra, percebemos um importante monumento que pode ser considerado um dispositivo de memória por remeter ao período da Guerra: a Praça do Ex-combatente. Situada na entrada norte da cidade, ao lado da igreja matriz, o monumento foi erguido em 1994 em homenagem aos 99 parelhenses que serviram às Forças Armadas Brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial. Em lugar de destaque encontra-se o busto de bronze de um capitão da Marinha, Lauro Virgílio do Nascimento, o único parelhense morto em operações bélicas na Guerra, vítima da misteriosa explosão do *cruzador Bahia* em maio de 1945, acidente que até hoje gera controvérsias sobre sua real causa. Em 2001 a Praça foi palco de uma homenagem aos ex-combatentes de Parelhas que contou com a participação de uma delegação da Associação dos Ex-combatentes do Brasil – AECB. O ato, acima de tudo, foi importante para o reforço de uma memória coletiva desgastada pelo tempo e condições físicas de seus difusores, perante uma sociedade de leigos cuja maioria desconhece até mesmo sua história recente. Outra singela homenagem aos ex-combatentes ocorreu muito recentemente, no dia 19 de fevereiro de 2009 no mesmo lugar.

Figura 6: Praça do Ex-Combatente em Parelhas-RN, ao lado da Igreja Matriz. À esquerda, obelisco com o busto do capitão da Marinha Lauro Virgílio do Nascimento.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Outro espaço que pode ser considerado um dispositivo de memória de Parelhas, embora somente para poucos esclarecidos, é uma das mais antigas e conhecidas ruas da cidade: a Rua Lauro Virgílio. Esse é o único logradouro da cidade que conhecemos cujo nome homenageia um ex-combatente, embora boa parte da população não saiba o que significa essa palavra, muito menos quem foi esse cidadão. Aliás, esse “fenômeno do desconhecimento” parece fazer parte da cultura brasileira, tendo em vista que a grande maioria dos personagens que dão nome as ruas em qualquer cidade do país é desconhecida pela população, até mesmo muitos que se destacaram na história do Brasil. Um dispositivo de memória só pode ser classificado como tal se a imaginação o investe de uma aura simbólica, portanto, a Rua Lauro Virgílio, por exemplo, acaba despertando lembranças e trazendo a mente o significado daquele nome, embora para poucos que têm noção do que representa aquele personagem para a história da cidade, pois ler ou ouvir aquele nome instantaneamente nos remete ao personagem e a sua história de vida. Certamente essa rua tem um valor simbólico muito maior para um ex-combatente conterrâneo de Virgílio que por lá passa, do que para um simples cidadão que apenas sabe quem foi àquele personagem.

Não só seus lares e os objetos que os cercam constituem-se autênticos lugares de memória, mas também determinados espaços públicos remetem a lúcidas lembranças do passado, seja pelo nome do lugar, seja pelo que ele representa como símbolo de uma época ou cenário de uma experiência de vida, pois, como nos diz NORA (1993, p. 9), “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na

imagem, no objeto.” Ao longo deste trabalho os depoentes descrevem intensamente os espaços urbanos e rurais de sua época, pois são neles que se apóia sua memória, no meio espacial que os cerca e que, por enquanto, pouco mudou nessa cidade interiorana. Como nos fala BOSI (1994, p. 443), “As lembranças que ouvimos de pessoas idosas têm acento nas pedras da cidade presentes em nossos afetos, de uma maneira bem mais entranhada do que podemos imaginar.” São lugares como a praça, o mercado público, a igreja, o grupo escolar e, principalmente, os lares maternos, nos sítios, que permeiam as lembranças desse grupo estudado, que servem de referencia para suas informações e que, até hoje, pouco mudados, fazem parte de sua vida, sua história e identidade. Deixando seus lares rumo aos mais distantes lugares do país deixaram também suas raízes, o que para um menino da década de 1940 certamente era um desafio muito mais difícil do que nos parece hoje, tamanho o atrelamento de suas vidas ao espaço natal que hoje serve de depósito de suas memórias.

4.3. Acervos, esquecimento e heroísmo

“Essa predileção atual dos pesquisadores pelos conflitos e disputas em detrimento dos fatores de continuidade e de estabilidade deve ser relacionada com as verdadeiras batalhas da memória a que assistimos, e que assumiram uma amplitude particular nesses últimos quinze anos na Europa.”

Michael Pollak

Mais de sessenta anos se passaram desde o fim da Segunda Guerra Mundial e a volta dos soldados brasileiros para casa. Atualmente, passadas todas essas décadas, uma parte significativa da população brasileira ignora a participação do país nesse conflito ou nem mesmo sabe o que representa um ex-combatente, apesar de conviver com esse personagem.

Há muitos anos os próprios ex-combatentes, especialmente em suas associações, discutem o destino que darão a seus prédios, armas, objetos, livros e documentos, tendo em vista seu rápido desaparecimento em virtude da idade avançada. A guarda desse material muito provavelmente ficaria a cargo de seus descendentes, continuando esses acervos dispersos pelas diferentes cidades em seus lares ou mesmo fechados nos prédios das associações. Com o tempo constatou-se que seus familiares nem sempre estariam aptos a exercer tão importante tarefa, até por que muitos não se interessariam pelos referidos acervos, tendo em vista que esses objetos jamais teriam o mesmo significado que tiveram para seus pais; jamais trariam as mesmas lembranças ou emoções ou seriam guardados com tamanho zelo. Até a presente data, e em conversas informais com ex-combatentes, não temos notícias de órgãos ou instituições, como museus e universidades, que se interessem por esse patrimônio. Parece-nos que todo seu esforço para preservar sua memória, seja individual ou coletiva, terminará juntamente com sua existência entre nós, já que essa memória, atrelada principalmente a esses acervos irá se desgastar ainda mais com o passar do tempo, devido à dispersão e falta de cuidados com esse material.

Ironicamente nos últimos anos a única instituição que demonstrou algum interesse por esse grupo e seus acervos foram justamente as Forças Armadas. As mesmas que os tiraram de seus lares e os puseram na Guerra, mesmo a contragosto; que os desmobilizaram sem nenhum preparo prévio para retornarem a vida civil; que

durante anos os perseguiram, tachando-os de comunistas pelo simples fato de lutarem por seus direitos. Se a história nos mostra que o confronto com os militares nos primeiros anos do pós-guerra em busca de seus direitos muitos poucos benefícios lhes trouxeram, também nos mostra que a partir do momento em que estreitaram relações com as Forças Armadas conseguiram galgar êxito em determinadas reivindicações. A maioria das leis e benesses que os amparam hoje datam do período em que os militares governaram a nação. Também foi aí que os ex-combatentes passaram a ser convidados para os desfiles de 7 de setembro e demais comemorações cívicas; passaram a freqüentar, mesmo que esporadicamente, o ambiente das casernas em formaturas e cerimônias, passaram a apoiar o regime autoritário então vigente e, por outro lado, a atrair a ira dos esquerdistas.

Mesmo com algumas vitórias na mais longa e dura guerra que enfrentaram: a guerra por dignidade, muitos ex-combatentes tombaram nesse campo de batalha derrotados e exauridos pela luta. O sacrifício de deixarem suas famílias rumo ao desconhecido, sem saber se um dia voltariam à terra natal caiu no esquecimento de muitos e foi menosprezado por outros tantos, até mesmo por alguns dos próprios semelhantes que julgaram a defesa de um litoral repleto de espões e submarinos inimigos “algo insignificante”. Em muitos países beligerantes, como França, Inglaterra e Estados Unidos, os soldados foram preparados para o retorno ao convívio social. Na Alemanha, antes mesmo do início da Guerra, o governo já tinha um projeto de reinserção social para seus militares.²⁷⁷ Logicamente, o efetivo militar alemão era muito superior ao brasileiro, o que não justifica a forma como o Brasil desmobilizou seus soldados, entregando-os às famílias sem projetos ou assistência, traumatizados ou desempregados: “[...] *eu fiquei parado, desempregado, queria um ganho,*”²⁷⁸ recorda Ovídio Diniz que parece ser o depoente que mais sentiu a desmobilização. Os demais voltaram à dura vida no campo, “*arrancando toco*”,²⁷⁹ como diz Miguel Soares. FERRAZ (2003, p. 372) nos mostra que:

“Nem a sociedade brasileira, tampouco os soldados estavam preparados para este retorno. Não houve a criação de estruturas para administrar os problemas sociais e profissionais dos veteranos, dificuldades estas já conhecidas por autoridades militares e civis, no período entre-guerras, das principais nações beligerantes. Aliado a

²⁷⁷ FERRAZ, op. cit. 243.

²⁷⁸ Ovídio Alves Diniz. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 25-01-2004.

²⁷⁹ Miguel Soares de Azevedo. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 02-02-2008.

uma delas na guerra (Estados Unidos), e tendo baseado a instrução da maioria de corpo de oficiais em outra (França), as lideranças militares brasileiras desprezaram completamente o impacto militar e social do retorno de seus conscritos, tanto para eles mesmos quanto para a sociedade.”

Além das dificuldades de reintegração social, os ex-combatentes também tiveram que lidar com o esquecimento social progressivo, não só por parte das autoridades, que faziam leis que não eram cumpridas, como por parte da população que os cercava, cada vez mais desinteressada em suas histórias. Com o passar dos anos, sua imagem deixou de simbolizar o sacrifício da Guerra para atrelar-se ao regime de governo então vigente, quando ganhou termos pejorativos que passaram a defini-la. Muito provavelmente, eles próprios tiveram sua parcela de culpa nesse processo de difamação, mesmo que indiretamente, quando alguns exageravam nas “histórias da Guerra” ou mantinham comportamento anti-social devido a problemas decorrentes do conflito.

É importante destacarmos que, na maioria das vezes, há um relativismo preconceituoso em relação às Forças Armadas. Por causa de alguns torturadores, todos os demais militares tornaram-se torturadores nos discursos de muitos de seus críticos. Se existiam intolerantes e disciplinadores, todos os demais assim eram vistos. Foi o que aconteceu com os ex-combatentes brasileiros. Sua imagem, devido à aproximação de muitos com a Instituição, acabou sendo atrelada a esta. Suas lutas acabaram sendo interpretadas como lutas dos “militares torturadores” de uma forma geral; e, principalmente, sua memória, acabou confundindo-se com a memória oficial da Instituição militar, sem levar em conta suas peculiaridades e individualidades. Essas visões singulares da Guerra acabaram sendo postas de lado justamente por quem deveria trazê-las à tona, já que representavam uma contra-história à versão oficial heroizante e arraigada. Ao invés disso foram atacadas e marginalizadas por ambos os lados: militares e partidários da esquerda política.

Os arranhões nessa imagem, como exposto, tiveram importante contribuição do meio universitário brasileiro. Fato compreensível devido ao choque de ideologias acontecido entre estudantes e militares e a repressão sofrida pelos primeiros. Até hoje, passadas mais de duas décadas do fim do regime autoritário, o estudante universitário que se dispõe a trabalhar com historiografia militar no meio acadêmico brasileiro sofre

discreto, porém mordaz, preconceito.²⁸⁰ Insinua-se que seu trabalho seguirá a tendência de uma historiografia oficial que durante anos mitificou e glorificou os militares e seus feitos, num claro desconhecimento de novos e importantes trabalhos surgidos, ironicamente, de pesquisadores acadêmicos que os revestem de todo um rigor crítico.

Essa historiografia mitificadora e glorificadora que por tantos anos predominou no Brasil encontra-se corroída e desgastada por essas pesquisas acadêmicas inovadoras, tecidas com uma diversidade maior de fontes, dotadas de senso crítico aguçado e, acima de tudo, abertas a memórias consideradas até então “subterrâneas” pela historiografia oficial.²⁸¹ Esse tipo de trabalho que valoriza a memória de simples soldados que participaram da Segunda Guerra Mundial é importante também por quebrar um ciclo historiográfico onde a participação brasileira no evento era contada, predominantemente, por oficiais da ativa e reformados, criando assim uma visão generalizada, autoritária e inquestionável dos fatos, tendo em vista que vozes discordantes eram logo abafadas. Os depoimentos dos soldados trazem experiências mais ricas, visões mais detalhadas, sensações físicas e emocionais, personagens aparentemente sem importância mais que, por outro lado, são ricos em significados; isso vemos em depoimentos como o de Miguel Soares ao dizer que seus amigos conhecidos foram todos pra guerra “*e eu fiquei sozinho, no quartel esquisito, dormindo de noite no chão, só tinha percevejo.*”²⁸². É uma história de mais conteúdo, detalhes e curiosidades.

Apesar do referido temor de que uma história oral com ex-combatentes desperte uma auto-imagem de heroísmo, curiosamente essa tentativa não foi por nós percebida em nenhum dos depoimentos coletados. Muito pelo contrário, em suas memórias constantemente encontramos palavras e expressões referentes a medo, dor, angústia... : “*Eu sofri, fiquei nervoso.*” (Miguel Soares); “*Fui lá olhar e como dia 10 eu já devia me apresentar eu me aperreei.*” (José Matias); “[...] *eu enjoiei muito no navio.*” (Pedro Silvino). Se herói pode ser definido como “um homem extraordinário pelos feitos guerreiros, valor ou magnanimidade,”²⁸³ nem de longe essa imagem nos foi transmitida pelos depoentes, sejam expedicionários da FEB ou praieiros. Esses velhos

²⁸⁰ Colegas acadêmicos de outras universidades brasileiras que trabalham com História Militar, especialmente com a metodologia História Oral, nos confessaram certo desconforto por diversas vezes devido a escolha do tema de suas pesquisas. Felizmente, esse preconceito infundado parte de uma minoria preconceituosa que ainda concebe uma História Militar de forma diletante, irresponsável e auto-glorificadora. Comentários a esse respeito podem ser vistos nas teses de doutorado dos historiadores FERRAZ e MAXIMIANO, cujas referências encontram-se nas fontes deste trabalho.

²⁸¹ Como exemplo, os trabalhos acadêmicos presentes em nossa bibliografia.

²⁸² Miguel Soares de Azevedo. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 02-02-2008.

²⁸³ Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

soldados nos impressionaram acima de tudo pela simplicidade, qualidade essa percebida pela excelente receptividade em seus modestos lares (digna do povo seridoense); pela humildade com que se auto-retratavam nas diferentes fases de suas vidas; por todas as dificuldades que enfrentaram diante da omissão e ingratidão das autoridades do país; pelo jeito manso, meigo e às vezes ingênuo de se expressar, algo de criança que muito nos impressionou e que não sabemos definir exatamente. Estamos certos de que nada vimos de imponente ou arrogante nesses homens, até por que se existiu uma historiografia mitificadora dos feitos militares na Guerra (e de fato existiu), pouco ou quase nada foi lido por esse grupo de veteranos parelhenses, portanto, não acreditamos que tenham contribuído para uma memória social de exaltação de seus próprios feitos daquele período, tendo em vista que as referências aos ex-combatentes que ouvimos das pessoas da cidade ao longo dos últimos 15 anos nada tem de heróico, louvável ou mitificante, muito pelo contrário, sua imagem gera uma incógnita ou preconceito para muitos que não sabem o que representam esses homens para nossa história. Sobre a participação desses “soldados rasos” nessa memória oficial da Guerra MAXIMIANO (2004, p. 360) acredita que:

“Claramente, ocorreu o esforço organizado com o intuito de evitar que narrativas dissonantes surgissem, principalmente aquelas que se contrapusessem à corriqueira glorificação da guerra e da vida militar. Mas além do esforço de preservar a reputação de oficiais de carreira e da solidez do Exército, o próprio retorno à vida civil condicionava à situação de passividade e impotência.”

Essa passagem e o exposto no parágrafo anterior nos levam a crer que um trabalho acadêmico que tem como base relatos de simples soldados da Segunda Guerra Mundial não está totalmente livre de vícios do passado (como a glorificação dos feitos militares), mas pelo menos nos trará um novo lócus sobre o evento, uma visão de baixo, subterrânea, desconhecida, individualista, de dentro da tropa, visão que nos fará entender muitos aspectos desconhecidos dessa Guerra que mereciam vir à tona, tendo em vista a pouca exploração desse tipo de fonte. Infelizmente muitos veteranos não entendem a importância de seus depoimentos, de suas versões para a historiografia, até por que foram sempre postos à margem da mesma, “faltava-lhes a consciência de que seus testemunhos seriam preponderantes para uma maior aproximação da totalidade da

guerra.”²⁸⁴. Na contramão da historiografia oficial, percebemos em nossa pesquisa e nos demais trabalhos acadêmicos, usados como fontes, posturas anti-belicistas e até pacifistas como a de Severino Nicolau, que só foi para a Itália pensando em contribuir com a paz no mundo: “*A paz é mais importante que tudo. Já dizia Jesus: ‘Deixo-vos a paz, a minha paz, vos dou.’ Amei meus inimigos até o fim, nunca tive inimizade com ninguém na vida.*”²⁸⁵. Nicolau e os demais fazem parte de um grupo significativo de veteranos que repudiam a guerra e suas atrocidades, contribuindo para uma memória, quase sempre, divergente da oficial.

Além do questionamento dessa versão oficial da história da Segunda Guerra Mundial no Brasil, confrontando-a com outras versões que também contrariam estigmas e preconceitos em relação à historiografia militar, este trabalho também nos mostrou a relação intrínseca que a memória tem com o espaço, especialmente a memória de pessoas idosas que, frágeis pelo tempo, buscam sustentação no meio material que as rodeiam. Com tudo isso, nunca objetivamos colocar essas novas versões sobre a guerra e mesmo sobre a história de Parelhas como mais verídicas que as versões oficiais; muito pelo contrário, as fontes e este trabalho estão aqui para serem questionados e com isso aprimorados, aumentando o conhecimento sobre o assunto. Mesmo os depoimentos coletados, apesar da confiança em nós depositada, devem ser interpretados, assim como a memória oficial da Guerra, como mais um discurso construído e questionável que foi transmitido pelos veteranos da forma que acharam mais apropriada. De qualquer forma, ao conversarmos com os veteranos, nunca nos interessou saber exatamente o que aconteceu na Guerra, mas sim o que aconteceu com cada um deles e isso só eles, individualmente, podem nos contar, mais ninguém.

²⁸⁴ MAXIMIANO, op. cit. p. 362.

²⁸⁵ Severino Nicolau da Silva. Depoimento concedido ao autor. Parelhas, 05-04-1999.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ABRAHAM, Bem. **Segunda Guerra Mundial: síntese**. São Paulo: Sherit Hapleita do Brasil, 1985;

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2004;

ARAÚJO, Douglas. **A morte do sertão antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia**. – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006;

ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo** – São Paulo. Companhia das Letras, 1989;

BENTO, Cláudio Moreira. **Como Estudar e Pesquisar a História do Exército Brasileiro**. Brasília: Estado Maior do Exército, 1978;

BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra Mundial: brasileiros em combate, 1942-1945**. Rio de Janeiro - Expressão e Cultura, 1995;

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**. 7ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994;

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**. Civilização Brasileira, 1968;

BURKE, Peter. **História como memória social**. In: Variedades da história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000;

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001;

CORVISIER, André. **A guerra: ensaios históricos**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999;

COSTA, Sérgio Corrêa da. **Crônica de uma guerra secreta: nazismo na América: a conexão argentina**. – 2ª ed. – Rio de Janeiro. Record, 2005;

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo/Geração Editorial, 2000;

DA MATTA, Roberto. **A questão da cidadania num universo relacional. In: A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987;

DULLES, John W. F. **Getúlio Vargas – biografia política**, 2ª edição, Rio de Janeiro, Renes, 1967;

FALCÃO, João. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado** – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999;

FIGUEIREDO, L. **Grandes Soldados do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944;

HILTON, Stanley E. **A guerra secreta de Hitler no Brasil: a espionagem alemã e a contra espionagem aliada no Brasil, 1938-1945**;

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995;

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003;

KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995;

- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994;
- MACEDO, Antônio Pereira de. **Município de Parelhas: história, geografia e estatística**. Parelhas, 1943;
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Loyola, São Paulo, 1996;
- MONTEIRO, Denise Matos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. 3. ed. – Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007;
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisada**. São Paulo. Contexto, 2003;
- MORAES, J.B. Mascarenhas de. **A FEB Pelo Seu Comandante**. São Paulo: Ipê, 1947;
- MOTTA, Aricildes de Moraes (coord. geral). **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001 (8 tomos);
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, n.10, dez 1993;
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos** – São Paulo. Humanitas. 2000;
- PEDREIRA, Flávia de Sá. **Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal – 1920-1945**. EDUFRN, 2005;
- PINTO, Lenine. **Os americanos em Natal**. Natal: Sebo Vermelho, 2000;
- POLLAK, Michel. “**Memória, Esquecimento, Silêncio**”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, vol. 2 n. 3, 1989;
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007;

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas.** – Rio de Janeiro: Objetiva, 2007;

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos, 1930-1942: o processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial.** – São Paulo: Ed. Nacional; (Brasília): INL, Fundação Nacional Pró-memória, 1985,

_____. **O Brasil vai à Guerra.** Manole, 2003;

SILVA, Hélio e CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. **Segunda Guerra Mundial (1943-1944).** Rio de Janeiro: Editora Três, 1975;

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000;

SILVEIRA, Joaquim Xavier. **Cruzes Brancas.** Rio de Janeiro: José Álvaro, 1963, 2a edição;

SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial** – Natal (RN): EDUFRN, 2001;

SOARES, Leonércio. **Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira.** Edição do Autor, 1984;

THOMPSON, Paul R. **A voz do passado: história oral.** São Paulo. Paz e Terra, 1998;

WAACK, William. **As duas faces da glória. A FEB vista pelos seus aliados e inimigos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Teses e Monografias

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo tropical? O partido nazista no Brasil.** Tese de doutoramento. USP. São Paulo, 2007;

FERRAZ, Francisco César. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Tese de doutoramento em História Social. USP. 2003;

LIRA, Clarice Helena Santiago. **O Piauí em tempos de segunda guerra: mobilização local e as experiências do contingente piauiense da FEB**. / Dissertação de mestrado. UFPI. Teresina: 2008;

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Trincheiras da memória: brasileiros na campanha da Itália, 1944-1945**. Tese de doutoramento. USP - São Paulo, 2004;

MACEDO, Ranielle Cavalcante de Macedo. **Os pracinhas potiguares na Segunda Guerra Mundial**. Monografia. UFRN, 2004;

OLIVEIRA, Helena Lucena de Almeida. **Batalhas da memória: os pracinhas parelhenses na Segunda Guerra Mundial**. Monografia de especialização em História do Nordeste. CERES/Caicó-RN, 2001;

RIBEIRO, Patrícia da Silva. **As batalhas da memória: uma história da memória dos excombatentes brasileiros**. Niteroi, 1999. Dissertação de mestrado em História Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense;

SOUZA, Gueison Batista de. **Um outro lado da Guerra: um estudo sobre a presença do Exército Brasileiro na costa do Rio Grande do Norte durante a 2ª Guerra Mundial**. Monografia. UFRN, 2005;

FONTES

Depoimentos coletados pelo autor:

- Miguel Soares de Azevedo;
- Pedro Silvino da Silva
- Gerson Ramos da Silva;
- Ovídio Alves Diniz;

- Severino Nicolau da Silva;
- Norberto Gomes da Silva.
- José Matias da Silva

Depoimentos cedidos pela historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira

- Absolon Marques Mendonça;
- Antônio Marcolino Filho;
- José Barbosa Souza;
- José Cândido dos Santos;
- Luís de França de Azevedo.

Jornais e revistas

Revista História Viva. Edição 16 de fevereiro de 2005. Artigo de FISCHLER, Herssh. **O estopim da escalada nazista: o incêndio do edifício do Reichstag, o parlamento alemão, foi um ardil usado por Adolf Hitler para fechar o regime e tomar o poder.**

Revista Navigator, publicada pelo Serviço de Documentação da Marinha Alemã, nº 18, janeiro a dezembro de 1982. Artigo de ROHWER, Jürgen. **“Operações navais da Alemanha no litoral do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial”.** In. BONALUME NETO (op. cit. p. 53);

Jornal **The New York Times** de 20 de maio de 1940. In. FALCÃO (op. cit. p. 36);

Jornais **Folha da Manhã,** de São Paulo; **Correio da Manhã** e **Diário da Noite,** do Rio de Janeiro; **Estado da Bahia** e **A Tarde,** de Salvador; **Voz do Povo** e **A Razão,** de Aracaju. In. FALCÃO (op. cit. p. 57);

Dicionários

- Dicionário Aulete da Língua Portuguesa;
- **Mini-dicionário Aurélio da Língua Portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Sites da Internet

- Censo demográfico e econômico de 1940, relativo ao Rio Grande do Norte;
http://biblioteca.ibge.gov.br/colecao_digital_publicacoes_multiplo.php?link=CD1940&titulo=Censo%201940
- Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas - CPDOC/FGV
<http://www.cpdoc.fgv.br>
- IDEMA (Instituto de Defesa do Meio Ambiente):
<http://www.rn.gov.br/secretarias/idema/perfil/Parelhas/Parelhas.doc>
- Naufrágios do Brasil
www.naufragiosdobrasil.com.br
- Parelhasnet
<http://www.parelhas.net/>
- Poder Naval Online
<http://www.naval.com.br/historia/perdas/hist02.htm>
- Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão no Estado de São Paulo
http://www.radialistasp.org.br/hist_radio.htm
- Wikipédia Enciclopédia Livre
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Integralismo>

Documentários Cinematográficos

- BACK, Sylvio (dir.). **Rádio Auriverde**: a FEB na Itália. Rio de Janeiro: Embrafilme, 35 mm, preto-e-branco, 70 min., 1991;
- CASTRO, Erik de. (dir.). **Senta a Pua!** Rio de Janeiro. BSBCinema – 112 min. 2000;
- REIS, Vinícius. (dir.). **A cobra fumou**: Brasília, BSBCinema – 1h34min. 2001;
- SACCONE, Rodrigo. (dir.). **FEB: heróis esquecidos**. Novo Hamburgo - RS. TVFeevale.

ARQUIVOS

Arquivos públicos

- Arquivos do CPDOC/FGV;
- Arquivo Municipal de Parelhas;
- Arquivo da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção de Natal;
- Biblioteca Municipal de Parelhas.

Arquivos pessoais em Parelhas-RN

- Hugo Macedo (Arquivo fotográfico)
- Maria Madalena da Silva
- Norberto Gomes da Silva
- Severino Nicolau da Silva
- Ulisses Bezerra Potiguar

ANEXOS

José Matias da Silva

Eu nasci no Boqueirão [sítio Boqueirão, município de Parelhas]. Na minha mocidade trabalhei na agricultura e como matuto, tangendo burros para o Brejo [região da Paraíba]. Eu morava com meus pais. Eu e meu pai éramos matutos. Eu era [matuto] desde rapazinho novo e ia muito com Pedro Cândido para o Brejo. Carreguei muito algodão para ele. Um dia meu pai perdeu um braço no vapor de Seu Custódio e eu fui para Caicó com ele acompanhar o tratamento. Depois disso eu assumi os burros e passei a ir para o Brejo sozinho.

Certo dia fui sorteado para a Guerra. Um cabra sem vergonha foi lá dizer ao homem que eu tinha idade. Só ia [para a Guerra] quem era registrado e eu não era. Botaram-me como classe de 19 [1919], mas eu era de 18 [1918]. Disseram-me que eu estava na lista que ficava na porta do mercado, aí na segunda-feira vim correndo para a rua confirmar a notícia. Fui lá olhar e como dia 10 eu já devia me apresentar eu me aperreei. Comprei duas carteiras de cigarro e uma caixa de fósforos e comecei a fumar feito doido. Corri para Papai, mas não teve jeito. Tive que ir.

Eu era o dono da casa quando fui sorteado, porque Papai estava inválido. Eu era arrimo de família. Éramos três homens em casa, eu era o do meio e o mais velho fugiu de casa por conta de jogo de bola (futebol). Papai não queria que eu jogasse. Se um filho dele chegasse em casa com a perna quebrada ou um pé inchado, ele dava uma pisa. Até me chamaram para jogar, mas eu morria de medo de Papai descobrir e fiquei em casa mesmo. Meu pai era intrigado de jogo, não gostava não.

Certo dia, peguei “o sopa” [caminhão] para Natal. Almoçamos em Currais Novos e chegamos a Natal no mesmo dia, no fim da tarde. Fui direto para o quartel receber instrução. Nós servimos um ano e meio, quase dois. Fizemos inspeção de saúde com 40 sorteados de Jardim [Jardim do Seridó] e de Parelhas e ficamos no quartel. Em Natal só tinha um batalhão.

Em 40 [1940] o povo só falava nessa Guerra, só nela o dia todo, aqui em Parelhas e principalmente em Natal. Fiquei na 1ª Companhia onde a comida era boa, mas o problema é que tinha mosca demais, mas a gente não podia reclamar. Eu era brasileiro e tinha que ir, além do mais Getúlio Vargas era um governo bom e a gente tinha que servir.

Quando cheguei a Natal passamos mais de um mês recebendo instrução, a paisano, no quartel sem vestir a farda. Só vestimos a farda no 1º de novembro. Vestimos de noite. Tinham dois caras daqui, de Parelhas, ali do Boqueirão, que me chamaram para desertar, mas eu disse: “eu não deserto não! Eu morro nessa desgraça, mas eu não deserto não porque não sou covarde. Agora, se vocês tivessem me chamado no dia em que vestimos a farda, ou quando nos apresentamos eu ia embora.” Eu só fiquei mesmo porque eu era brasileiro. Ora, o camarada que não serve o Exército não é brasileiro. Aí nós vestimos a farda de noite e na mesma noite peguei um sargento infeliz de ruim que passou a me marcar sem eu ofender o cachorro da moléstia. Ele queria que eu desse 50 mil réis a ele e eu não dei, aí ele ficou com raiva. Eu disse a ele: “sargento, primeiro eu não tenho, e não vim para aqui emprestar dinheiro não. Eu vim servir para tirar meu tempo.” Eu não sabia o que diabo era o Exército não. Eu só ouvia falar, mas não sabia como era não. Na noite que vestimos a farda o sargento me escalou logo no serviço. Era pra apresentar armas ao capitão e se o camarada não souber...

Quando eu fui tirar o serviço, às 10 horas para 10 e meia, o capitão foi lá e eu apresentei armas, fiz ombro arma e ele passou. Ele viu que eu fiz direito, fez a continência, um

gesto com a cabeça. Ora, se o capitão passar e você não fizer a continência direito, ele pune aquele praça. Pode prender aquele praça.

Só voltei para Parelhas depois que acabou aquela Guerra. Vim tanger burro de novo. Agora, o meu desmantelo foi no dia em que fomos licenciados... Eu ganhava 21 mil réis. Lá eu cortava o cabelo do jeito que eles queriam. Era para tirar [o cabelo] duas vezes por semana e eu tirava. Aquele sargento que não gostava de mim disse uma vez que no outro dia ia haver formatura e ele ia reparar qual era o praça que estava com cabelo grande. Nesse dia eu tirei a barba e o cabelo duas vezes com medo daquele infeliz me dá uma cadeia. E eram 40 dias. Ora, se eu pegasse 40 dias eu não saia nunca mais do xadrez... Do jeito que eu já tinha sofrido nessa desgraça. Mas nesse dia o infeliz não tomou nota não do meu nome, senão eram 40 dias na certa. Apesar disso eu gostava do quartel. A vida ali era até boa... Só tinha de ruim esse sargento, porque os tenentes eram muito danados de bom. Naquela época eu não tinha medo de nada, eu ia para todo canto rapaz, até para Itália.

Lá em Natal tinha muita gente de Parelhas, tinha um bocado. Apesar de todo o sofrimento valeu muito a pena.

Miguel Soares de Azevedo

Meu nome é Miguel Soares de Azevedo. Nasci em 22 de novembro de 1922 no sítio Suçuarana, em Parelhas. Essa foto foi lá na Universidade.²⁸⁶ Esse menino aqui me botou para falar. Eu disse: “não sei falar não, sou maluco”, mas falei muito. Eu morava no sítio antes da Guerra. Com dois dias de nascido fui para Várzea do Barro [zona rural de Parelhas], onde passei 11 anos. Depois fui sorteado para o Exército em 1943. Morei em três cantos, sofri muito. Morava na Serra das Queimadas e fui sorteado em Jardim [Jardim do Seridó-RN]. Daqui para lá era estrada de barro, tempo de sofrimento. Alistei-me, fui para o BCC e passei 10 dias dormindo no chão. Recebi o nome de guerra, passei 7 dias em Ponta Negra e voltamos para a cidade no tempo que a Guerra arrouchou. Eu fiz exames no quartel. Tinha um tenente que era muito meu amigo e disse que podia falar com um medico para ele me tirar, aí fui para o hospital militar fazer todo tipo de exame e dali fomos para Recife. Lá tinha 10 mil homens para fazer exames de manha e de noite, todos nus, um atrás do outro. Aí passei... Li o boletim e passei; então o major deu 10 dias de licença para a gente vir para Natal e depois para casa, tomar a benção aos pais, na Serra das Queimadas. De lá vim para rua e da rua peguei o carro para Natal. Minha mãe ficou muito aperreada, chorou demais dizendo que eu ia morrer. O povo na rua assombrado... Que besteira rapaz! Aí fui e peguei bexiga, passei quase 5 dias baixado em Natal. Quase que morro com a bexiga. De lá fui para Recife, mas a FEB²⁸⁷ já tinha embarcado. Fiquei lá em Recife esperando outro contingente (da FEB), o 3º escalão. Eu ia no segundo mas não deu. Fui para Natal esperar lá, me apresentei no quartel e perguntaram se eu queria ir para a Itália. Eu disse: “vou na hora”, mas só que a Guerra acabou e foi uma festa medonha no quartel, em Natal. Antes disso já tinha gente se mudando de Natal pela proximidade com a guerra, lá era bombardeado na hora. O povo todo aperreado.

Mandaram-me fazer um curso em Recife e eu passei 4 dias lá, aí fiquei na boa, trabalhando e ganhando bem. O cabra ganhava bem naquele tempo. Dei baixa em vez de ter engajado mais. Perdi a chance de ir para a polícia, entrar como cabo. Podia ter trabalhado lá, tava tudo pronto e vim embora. Casei-me, o tempo passou, fui arrancar toco, trabalhar... Aí foi que veio isso aqui [aposentadoria de ex-combatente] dado por Deus. Me aposentei, tenho INPS, mas demorou demais. Hoje tenho todos os direitos. Com essa carteira aqui por onde eu passar o povo respeita. Certo dia nós vínhamos de Natal, aí a Federal [Polícia Rodoviária Federal] me parou. Quando eu mostrei a carteira ele falou: “pode passar”, não quis nem ver mais nada. Ônibus... É por que eu não quero mais usar [se refere ao fato de não pagar passagem nos ônibus].

Quando voltei de Natal me casei e fui morar no sítio. Quem passou quase 4 anos numa vida boa... Minha mulher bonita, noiva e fui arrancar toco. Depois fui negociar com uma bodega. Passei 18 anos. Meus filhos todos estudaram, nunca trabalharam. Inácio de Loiola, que morreu, era sabido, todos são sabidos. Naquele tempo tinha muito minério, eu vendi demais. Era só eu. Hoje tudo é em saco, antes era só no papel. Mas papel é sebo, por isso que não querem mais. Pois é, eu fui para Caicó, fui entrevistado lá, foi muita festa mesmo, todo mundo arrumado, eu em pé lá disse: “eu quero falar”, disseram que podia e acharam bom demais. Eu contei toda minha vida, ele (Muirakitan) me abraçou e tirou uma foto comigo. Fui para Jardim do Seridó; lá estava cheio de gente e eu com a bandeira do Brasil junto com um bando de malucos [outros ex-combatentes].

²⁸⁶ O depoente logo de início mostra uma foto sua com o professor Muirakitan Macedo da UFRN/CERES/Campus de Caicó.

²⁸⁷ Força Expedicionária Brasileira

Eu já fui marchar em Natal, no 7 de setembro. Eu sei marchar. Lá era aberto, cheio de velho ex-combatente, e marchei do começo ao fim. Aplaudiram a gente do começo ao fim. No final um moço no carro me chamou e me deu os parabéns, eu me arrepio todinho. Ano passado me chamaram mas eu não quis ir, mas próximo ano eu vou, eu acho bom. Os lesados daqui não vão. Aqui tem bem uns 20 abetalhados que não saem para nem um canto, acredita? Conheço Caicó, Jardim, todo canto. Antes da convocação eu conhecia Campina Grande, Patos, Caicó... Cidades da Paraíba. Jogava bola e apanhava muito. Sofri muito, fiquei nervoso, passei quase um mês em Recife pronto para ir para a Itália, no quartel em Olinda dentro dos matos. O quartel era grande e eu dormia dentro dos matos, tinha que me esconder. Eu fui ao comandante e falei: “Major, quero permissão para ir para cidade, já que eu estou aqui para ir para Guerra, quero dá uma volta em Recife”. E ele deu permissão e fui para Recife andar. Era longe. Tudo lá era longe, mas a gente ia andar. Graças a Deus! Eu sofri, fiquei nervoso. Meu amigo, você ter família... Meus amigos conhecidos foram todos para a guerra e eu fiquei sozinho, no quartel esquisito, dormindo de noite no chão, só tinha percevejo. Tomava café e ia para dentro dos matos. É negócio de doido. Não fazia nadinha no quartel, ficava de contingência esperando para embarcar no próximo contingente, mas peguei bexiga e quase que morro. Se você vê, eu sou todo pelado ainda.²⁸⁸ Fiquei no hospital e a pele largou todinha. Passava uma pomada vermelha. Ouvia tanta coisa da guerra... Tinha um cabo, colega meu, que morreu. O cabra chegava e dizia: “fulano ou sicrano morreu”. As bombas lá pegavam e estouravam o cara todo. Eles pegavam um cabo brasileiro e matavam, espancavam... Um colega meu chegou daquelas cidades e disse que lá era uma tristeza, que andava naquelas cidades todas abandonadas. No quartel diziam que se nós fossemos para a guerra e víssemos algo de valor, de ouro, para que não pegasse, pois podia ser uma armadilha, podia detonar. Mesmo assim nós ganhamos. Brasileiro é demais mesmo. Eles subindo o morro e os alemães atirando de metralhadora. Eles me contavam que lá fazia pena, muita gente estropiada, lascada, perna quebrada, corpo rasgado por estilhaços de bombas. Eles no quartel me contavam tudo. Morreu muita gente. Lá tem cemitério brasileiro.

Lá em Recife eu estava pronto para tudo. Só ficava nervoso, porque vivia só, dentro dos matos escondido. Eu tinha medo de ir sozinho para a Itália, sem conhecidos. Quando vai uma turma grande é bom... Mas valeu a pena. Eu encarei, graças a Deus fui e voltei e meu ganho hoje foi Deus quem deu. Se fosse hoje eu ia de novo. Não sou covarde, não tenho medo. Ficava só, mas Deus me ajudou. Hoje não pago imposto de renda, nem imposto de casa, tenho direito a advogado de graça... Muitas coisas.

A comida no quartel era boa, nunca achei ruim. Tinha carne todos os dias e eu comia a vontade. No café era pão com manteiga... A janta era boa, comia a vontade. Eu gostava. Lá em Natal faltava comida, mas no Exército não faltava. Matavam muitos bois lá. Tinha quartel com 10 mil pessoas para pegar o rancho [refeitório do quartel]. Depois que eu fui trabalhar de armeiro fiquei na boa, mexendo com mosquetão, revólver... Quem mandava lá era eu. Só não gostava quando chegavam melados de areia, por que eu tinha que limpar, mas eu tinha uma turma para me ajudar. Mas era bom... Eu só namorando, raparigando... Mas meu filho, mulher era demais. Peguei mulher demais. Hoje graças a Deus vivo bem, mas minha mãe chorou muito na época. A gente ganha bem, tem todos os direitos, não pagamos impostos, tenho direito a empréstimo de 27 mil.

Aqui [em Parelhas] teve muitos convocados, principalmente quando a Guerra arrouchou mesmo. Foi a cidade onde mais se chamou no Brasil, dos 18 aos 21 era convocado, o

²⁸⁸ O depoente mostra as pernas sem pêlos.

resto era sorteado. Conhecia todos os convocados, um bocado já morreu, eram meus amigos. Eu sofri, dormi no chão numa barraca. De meia noite tocava uma corneta e todo mundo tinha que entrar em forma, era uma putaria do diabo. Eu andava com um capitão do Exército e achava muito bom. Sofri mas também achei bom. Tinha muitos estrangeiros que falavam com a gente, mas a gente não entendia nada. Tinha demais. Agora, brasileiro é muito ladrão, por que os que iam trabalhar em Parnamirim roubavam eles demais. Colchas, lençóis, calçados... Tinha muito americano. Você entende a fala deles? Eu não sabia nem o que fazer quando eles falavam.

Norberto Gomes da Silva

Eu não me acostumei com Natal naquela época, não me acostumei de jeito nenhum. Eu ia para rua e tomava caldo de cana gelado com [manzoá]²⁸⁹ aí chegava no quartel e ia dormir... Fiquei uns dias doente lá.

Eu nasci em 7 de junho de 1923 em Parelhas. Passei meus primeiros anos no sítio Tamarinheiro, aqui pertinho da rua. Eu trabalhava lá com meus pais, e na época que caí no sorteio eu era matuto. Matuto era aquele que andava para o Brejo tangendo jumentos. Eu tinha cinco jumentos que tangia para o brejo, aí quando foi um dia eu cheguei em casa e mãe disse que eu tinha caído no sorteio, no mês de outubro de 1942. Eu tinha acabado de chegar com um comboio de rapadura. Eu vendia rapadura. Possuía três garrotes, duas vacas e cinco jumentos. Aí Papai disse: “você vai vender os jumentos!”. Só que eu tinha um irmão que morava nas Graúnas [sítio da região] e pensei: “eu vou dar um garrote para ele ficar com meu gado até eu voltar”. Aí ele falou: “Homem, eu acho muito bom porque eu estou sem leite, eu fico com o gado até você voltar”. Quando eu cheguei [em casa] contei a história para Papai e ele disse: “você não fica com uma rês aqui, por que pode o ano que vem ser seco e ele não ter onde escapar esse gado, morrendo tudo. Você vai vender tudo.” Aí eu disse a Papai para vender o gado que eu vendia os jumentos. Ele vendeu o gado por um conto de réis; as cinco reses. Daí ele me perguntou: “o que é que você vai fazer com esse dinheiro?”, aí eu disse: “esse dinheiro o senhor fica com ele. Quando eu chegar, o senhor, se ainda tiver, me dá.” Então peguei os cinco jumentos e fui atrás da serra vender. Papai ainda me disse: “venda os jumentos mas não venda as cangas”. Quando eu cheguei lá o camarada comprou tudo. Agora, ele disse que só comprava os jumentos se ficasse com as cangas. Então eu fiz o negócio por 500 mil réis.

Quando cheguei em casa Papai disse: “mas não vendeu as cangas não...”. “Ora Papai! Foi a primeira coisa que o cara disse que comprava”. Só lembro que deixei esse dinheiro com Papai e fiquei com cem mil réis para ir para Natal. Ora! Eu aqui, morando em casa, não faltava nada... Eu acordava às cinco horas, tomava café com bolo até topar e ia trabalhar.

Aqui tinha escola, mas essa história da escola já é outra. O grupo sabe onde era? Ali onde é a prefeitura. Lá tinha o primeiro, o segundo e o terceiro anos... Na prefeitura. Naquela época eu só conhecia o Brejo. Saí pela primeira vez para Natal. Nunca tinha ido lá. Já pensou se não fosse o Exército? Ainda hoje não conhecia Natal.

Naquela época o nosso divertimento era juntar cinco companheiros nessa beira de rio e ir caçar raposas. O divertimento nesse tempo era esse. Não tinha outro. Depois fui crescendo e fui arranjando namorada. Depois já tava na rua. Nós vínhamos para a rua de noite... Passava um pedacinho e voltávamos para o sítio. Era tão ruim a época, que a gente vinha para as festas e as moças vendiam umas florzinhas para a gente botar nas gravatas. A gente todo engravatado, de paletó, e elas botavam aquelas florzinhas nas nossas gravatas, nas épocas de festas, e cobravam 5 tostões. Quando foi uma noite, nós estávamos na praça, eu e um companheiro, e lá vinham as moças com as florzinhas. Ele disse: “olha rapaz, lá vem as meninas vendendo flor e o dinheiro que eu tenho é dez tostões.” Então corremos para a festa. Passamos um pedaço lá e quando procuramos, elas não estavam mais vendendo. Naquele tempo era assim: ninguém tinha dinheiro para fazer nada. Hoje os netos chegam e dizem: “Vô, me dê aí 100 reais.” E é só puxar e dá.

²⁸⁹ Palavra mais apra oximada do que foi possível ouvir.

Bem, depois disso eu fui para Natal. Meus colegas casaram e eu fiquei lá. Depois quando cheguei fiquei sozinho aqui [em Parelhas] e aí inventei de casar também. Casei-me e estou assim até hoje.

Eu tinha notícias da Guerra pra danado. Essa Guerra começou em 17 [1917]. Quando a gente ia para a missa, o Monsenhor ²⁹⁰ falava: “A Guerra está grande, a Guerra está grande. Quanto mais passa o tempo, mais a Guerra cresce.” Então em 42 [1942] o Monsenhor disse: “O Brasil entrou na Guerra, o brasileiro vai para a Guerra. Aí foi muita gente... Foi o tempo que eu fui. Passei um ano em Natal e depois de um ano nós fomos transferidos para São Paulo. Eu passei 6 meses em Caçapava [estado de São Paulo]. Durante esses seis meses veio o chamado para a Guerra. Tiraram 40 praças, onde eu fui um deles.

Fiz três exames para a expedicionária [Força Expedicionária Brasileira – FEB] lá em Caçapava. No derradeiro exame passei e fiquei aguardando o chamado para ir a Guerra. Eu e mais cinco. Isso era no mês de fevereiro. Aí passou fevereiro, passou março e chegou ordem para juntar os pracinhas no quartel. Então falei com o sargento-de-ante para ver se não podia dar baixa. Ele disse: “não pode porque você é expedicionário, vocês serão chamados e nessa hora se preparem para ir”. Então ele me disse: “mas vá falar com o capitão”. Aí o capitão me disse: “Não! Você não vai não! Essa Guerra já vai acabar e vocês não vão mais [para o *front*]. Se vocês ficarem aqui engajam por mais dois anos e ficam aqui, não vão nos dá trabalho nenhum.” Mas aí eu pensei: “mas rapaz, são 18 meses sem ir em casa...” Então nós demos baixa, lá em Caçapava, no dia 31 de março de 1945. Daí fomos para o Rio esperar transporte para Natal. Passamos 47 dias no Rio, dormíamos no chão, esperando passagem e não tinha passagem para nós de jeito nenhum. Quando foi um dia um capitão disse que tinha um navio para Natal, mas era um navio muito ruim de viajar porque era um navio cargueiro. Era muito ruim, não era bom de viajar nele. Aí eu disse: “se o senhor levar a gente para o Norte eu vou até dependurado”. Aí os outros disseram que também iam e ele arrumou as passagens. Aí pegamos esse transporte para Recife e passamos 6 dias em Recife. Do Rio para Recife. Esperamos 6 dias e o trem chegou. Nós saímos de Recife de 6 horas da manhã para Natal. De Natal para aqui [Parelhas] a passagem foi 5 mil réis.

Lá (em Natal) me deram um saquinho pequeno com uma banana, um pedaço de salame e uma farofinha para passar o dia. Uns deixaram lá mesmo e não quiseram comer aquilo. Daí nós vimos de caminhão de Natal até aqui [Parelhas]. Saímos de Recife de 6 horas da manhã e chegamos a Natal às 12 horas da noite, na estação das Rocas. Chegamos a Natal morrendo de fome e fomos para o Alecrim em busca da feira e de lá fomos para o Alecrim. Tinha um tio meu que morava em Natal e quando o dia amanheceu eu fui para casa dele. Tinha um motorista de Campina que tinha entregado mercadoria em Natal e vinha de lá para Campina com o caminhão cheio de caixas secas. Eles arranjaram passagem de lá para cá. Eu disse que ia também.

Quando nós saímos de Natal para vir para cá [Parelhas] eram 5 e meia. O motorista tinha um ajudante. Nesse tempo eles tinham ajudantes e eu vi quando o ajudante chegou com um queijo e disse: “botem esse queijo aí para nós levarmos”. A gente morrendo de fome... Meus colegas pegaram no sono e eu peguei uma lasca de madeira do caixote e tirei um pedaço do queijo. Acordei os caras e nós comemos, nós comemos queijo até não querer mais. Quando chegamos a Parelhas era domingo, às 5 e meia da tarde. Aí o motorista perguntou: “E o queijo como vai?” Antes eu tinha mandado os companheiros irem embora rápido. Então o ajudante disse: “Homem, comeram o queijo quase todo”; e o motorista disse: “rapaz não diga isso não!” Aí eu perguntei bem sério: “E esse queijo

²⁹⁰ Monsenhor Amâncio Ramalho Cavalcanti, pároco da cidade à época.

não era daqueles rapazes que desceram quando entrou na cidade não?” E o motorista disse: “É não rapaz, esse queijo é uma encomenda que vou entregar lá em Campina Grande”. Ele me disse tanto desaforo, me esculhambou. Só tinha um pedacinho... Nós comemos tudo na viagem. Pergunte a Pedro que mora bem aqui [Pedro Silvino, vizinho do depoente]: “Você comeu do queijo que Norberto comeu?”.

Nessa viagem vínhamos eu, Pedro de Seu Durlino [Pedro Silvino] e Abílio. Era só três. Fazia 2 anos que não via a família e fui direto para casa. Minha mãe tinha feito promessa para eu não ir, mas eu fui e disse: “Mãe não faça promessa não que eu quero ir para ficar”. Eu tinha vontade de ir demais. A pessoa perder uma oportunidade dessas... Agora é o seguinte: eu servi o Exército e fui submisso. Eu sou de 1923, e me botaram como nascido em 22 [1922]. A minha mãe chorava, passava o dia chorando, chorou até eu chegar. Um dia escrevi a Papai dizendo que tava muito bem lá e ele me disse: “se tiver achando bom fique aí”.

Rapaz, mas a comida era de amargar! Era batata doce cozinhada com carne verde. Eram uns tachos deste tamanho ²⁹¹ cozinhando batata com carne verde. Tinham umas mesas grandes lá e quando nós chegávamos da instrução a mesa estava preta de mosca.

Naquela época aqui em Parelhas o povo se aperreava muito, falava que os sorteados que iam para a Guerra não iam voltar, e nós éramos sujeitos a ir e não voltar. Não era certo voltar daquela Guerra. A gente tinha que ir, era brasileiro e tinha que ir. O caminhão saiu daqui cheinho, a classe de 22 [1922] foi toda. Só eu que botaram de 22, mas eu era de 23. Foi o tabelião que fazia a lista dos sorteados e me mandou para Natal, aí ele reparou que tava errado e mandou me chamar porque eu era “de menor”. Então ele disse que ia fazer um bilhete com a assinatura dele e o carimbo do cartório para eu levar para Natal e entregar ao Exército para voltar de imediato. “Não fique no Exército não que você é muito novo”. Aí eu botei o bilhete no bolso, mas quando cheguei lá eu peguei aquele papelzinho e enfiei no lixo. Pois é, eu não voltei porque não quis mesmo. Agora lá passei uma fome desgraçada. Quando eu cheguei a Natal fiquei na casa do meu tio que morava na Praia do Meio. Eu fiquei na casa dele o dia todinho. Fiquei calado o dia todinho imaginando como era que eu ia me apresentar no Exército. Quando foi de tardinha meus amigos passaram na casa de meu tio e me perguntaram se eu queria ver onde era que eu ia me apresentar, e me levaram para as Rocas. “Olhe, você vai se apresentar aqui e daqui eles te levam para o quartel”. Eu queria me apresentar logo, com medo de voltar depois e não acertar o lugar. E eles diziam: “Homem não se preocupe, nós vamos vir deixar você aqui”. Aí eu dei o nome, me inscrevi e fiquei ali. Com um pedaço encostou um caminhão. Nós subimos no caminhão, fomos para o quartel e eles nos soltaram ali. Aí ficamos. Eu sentado. A mala tinha ficado na casa de meu tio e eu só fui com a roupa do corpo. Aí ficamos lá, eu e outros quatro. Deu seis e meia, deu sete horas e eu pensando onde é que nós íamos dormir hoje. O militar disse: “venha aqui!” E levou a gente para dentro do mato e vimos um lastro de barracas, barracas de lona. Aí abriu uma barraca e disse: “pode ficar aí, vocês vão dormir ai hoje”. Era no BCC lá dentro dos matos. Mas rapaz... Nós ficamos por ali e nos deitamos no chão. Quando foi com um pedaço foi chegando os outros sorteados e querendo entrar na nossa barraca e nós mandamos para as outras barracas porque a nossa já tava cheia de gente. E dormimos no chão até o dia amanhecer. Passei meses nessas barracas dormindo no chão. Depois é que trouxeram umas redes, mas aí apareceram pulgas que só... As pulgas se fincavam embaixo da rede, a gente passava a mão para tirar e chega caía aquele monte no chão. Durante o dia era instrução. Quando davam seis horas, nós acordávamos e entrávamos em fila de calção e pé descalço, quando davam física [educação física] até

²⁹¹ Depoente abre os braços mostrando o tamanho dos tachos.

às sete horas, descalços. Aí quando terminava, todo mundo molhado de suor entrava no banheiro. Era um banheiro que cabiam todos. Era um monstro. Dez minutos para tomar banho, rancho e entrava na fila para cada um pegar um mosquetão ²⁹² e correr. Corríamos e quando mandavam se deitar era para se deitar. Podíamos está em cima de uma coivara de espinho, aí a gente se jogava no chão. Aí nós ficávamos enterrados no chão e depois nos levantávamos... Outros passavam por debaixo, outros pulavam, até dez horas, e depois de dez horas, para o quartel. Chegávamos, tomávamos banho, dez minutos para o banho, trocávamos de roupa e pegávamos o rancho [iam para o refeitório]. Entrávamos em fila de novo para pegar o rancho. A derradeira companhia quando pegava o rancho era 11 e meia, de tanta gente que tinha na fila. Eu via os amigos de Parelhas e um primo. Tinha Pedrinho [Pedro Silvino], daqui de Parelhas. Eu servi com ele 18 meses. Fomos de navio para Caçapava. Pedrinho enjoou no navio e passou 8 dias na rede sem comer. Ah! Ia um navio de Guerra na frente, um atrás e dois dos lados e nossos navios de transporte no meio com medo dos alemães. Puxava 12 milhas por hora. Aí quando nós chegamos a Cabo Frio o mar era tão bravo que a Maré quando batia no navio lavava. Aí víamos um sinal encarnado que piscava direto. Esperamos, subimos na polpa do navio, todos com salva vidas, e era sinal encarnado para todo lado. Isso chega arrepiou e ninguém dava uma piada, ninguém conversava nem acendia um cigarro. Tudo no escuro e todo mundo com medo. De repente, quando foi negócio de 3 horas, saiu um sinalzinho branco lá longe. Aí bandeira branca... Bandeira branca... E quando foi de três horas todos os navios estavam de bandeira branca. Tinha um avião em cima, direto, o tempo todo. Depois disso tudo desembarcamos de manhã.

No quartel ouvia falar na Guerra direto. Tinha um filme rapaz, todo dia a gente assistia o filme dessa Guerra que nós íamos para ela. Foi quando chegou um general e reclamou: “Como é que pode ficar passando um filme da Guerra que os pracinhas vão para ela?” Desse jeito ia desertar era muito, com medo da Guerra. Por que o que passava lá na Alemanha, passava para nós vermos. Ôche! Eles falavam direto da Guerra. Agora, quando a Guerra acabou, foi no dia 8 de maio de 1945, antes disso tinham me liberado. Mas foi festa! Os navios tinham todos aquela buzina. Agora nos quartéis ninguém nem entrava nem saía. Agora, quando nós chegamos a Recife eram 12 horas da noite, mas só podia entrar (no porto) de seis da manhã. Era quando uma canoa vinha nos buscar para nós podermos desembarcar. Mas com pouco lá vem um avião e deu uma voadada no navio, uma reboada e foi-se embora. Aí os marinheiros ficaram com medo porque não tinha a bandeira branca.

Eu não tinha medo de ir para a Itália, tinha não. O camarada quando tem 20 anos não tem medo de morrer não. Eu não tinha medo de morrer de jeito nenhum. Eu queria ir para Fernando de Noronha e meus colegas diziam que eu era doido, porque se o Brasil fosse atacado, se a Alemanha vencer o Brasil, Fernando de Noronha era o primeiro lugar a ser atacado.

Quando pedi baixa voltei para Parelhas e fui trabalhar na agricultura. Meus bichos, não achei mais nada. O que achei aqui foi um conto de réis que Papai guardou para mim. Tinha uma bodega ali e Papai disse que ia comprá-la para mim. Ora, eu tinha passado quase dois anos preso, eu queria lá bodega... Aí eu disse: “Papai me dê aqueles cinco jumentos que eu andava para o Brejo”. Aí eu fui andar para o Brejo de novo. Andei 6 meses para o Brejo, toda semana eu ia. Aí não tinha o que fazer, casei, e estou até hoje. No Exército eu juntei 400 mil réis. O tenente disse: “botem dinheiro na poupança que vocês vão dar baixa”. Aí eu passei dois meses juntando e juntei 400 mil réis. Agora lá

²⁹² Espécie de rifle.

[em Caçapava] teve cabra que veio só com a roupa do corpo. Tudo que o cara ganhava estragava. Mas deixa que eu gastei todinho no Rio. A gente no Rio só comia quando o batalhão almoçava e jantava, aí quando não sobrava comer, a gente comia na rua. Passei 47 dias lá no Rio.

Depois da Guerra nós nos juntamos para conversar, mas só tínhamos eu e Pedro. Tinha Severino de Augustinho, mas esse foi para Natal. Nessa época Papai dizia: “mas como é que o Exército solta uns homens novos desses”. “Mas é que a Guerra acabou Papai, aí pronto!” Mas eu cheguei a ganhar 22 mil réis por mês na época que nós chegamos. Aí subi para 30 e uns quebrados. Eu lavava os macacões dos cabos por 2 mil réis. Eles davam o sabão e eu lavava. Aprendi a lavar roupa. Um sargento me deu um ferro de engomar.

Ainda passei dois anos na Associação [Associação dos Ex-combatentes do Brasil – AECB] e quando fui fazer o requerimento para receber a pensão do Exército, tenente Otácio mandou um requerimento para eu assinar. Fazia dois meses que eu não pagava a Associação. Eu morava aqui. Aí quando eu cheguei lá o presidente disse: “eu assino, mas você tem que pagar os dois meses atrasados”. Mas eu disse: “presidente eu não tenho nem um tostão aqui, eu não tenho dinheiro não, eu só tenho o dinheiro de voltar”, “Ah, pois você arranje por que eu só assino se você pagar”. Lá eu fui para casa de um cunhado e tomei 70 cruzeiros emprestados; paguei o atrasado e ele assinou. Ele assinou e me deu a carteirinha [identidade de ex-combatente]. Eu disse a João Mauro que não pagava mais a Associação, o que me interessa na associação é isso aqui (a carteirinha). Com isso aqui você sai de qualquer prego. Aí nunca mais paguei a Associação.

A gente se apresenta todos os anos em Caicó. Um dia chegou de eu ir me apresentar, chamei o motorista que viaja comigo e disse que tinha que me apresentar. Ele disse que me levava, mas tinha que passar em Carnaúba [Carnaúba dos Dantas, cidade vizinha] primeiro. Tudo bem. Quando saímos de Carnaúba fomos passar na Rodoviária [no posto da Polícia Rodoviária Federal] aí o guarda olhou e disse que o carro tava com um defeito e não podia passar. O motorista disse a ele que tinha que ir a Caicó e ele perguntou o que o motorista ia fazer tão ligeiro em Caicó. Ele disse: “É que eu tenho que levar um danado de um ex-combatente lá para se apresentar. Ou se apresenta ou está lascado!”. O guarda encostou no carro e perguntou: “Você é ex-combatente?”. Eu disse: “sou”. E ele: “mostre aí a prova”. Eu puxei a carteirinha, ele olhou e disse: “Vão-se embora”. Ah! Esse é o lado bom de ser ex-combatente... É respeitado! Aqui não, mas no Rio, São Paulo... No Rio nós temos muitos direitos. Nós aqui não valem nada, eles mangam é muito.

Eu me lembro que quando eu disse que passava fome, era o seguinte: na casa do meu pai eu tomava café até topar, com bolo. Quando eram 9 horas vinha almoçar. Trabalhava, quando era 1 hora da tarde a gente ainda tava com o bucho cheio e ia limpar mato. Quando o sol se punha vinha para casa cear. Tinha o que quisesse ali para jantar. No Exército só comia uma vez por dia. Lá você ia para o almoço, era só um prato e não era nem cheio. Lá em cima da mesa era pretinho de mosca morta mesmo. Aí nós tirávamos a maior parte das moscas e comia. A fome era grande! Quando acabava estávamos com muito mais fome que antes. Quando eram duas horas da tarde tocava a corneta e ia para aquela garagem alimpar os mosquetões... Limpar carro... Aí de cinco horas tocava o “fora de forma” para a gente ir tomar banho e ir jantar. Mas passei uma fome danada no Exército. Mas eu ia de novo. Por que era obrigado. O cara que é expedicionário, conhece o Exército, as leis... Ser convocado e não se apresentar...

Com uns anos me chamaram em Caicó para eu assinar um requerimento para minha mulher ficar recebendo pensão se eu morresse. Então perguntei ao oficial se eu não podia perder minha pensão se assinasse aquilo. Ele disse que não me preocupasse, pois

não perderia. E eu assinei. O Exército é a coisa melhor que existe! Ah, a Aeronáutica também é bom demais. Eu tenho muitas fotos aqui daquela época... Do quartel de Caçapava.

Pedro Silvino

Nasci em 2 de abril de 1923 no sítio Maracujá, município de Parelhas. Quando era criança trabalhava com gado e agricultura com meu pai. Não quis saber de escola! Tinha escola lá por perto, nas terras do finado João Miguel, mas falar de escola para mim era a morte. Agora, sair no mato atrás do gado para mim era uma festa. Meu negócio era andar atrás dos bichos. Comecei a tirar leite com 8 anos de idade. Mamãe tirava leite com papai, aí ela achou bom eu ir tirar com ela e depois ficar no lugar dela. Ela arriava o bezerro... Você sabe o que é arriar o bezerro da vaca? Aí eu fiquei no lugar dela e pronto.

No Exército passei um ano e meio sem tirar leite. Agora, o Exército no Brasil é desorganizado demais. Quando nós fomos (para a Guerra) era uma tristeza só, porque nós podemos ser pobres como for, mas nada melhor que a casa dos pais. Aí nos tiraram de nossas casas para não ter onde botar. Ficamos no meio do tempo, no chão, na terra. Eu só sabia assinar o nome e no Exército me disseram que quem não soubesse assinar o nome não seria licenciado, ficaria lá o resto da vida até aprender. Lá tinha escola também. Nós tínhamos instrução até meio dia e depois aula.

Naquela época não existia lazer em Parelhas. Eu passava os finais de semana em casa, não tinha para onde ir. Meu pai vinha para missa todos os domingos e eu ficava lá em casa. Na segunda-feira vinha para a feira e eu ia buscar lenha, mas eu achava bom demais, ficava tomando conta de tudo. Éramos eu e mais três irmãos: Severino e mais dois. Uma vez era noite de festa de São Sebastião e mamãe estava doente. Para ela não ficar só em casa eu fiquei com ela. Eu nunca saía de Parelhas. Você já ouviu falar em Caraúbas? Caraúbas é aqui no Estado. Na seca de 1932 nós levamos o gado para lá, para um lugar próximo de lá. Eu fui lá duas vezes. Foram as duas únicas vezes que saí de Parelhas. Fui a cavalo. Passei pelo rio Piranhas, lá tinha água demais e aqui seca. Andei trinta e duas léguas até Caraúbas, foram 5 dias para chegar lá, andando devagarzinho com o gado. Hoje você vai ali, dois quilômetros, buscar um gado e vai de carro, mas eu achava aquele tempo melhor do que agora.

Eu comia o que dava no sítio: feijão, arroz, batata, leite... Meu pai tinha o gadinho dele, e dava para viver bem, honestamente. Desde que me entendo por gente nunca vi meu pai dever nada a ninguém. Hoje o mundo está muito desmantelado, o cara passa um ano trabalhando em um sítio de outro e já quer tomar, ser dono. Quando ele sai de lá quer levar metade do sítio. Assim ficou muito difícil não foi? Naquela época tinham trabalhadores no sítio, tangiam burros na estrada, mas eram nossos amigos. Eles viajavam muito para o Brejo [região da Paraíba], para buscar alimentos, feijão, rapadura... Tudo a cavalo. Naquela época quem tinha bicicleta era rico. Hoje ninguém quer mais bicicleta, só moto e carro novo. O médico da cidade era Dr. Lordão. Papai era muito conhecido dele. Se agente ficasse doente, com muito jeito ele ia lá [no sítio]. Iam a cavalo, tanto ele como o padre. Quando alguém estava para morrer no sítio, vinham pegar o padre para confessar. Ele ia a cavalo. Quando meu pai adoeceu, no outro dia amanheceu doente sem poder falar. Dr. Ulisses foi lá ver ele, mas não deu mais, naquela época pesava a amizade com o médico e padre.

Durante a Guerra todas as noites recebia notícias dela. No sítio vizinho tinha rádio. Tinha um irmão meu que aprendeu a ler e gostava de ficar informado. Toda noite ele atravessava o rio para escutar as notícias da Guerra, chegando de nove horas da noite e dizendo tudo para gente. O grande medo de meu pai era o sorteio. Já tava chegando perto. Antes de começar a Guerra a Alemanha queria tomar o mundo. Esse irmão meu chamava-se José e ele me disse: “O alemão vai para Jerusalém e a Guerra vai durar

cinco anos”, e papai ficava bravo com ele por que podia chegar o tempo de eu ir também. A Guerra durou mais de cinco anos uma coisinha, mas meu pai não gostava quando ele dizia isso. E foi como meu irmão dizia, ela durou cinco anos e uma coisinha, começou em 39 [1939] e acabou em cinco de maio de 45 [1945].

Eu cheguei aqui [em Parelhas] no dia 25 de maio [de 1945] por que nós demoramos no caminho. Nós vimos de navio. Agora, a ida foi um inferno. Nós passamos 5 dias no mar, só água e céu sem comer porque eu enjoiei muito no navio. A comida não prestava. Alguns tinham condições e levaram alguma coisa para comer.

Antes da convocação na cidade a conversa era uma só: a Guerra. O povo morria de medo de ver seus filhos convocados. Muitos daqui foram à Itália. Eu só não fui por que estava no hospital doente. Morreu um bocado lá. Naquele tempo se dizia “cair no sorteio”, eles botavam o nome daquela pessoa, mas só ia se fosse registrado. Quando papai viu meu nome lá, não prestou não. Teve gente que nasceu no mesmo ano que eu, mas não era registrado e não foi. Eu era e tive que ir. Naquele tempo só registrava se fosse em Jardim (Jardim do Seridó, cidade vizinha). Eu saí de casa quase escondido, pois meu pai não queria que eu fosse. Saí de casa de madrugada para pegar o ônibus, mas ele vinha tão cheio que não coube. Aí ficamos 16. Florêncio Luciano (prefeito) era dono de usina, ajeitou para a gente ir no outro dia num caminhão dele. Meia carga de lã e nós no meio. Eu vim do sítio a cavalo, e fiquei na casa de um parente na cidade, depois mandei um amigo deixar o animal de volta no sítio. Daí fui para Natal. Éramos 16 no caminhão. Saímos de 8 horas do dia e chegamos lá no outro dia. Estrada de barro... Era um medo danado da Guerra. O filho de Elísio Cândido ia com a gente, mas com ele foi o contrário: o pai dele queria tanto que ele ficasse lá, mas ele acabou não ficando. Voltou porque era um tipo malandro. Minha mãe achou muito ruim a convocação, mas meu pai achou pior.

Quando nós chegamos lá (em Natal) não tinha alojamento no quartel, ficamos no mato. Eu já fui preparado e levei um cobertor que dividi com um colega meu daqui, servia para nós dois. E se tivesse chovendo? Depois fomos para as barracas e passamos 12 meses embaixo de barracas de lona, aí melhorou mais. Mas chovia tanto que de manhãzinha entrava água por debaixo da barraca e a gente acordava molhado. Lá passamos 12 meses e quando saímos da barraca fomos para dentro do navio. Era pior que na barraca. Agente não sabia para onde ia. Nesses doze meses de barraca todos os dias tinham instrução. O ruim era tirar serviço de noite. Agora lá em Caçapava eu não tirava, por que fazia os mandados para o tenente. Estranhei muito quando cheguei a Natal, achei ruim, mas lá tinha os outros caras, e a gente ia se acostumando.

Ninguém vinha em casa não, só quando saía escondido, desertava sabe? Aqui em Parelhas tem dois da minha idade, os dois do mesmo ano, os dois voltaram escondidos. Se fossem pegos eram dois anos de cadeia e tinham que tirar o tempo. Foi o tempo que acabou a Guerra. Naquele tempo o presidente era Getúlio Vargas e quem não se apresentasse era pego por eles.

Lá em Natal o tratamento que davam para gente era fraco. Eu não gostava da comida. Eu levei um dinheirinho e meu pai também mandava. Naquele tempo podia se mandar até na carta. Lá tem o que se chama “estafeta”, que carrega as cartas do povo. Era um baixinho.

Aqui em Parelhas só tem um mais novo que eu. Lá em Natal o treinamento era enjoado. Tínhamos que ficar de sentinela na beira da praia e ter instrução de tiro. Em cada serviço eram três, de duas em duas horas um. Os praças antigos às vezes nem iam render a gente e a gente tirava a noite toda. Ficavam só os novatos e o sofrimento era grande.

Vi muitos estrangeiros lá, mas não tive muito contato com eles, eles só passavam, eu ouvia os embulados deles mas não entendia nada. Ficavam mais no campo de aviação, na base. Eram muitos, na cidade de noite tinha demais. Eles se davam bem com o pessoal.

O interessante lá era o ganho da gente, passamos 6 meses ganhando... Parece que eram 78 cruzeiros, aí depois passava para 108 depois de um ano. No Rio de Janeiro quando incorporaram ao Exército americano [quando a Força Expedicionária Brasileira – FEB – incorporou] era 2.500 [cruzeiros]. Lá em Natal ganhava-se menos que em São Paulo. Mas naquela época não era capital não, era Caçapava, hoje penso que emendou. Quando nós fomos para São Paulo [de navio] era o maior medo por que os submarinos alemães estavam nas águas brasileiras, mas nós não vimos nenhum. Cada um [soldado] era com salva-vidas do lado. Quando anoitecia ninguém conversava mais com o outro, ninguém jogava mais nada dentro d'água, e ficávamos calados a noite toda. Nós só tínhamos medo dos alemães quando estávamos dentro d'água, Na praia não. Na água o medo era grande demais. Naquele tempo a Rússia era comunista, mas ajudou a derrotar a Alemanha.

A gente ouvia muita coisa da Guerra lá, mas era só de ouvir dizer. Lá eu sabia de tudo sobre a Guerra. Se a Guerra não tem acabado tinha ido o resto. Morreu um bocadão. Mas de dez amigos meus foram para a Itália. Severino Bieca [Severino Nicolau da Silva] que mora ali foi. Foram dois severinos: Bieca e dos Santos. Eles escolhiam quem ia para a Itália pela cara. Na noite que escolheram eu estava no hospital doente com umas coceiras que apareceram. Lá tinham muitos praças antigos. Cariocas, paulistas, muita gente do Sul. Teve a formatura na praça e eles em vez de correrem para o quartel no final correram para estação de trem. Deram um aviso: Quem quiser ir para a Itália saia fora de forma. No meu pelotão saíram um bocado de soldados que queria ir, o resto eles saíram tirando. Tinha cara que começava a chorar logo lá com medo.

Nós ficamos jogados lá. Vim de navio até Recife, de Recife de trem até Natal e de lá pegamos o transporte para cá [Parehas]. Vimos de caminhão, saímos de lá à noite, paramos em Currais Novos, pois tinha uma festa lá. Vinha muita gente no caminhão também de outras cidades. Quando cheguei minha mãe estava doente no hospital. Fazia um ano e meio que não a via, meu pai estava no sítio e veio me ver. O companheiro que veio comigo dormiu lá em casa, ele ia para o Castelo [sítio Castelo], vizinho ao nosso.

Depois que voltei minha vida no sítio continuou do mesmo jeito que era. Trouxe muito pouco dinheiro, lá eu não passava pior por que meu pai mandava um dinheirinho. Naquele tempo eu escondia o dinheiro até na calça, hoje não dá mais não. A gente pensa que tem pouco, mas tem muita gente que vive pior. Na hora do rancho [rancho era o refeitório] tinha colega que sabia que eu comia pouco e já ia para perto de mim para eu dá a ele. Isso não é triste? A comida lá era muito ruim, mas tinha gente que vendia uns trocinhos do lado de fora, aí quem tinha uns trocadinhos comia lá, e quem não tinha rapaz? A gente acha que a situação não é boa, mas tem outros muito mais fracos, pior. Naquele tempo era pior, mais difícil. Depois apareceram uns empregozinhos para quem serviu o Exército, de dois salários, eu não me lembro o que era. Mas eu não quis não, depois apareceu coisa melhor a gente que ficou no Brasil começou a ganhar como os que foram para a Itália. Mas eu só fui ganhar em 81 [1981] como ex-combatente. Eram dois salários, mas só em 88 [1988] eu comecei a ganhar como militar, houve uma constituinte. Antes continuei na agricultura com meu pai. Vieram quase todos os companheiros meio amalucados: Ovídio Lã [Ovídio Diniz], Luis Carteiro [Luis de França]...

A gente conversava muito sobre a Guerra na rua, na praça. Agora rapaz, ex-combatente mesmo já tem bem pouco vivo. Todo ano a gente tem que se apresentar em Caicó para

saber quem está vivo. Todo ano vou com Zeca Rendeiro [taxista] assinar o nome e conferir os documentos. Eu tenho a carteira da Associação de ex-combatentes, tem um descontozinho para ela. Mas nunca fui à Associação em Natal. O cara morrendo só tem direito [aos proventos] se for a esposa, se for um menor ou deficiente. Tem uma história agora de uns casamentos... Não sei!

Ainda converso com os ex-combatentes. Ainda guardo lembranças da Guerra, roupa não, mas documentos, carteira de reservista... Ainda tenho os documentos de quando recebi o primeiro dinheiro... Lá no quartel quando a gente precisa o sargento atende a gente bem demais, mas bem demais mesmo; uma coisa mesmo de “vou fazer por vocês”. Agora rapaz, a gente tem esse ganhozinho, mas quando desaparece fica a família. Ela fica amparada.

Se pudesse voltar no tempo eu ia de novo. Por um lado hoje é uma beleza ser ex-combatente. Houve umas heranças do meu pai, mas eu não quis. Lá no quartel a primeira coisa que aprendemos é respeitar. Antes se a gente no Exército errasse um pouquinho era perdoado, hoje é castigado. Em vez de ser cadeia era um dia ou dois sem sair na rua. Era muita conversa. Agora depois de 6 meses quando o cara era experiente eles não perdoavam muito. Mas a criação influi. Se você tem boa criação não dá trabalho. Eu imagino esse ganhozinho da gente... Se um dia morrer deixa para a família. O ganho para nós é muito bom, para quem não estudou e não tem letras. A gente faz aí uns arrumadinhos. Comprei umas 4 casas e ainda estou pagando. Ela é cara, tem garagem...²⁹³ Hoje moro com minha enteada e uma empregada. Também tenho uma filha que mora perto e de vez em quando aparece.

²⁹³ Neste instante o depoente nos mostra sua casa, fotos dele espalhadas pela casa. Em uma delas Pedro Silvino muito jovem. No rodapé os dizeres: “Lembrança dos meus tempos militares no período da Segunda Guerra Mundial.” Também mostra várias outras fotos, como as do filho, da esposa e dos pais (todos falecidos).